

Luciana Ferreira



QUARENTENA

Crônicas de uma quarentena autista atravessando a quarentena



• EDITORA
IFMG

Luciana Ferreira

QUARENTENA

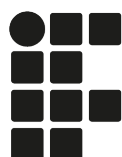
Crônicas de uma quarentona autista atravessando a quarentena

• EDITORA
IFMG

Presidente da República
Luiz Inácio Lula da Silva

Ministro da Educação
Camilo Santana

Secretário de Educação Profissional e Tecnológica
Marcelo Bregagnoli



INSTITUTO FEDERAL
Minas Gerais

Reitor
Rafael Bastos Teixeira

Pró-Reitora de Inovação, Pesquisa e
Pós-Graduação
Gislayne Elisana Gonçalves

Editor

Alexandre Delfino Xavier

Conselho Editorial

Ana Paula da Silva Rodrigues
Atair Silva de Souza
Camila Cavadas Barbosa
Daniel dos Reis Pedrosa
Daniela Flávia Martins Fonseca
Fernanda Morcatti Coura
Jacqueline Cardoso Ferreira
Ludmila Nogueira Murta
Nayara Fernanda Dornas
Rafael Palhares Machado

Preparação de texto:
Flávia Alves Figueiredo Souza

Prefixo editorial: Editora IFMG
Linha Editorial: Artístico-literária

Projeto gráfico, diagramação e capa:
Henrique Cantilho da Silva

• EDITORA
IFMG

Contato

Endereço: Av. Professor Mário Werneck, 2590, Buritis
Belo Horizonte - MG.
CEP: 30575-180. Telefone: (31) 2513-5100
E-mail: editora@ifmg.edu.br | www.ifmg.edu.br

QUARENTENA

Crônicas de uma quarentona autista atravessando a quarentena

Os textos assinados, no que diz respeito tanto à linguagem quanto ao conteúdo, não refletem necessariamente a opinião do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais. As opiniões são de responsabilidade exclusiva dos respectivos autores. É permitida a reprodução total ou parcial desde que citada a fonte.



F383q Ferreira, Luciana.

Quarentena: crônicas de uma quarentona autista atravessando a quarentena [recurso eletrônico] / Luciana Ferreira. – Belo Horizonte: Instituto Federal de Minas Gerais, 2024.

101 p.

E-book, no formato PDF.
ISBN 978-65-85821-03-2

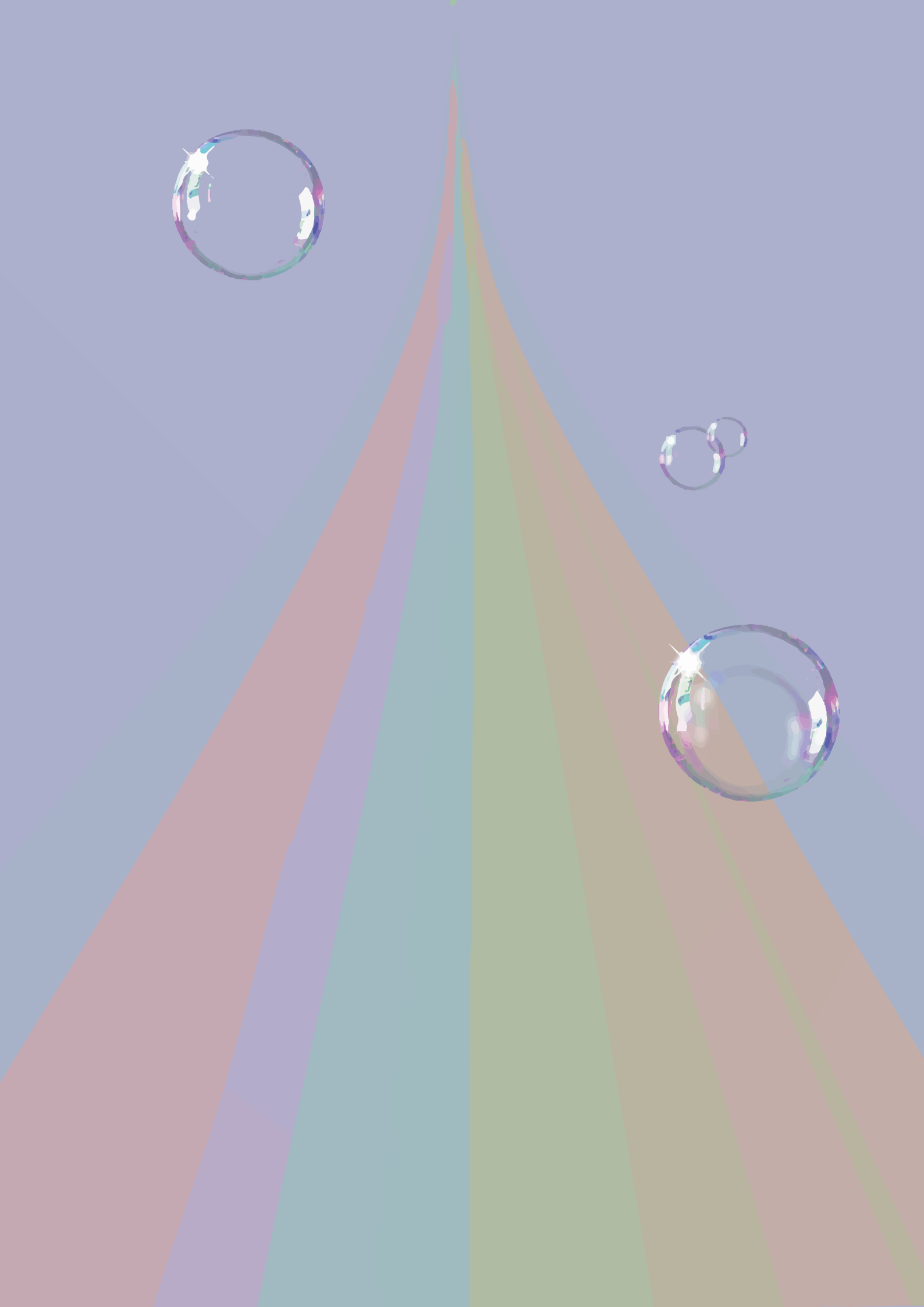
1. Literatura brasileira. 2. Crônicas brasileiras. 3. Autismo. I. Ferreira, Luciana. II. Título.

CDU: 821(81)-9

Catálogo: Kelly Cristiane Santos Morais - CRB-6/3217

Esta obra está licenciada sob uma licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.





Quarenta

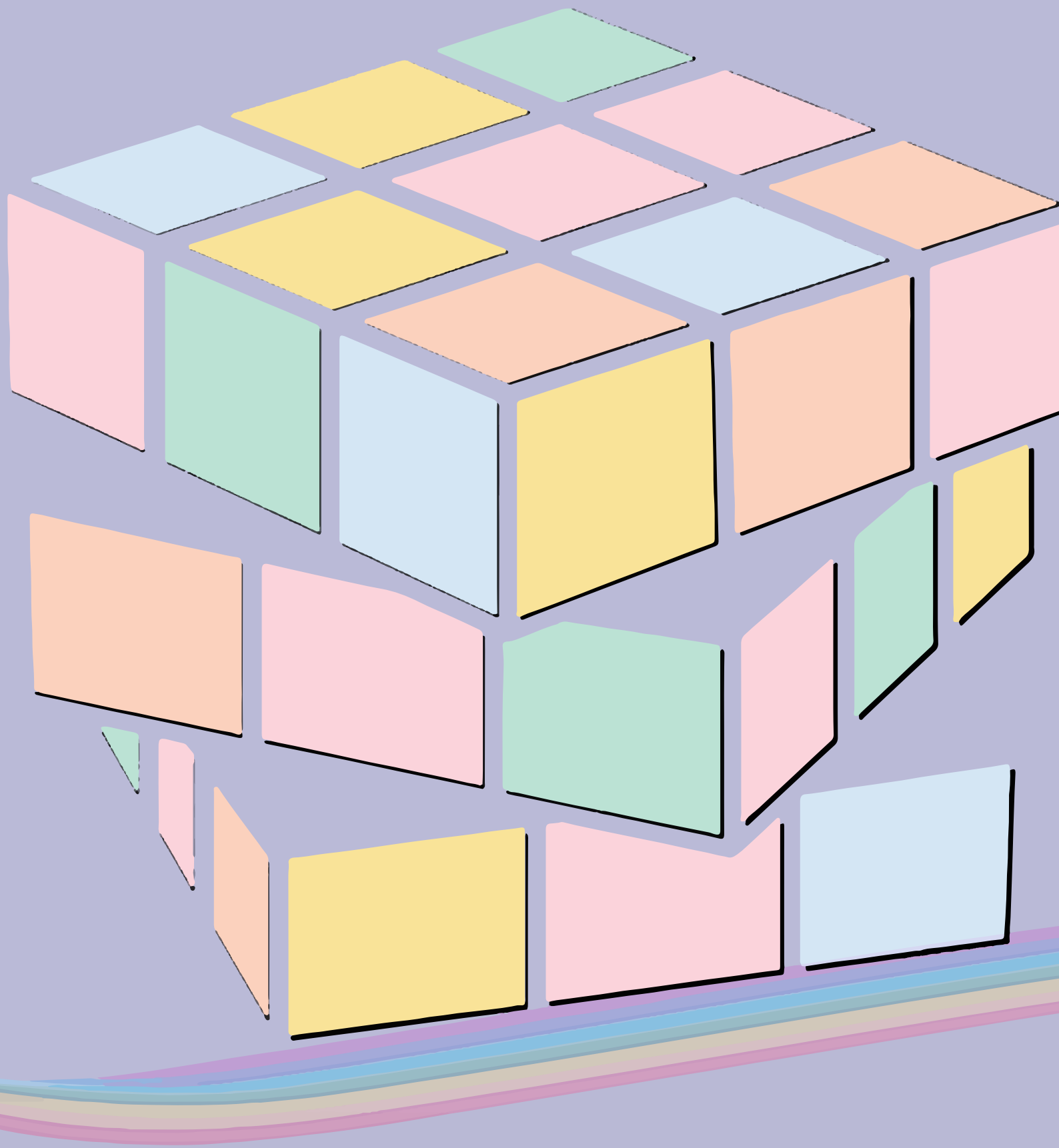
Crônicas de uma quarentona autista
atravessando a quarentena

Por Luciana Ferreira

Dedicatória

Esta coletânea é dedicada a todas as mulheres que se descobriram ou vão se descobrir maravilhosas, do jeitinho que são.







Sumário

Apresentação	13
De repente, você já não tem mais 20.	15
Miseráveis	16
Eu não sei sentir saudades	17
O mundo da agonia	19
A revolução começa em casa.	21
Quase cheia	22
Mulheres são de Marte.	23
Esse mundo cansa.	25
Os vira-latas do mundo	26
Não estou aqui para agradar.	27
Trevas pós-modernas	28
As mulheres não são amigas.	30
Algumas reflexões:	32
Tudo pelo poder! O poder de ser deus	33
Hoje eu vi um zumbi.	36
Houve um tempo	37
Os Coringas	38
Eu não sou obrigada.	40
O Brasil tem o preconceito de cor, não o de origem.	42
Já estávamos em quarentena.	44
Você amaria um Jesus preto?	46
É no supermercado que a sociedade aparece.	48
O sentido da vida e da escrita	50
Seres humanos: interesses individuais ou coletivos?	52
Reflexão dos 40 e poucos	55
O ser humano evoluiu?	56
Tecnologias - toda imaginação é uma visão do futuro	59
Brasil de 2015 - Idade das Trevas	60
Sobre o sentido da vida	62
A eterna mesmice do EU caótico em construção	64
Odeio ser mulher.	66
O ser tem que ter brio!	67
Desapego	68
Amar é decisão.	69
Que diabo é a ética?	70
As crianças que matamos.	72
Fogachos: anúncio da decadência?	74

O mundo só vai mudar quando cada um lavar o seu próprio banheiro.	75
Mundo de gente falsa	76
Ser madrasta	77
Sobre o direito à preguiça e a sociedade do cansaço	79
E os gêneros?	80
Família normal	82
A decadência da educação no Brasil: existem soluções?	83
O que é Deus?	86
Considerações sobre o aprendizado de línguas	88
Entrevista com algumas mulheres que receberam o diagnóstico tardio.	90
Depoimentos	95
Para saber mais	101



Apresentação

Foi na pandemia que recebi o diagnóstico oficial de autismo nível 2 de suporte, um diagnóstico inesperado porque pensei que estivesse no nível 1 e não necessitasse de tanto apoio; o diagnóstico veio de um neuropsicólogo e, por esse motivo, pretendo realizar novos testes mais específicos, mas já não tenho dúvidas. Comecei a desconfiar de minha condição quando iniciei pesquisas para entender o comportamento do meu enteado, que tinha cadernos lotados de itinerários de ônibus e conhecia todas as rotas de Belo Horizonte, extremamente o oposto de mim, que me perco na mesma cidade em que moro há mais de 30 anos. Ele é uma criança de notável inteligência e sensibilidade, mas possui características peculiares, como gostar de falar com vozes agudas como se fosse um personagem de desenho.

Quanto mais eu estudava sobre o espectro, mais compreendia a causa de tantos sofrimentos que passei pela vida, e mais entendia, também, as dificuldades que meus próprios filhos enfrentavam em relação à sociabilidade, ao uso da linguagem, à extrema sinceridade, à ansiedade, à depressão, entre outras especificidades que fizeram parte de nossas vidas. Pensei muito sobre tudo e resolvi pagar para fazer a minha avaliação, pois eu sei como é importante o papel dos pais dentro de uma família, eles precisam estar bem para dar suporte a todos os outros.

Eu ainda não tenho o diagnóstico de meus filhos e enteados, mas o meu diagnóstico possibilitou a compreensão de diversas situações que me causaram depressão, medo, ansiedade e desespero. Finalmente, consegui compreender por que me sentia e me denominava Mulher Alienígena e, principalmente, fui capaz de entender que ser como sou também é normal e tem motivos naturais, descobri que eu não era a fria, a chata (às vezes, talvez), a antissocial, a mulher que não gostava de gente, a “entojada”, a fresca, a metida, o robô, a tímida, a lerda, a louca; eu sou uma pessoa que está no espectro do autismo.

Há um discurso que diz que nossa sociedade atual quer patologizar tudo e que esses diagnósticos não importam se a pessoa consegue ter uma existência funcional, me desculpem, mas importam! Saber como uma pessoa age, reage e interage com o universo que a rodeia, compreender que a pessoa possui sentidos com diferentes parâmetros e reage, muitas vezes, de maneira exagerada a estímulos, entender que interações sociais sobrecarregam essa pessoa e a deixam exausta e que, também por esse motivo, ela evita interagir desnecessariamente, compreender que o indivíduo dentro do espectro não é frio, mas extremamente sensível, mesmo que reagindo e agindo de maneira atípica nos relacionamentos, saber e compreender todos esses e outros aspectos do autismo é extremamente importante para a sobrevivência do indivíduo dentro do espectro e para a convivência de todos os que possuem relações com ele.

Identificar, diagnosticar, é importante para aquele que está dentro do espectro do autismo, uma vez que ele saberá o motivo de certas inadequações ao mundo que o rodeia, podendo agir, com a devida ajuda, para minimizar os problemas que “ser diferente” pode causar, mas, o mais

importante, é saber que não está sozinho e que é parte de um todo de diferenças. Para amigos, cônjuges, familiares, o diagnóstico é importante pois potencializa a compreensão sobre as características da pessoa participante de suas vidas e para que seja possível uma convivência mais tolerante, respeitosa e fraterna.

Até hoje estou me aceitando e não sei até quando vale a pena revelar minha condição, não sei se isso poderá melhorar ou piorar os meus relacionamentos ou a visão que os outros têm de mim nas esferas em que circulo, mas, ao negar-me, estarei fazendo o mesmo que tantos outros já fizeram, e é preciso parar de negar o diferente que, na verdade, é o comum.

Essa condição (o autismo) me traz prejuízos, como o de me perder em minha cidade, ou sempre ficar em dúvida sobre qual casa é a da minha prima, também me faz ficar irritada quando penso em conhecer pessoas, ir a festas, quando chega o fim de ano, me faz devanear, ter crises, sofrer com o calor, o barulho e a luz, e por aí vai... Porém, nessa condição, com dificuldades, consegui terminar um mestrado, criar filhos, enteados, passar em concursos, trabalhar, desenhar, esculpir bonequinhos e tantas coisas que sinto que há um equilíbrio compensador, como acontece a todos os seres humanos. Ainda sofro muito, ainda me busco e procuro me entender e me aceitar, assim como sou, este livro é uma parte do caminho.

Bem, e foi justamente aos 40 anos, na quarentena, que descobri tudo isso, talvez, numa das épocas mais difíceis de nossas vidas.

Relendo meus antigos textos e os atuais, comecei a compreender por que motivo os escrevia, e passei a enxergar neles os traços que já estavam presentes desde sempre, traços que tentava explicar para mim mesma através de palavras exorcizadoras.

Nestes textos, estão minhas feridas abertas, o meu eu autístico, minhas reflexões de mulher, mãe, madrastra e amante de 40 anos que, como tantas outras, passou por uma quarentena. Os textos foram escritos ao longo de alguns anos, mas exprimem bem a identidade de uma mulher que luta para sobreviver, dar conta da vida com todas as suas peculiaridades. É um livro saboroso que pode ser lido quando aprouver, em forma de pílulas ou de um gole só. Por intermédio das palavras impressas aqui, talvez, seja possível que alguém possa compreender um pouco sobre o universo de uma mulher autista, madura e que passou por momentos difíceis, mas está aqui, viva nestas palavras.

A fim de enriquecer e complementar os sentimentos e informações expressos nestas crônicas, trouxe uma reportagem que fiz para a minha revista experimental (*Revista Cumbuca*) com três mulheres que também tiveram o diagnóstico tardio de autismo, além de depoimentos inéditos.

Obrigada por compartilhar.

De repente, você já não tem mais 20.

Sempre brinco que para sempre terei 20 anos, mas o tempo é implacável! As marcas de tudo o que vivemos, de todas as dores e sofrimentos grudam em cada molécula e vão destruindo o nosso corpo frágil. De repente, você não é mais aquela pessoa infalível, invencível e imortal que era aos 20 anos. Sem que percebamos, nossas capacidades vão diminuindo gradualmente e o que estava distante vem de encontro a nós e nos assombra. Nesse momento, você se olha no espelho e percebe as linhas crescentes, os poros, as manchas, tudo o que não estava ali até ontem. Você não tem a mesma disposição nem a mesma coragem; você não é o mesmo e, não, não tem mais 20 anos. De repente, você não é tão saudável quanto antes e precisa se cuidar, e é nesse momento que você começa a prestar mais atenção e dar valor a cada segundo de sua vida (ou não). Tudo isso, de repente!

O peso fica sobrecarregado e os atos têm mais consequências, começamos a nos preocupar com a nossa rotina, com tudo o que estávamos habituados e, de repente, devemos mudar tudo! É assim, de repente; é nesse momento que descobrimos também que talvez ainda tenhamos 20, pois ter 20 não depende só do corpo; o corpo se deteriora, mas não é de corpos apenas que somos feitos, somos a energia do que realizamos, pensamos e externamos com nossas ações e expressões, todos os dias. Começamos a perceber que a maneira como vivemos e sentimos as coisas interferiram mais em nossos corpos do que o próprio tempo, e é disso que devemos cuidar antes de tudo, de quem somos, tratando de ter para sempre 20, até que os nossos corpos se cansem e nos libertem.

Miseráveis

Hoje eu sou capaz de compreender o motivo pelo qual muitos seres humanos abandonaram tudo e foram fazer miçangas, viraram andarilhos, mendigos, monges budistas, tentaram se libertar das amarras que nos prendem a uma existência miserável. A miséria está incrustada nos poros do papel no qual escrevemos nossas histórias, de lá não sai, mancha tudo como o pó do grafite quando se derrama do apontador sobre a lauda. A miséria é que nos obriga a buscar incessantemente por aprovação, por amor, por sorrisos, por um lugar mais elevado; é a miséria que nos torna tão ridículos e cruéis quanto todos os que nos machucaram, nos humilharam, nos cuspiram no rosto.

É através da miséria que vestimos máscaras todos os dias, máscaras de hippies apaixonados, militantes desesperados, entidades bondosas, capatazes bem-sucedidos, pais exemplares, empreendedores fervorosos, estudantes nota 10, marginais temíveis, benfeitores, e de tantas outras personas vazias que caminham pelas cordas bambas do planeta.

A miséria nos obriga a fingir que não temos sono, que não temos fome, que não desejamos ou odiamos, mas, às vezes, também nos obriga a odiar demais, a amar demais, e a ser fã demais, porque a miséria é uma prisão feita de prescrições temporais e ilógicas; a miséria nos coloca no lugar de marionetes clicáveis.

Somos miseráveis quando nos movemos inconscientemente em busca de reconhecimento daqueles que não fazem parte de nossa vivência ou nos ignoram, somos miseráveis porque queremos o amor de desconhecidos, desejamos os prêmios que eles criam, seus olhares invejosos e admirados, seus desejos escusos lançados a nós. A miséria alimenta nossa ânsia vaidosa por reconhecimento.

Nós, seres humanos, não passamos de um amontoado de hormônios e de valores. Valores miseráveis criados por humanos miseráveis. Nossos valores nos dizem sobre o que é certo ou errado, sobre o que é bom ou ruim, sobre o que devemos ou não devemos ser, desejar ou suportar. Nossos valores nos colocam em um lugar e nos dizem a qual lugar devemos nos dirigir. Nossos valores nos tornam miseráveis.

Somos miseráveis quando precisamos sorrir para quem odiamos, dizer sim quando deveríamos dizer não, agir de determinado modo mesmo que seja doloroso, aceitar a intervenção desrespeitosa de outro, negar nossas necessidades, ou tudo o que nos cause desconforto para obter ganhos cujos valores se sustentam nos discursos sobre escalada social, ou naqueles sobre a aceitação de grupos, sejam lá quais forem. A miséria nos torna “pangarés” da sobrevivência trouxa.

É fácil cansar-se de ser miserável, mas não é fácil deixar de ser miserável na existência sem ser miserável na vida. Como livrar-se das necessidades criadas pelos valores sociais sem livrar-se das necessidades básicas de sobrevivência, como a de se alimentar? Como deixar de ser pangaré na vida e continuar existindo?

Só quando essa sociedade miserável for capaz de reconstruir todos os seus valores.

Eu não sei sentir saudades¹

No Brasil, assim como em outras partes do mundo, há o culto às demonstrações intensas de emoção, o que podemos ver em relação ao futebol, por exemplo. Cultuamos as demonstrações apaixonadas de amor, dor, fé, ódio e até mesmo de servidão, e essa maneira de demonstrar sentimentos é considerada ideal e correta, o que foi percebido recentemente em uma reportagem da Globo sobre o nadador que quebrou um recorde e não demonstrou reação emotiva de acordo com o que se “é esperado” nos esportes, especialmente; o tom da reportagem nos dava a entender que alguns esportistas, e algumas nações, são “frios” e não valorizam e celebram as conquistas como os brasileiros que, de acordo com os argumentos apresentados, são os exemplos de manifestação. Nessa lógica, pais torcedores incentivam os filhos a sofrerem desmesuradamente nos campos como sinal de devoção exemplar ao seu time e, se flagrados por alguma câmera em prantos escandalosos, o orgulho será eternizado e lembrado para sempre, “espalhafatosamente”.

Nossa sociedade espera que sejamos “calorosos”, como os estereótipos nos descreveram por décadas nos quatro cantos do mundo. Devemos ser alegres, amorosos, carinhosos e estar o tempo todo ocupados com aqueles que amamos, especialmente os familiares. O ideal é renunciar a nossos desejos, nossas individualidades, em favor dos membros de nossa família, e o exagero aplicado nesses casos tem gerado muita gente folgada, mas isso é outro assunto. Podemos dizer que quem não se encaixa nesses padrões é visto de maneira negativa, embora vivamos em um tempo louco de grande abertura e possibilidade de escuta das minorias, mas, também, um tempo de avanço (ou retrocesso) do conservadorismo.

Dizer que se sente saudade (sentindo ou não), tornou-se uma obrigação, pois é de bom tom “sentir saudade”, morrer de saudades então é a expressão máxima do amor. Sobre a palavra e o sentimento de saudade, novamente recaem os estereótipos que dizem que só a língua portuguesa possui essa palavra e, conseqüentemente, conferiria ao seu povo falante a especificidade de possuir esse sentimento, o que popularmente nos daria um status maior na evolução da humanidade sensível.

De acordo com matéria na revista *National Geographic*:

¹ Escrevi este texto antes de ter o diagnóstico de autismo, que tornou mais claras situações pelas quais fui julgada e que me impulsionam a escrever diversos textos como este. A suposta frieza, falta de empatia e desinteresse pelas relações sociais são assim considerados pelo desconhecimento das características autísticas que levam as pessoas a se afastarem ou se ressentirem quando não recebem o que esperam de pessoas neuroatípicas. Na verdade, muitos indivíduos que estão dentro do espectro são altamente sensíveis, mas, às vezes, incapazes de lidarem tipicamente com os estímulos provocados pelas interações sociais, além de estarem tão imersos em seus universos a ponto de se esquecerem do mundo exterior, o que não significa falta de empatia ou de amor pelas pessoas de seu círculo.

“Saudade” representa um conjunto de sentimentos, normalmente causados pela distância ou ausência de algo ou alguém. Esta ausência pode ser física ou não, isto é, pode sentir-se saudade quando alguma relação de amizade, por exemplo, termina. Esta palavra expressa, então, um sentimento que envolve afetividade”.

Eu não sofro por saudade, muito menos morro. Eu não fico remoendo situações que já se foram, eu não fico sofrendo pelas pessoas que estão longe. Eu não revivo o passado com dor. Eu não vivo no passado ou onde não estou fisicamente.

Sim, gosto de recordar de momentos bonitos, gostosos e revê-los como vejo um filme, um filme de mim mesma. Rio de novo, sinto de novo e pronto. Lembro das pessoas, dos momentos que tive com elas, lembro-me com prazer e depois os deixo em paz. Eu não vivo lá. Eu não quero voltar para lá. Eu não quero que hoje seja como ontem. Eu “re-sinto”, mas não sofro.

Alguns acham que isso é frieza, é não gostar das pessoas, é não se importar. Eu gosto e me importo com as pessoas, mas não preciso de todas elas o tempo todo. Eu desejo que estejam felizes, que estejam curtindo a vida, e, se sofrem, isso me dói, mas eu não preciso da presença física delas, nem de monitorar suas vidas minuciosamente. Quero saber se estão bem, quais as novidades, quais os planos e no que posso ajudar.

É bom viver novos momentos com velhos conhecidos, assim como com novos. Mas, vivo muito dentro de mim mesma e minha mente é tão cheia que os dias passam e não cabe tudo, mas quase tudo está lá, num bom lugar, embora escondido.

Sinto falta verdadeira apenas do que faz parte de mim todos os dias e, que no momento, são meus filhos, enteados e marido. Sinto falta da rotina, do que espero, do que faço, do que tenho, não do que já perdi, do que já se foi, do que não é. Mas, não sofro.

Se isso é ter frieza, que seja. Não digo sentimentos por dizer. Não utilizo palavras levemente. O que digo é o que vai em mim, e isso é o que vai. Ser frio em nossa sociedade nos remete a algo negativo, ruim, marginal, delinquente. Frieza é qualidade de psicopatas (os que usam palavras para forjar todo o tipo de emoção quente); frieza lembra frigidez sexual, tão em voga nos anos 70, condenando as mulheres “defeituosas” que não sentiam prazer. Ser frio é não se comover com o outro, com sua dor, com seu sofrimento. Ser frio é não chorar no jogo de futebol; ser frio é não quase morrer no velório, não ser carinhoso e não gostar de ser tocado. Ser frio é não ser humano (de acordo com nossos modelos de comportamento).

Chega de sofrimento e de dor pelo que não tem que ser dolorido. Chega de desejar o que não se tem. Chega de sofrer por aqueles que já se foram ou que querem estar em outro lugar. Não quero dizer que temos que cortar laços, esquecer, deixar, ignorar. Que os encontros e as partidas sejam leves, pois são breves. Que saudades sejam sinônimos de doces e belas lembranças, que sejam mortas e guardadas, que não sejam um fardo que vem do passado, ou do ausente, para interromper o fluxo da vida.

O mundo da agonia

Eu não sei mais viver nesse mundo. O mundo é esse, o que tenho, não posso mudá-lo; preciso aprender a viver nele, mas, como diria a minha avó, “é difícil ensinar novos truques a cavalos velhos”.

Talvez esse sentimento faça parte dos saudosistas inconformados com as mudanças tecnológicas que sempre existiram em todas as épocas, provavelmente. Talvez eu seja parte da parcela infeliz, melancólica e depressiva da sociedade, que não consegue ver as qualidades do “novo”. Será?

Por que eu não sei viver nesse mundo?

Esse mundo me cansa. As pessoas desse mundo me cansam. Sou uma velha rabugenta, finalmente. O que posso fazer com o sentimento de terror que sinto ao perceber que as vivências estão se transformando drasticamente, assim como as formas de sentir, de interagir, de enxergar o mundo? Quais são as memórias que estão sendo construídas nessa nova dinâmica proporcionada por telas diante de nossos olhos? Quais as sensações que farão parte de nosso modelo de mundo?

Os seres humanos estão cada vez mais destacados. Não, não se trata de se destacarem na sociedade, mas de se destacarem do resto do universo, ou seja, trata-se de se colocarem em uma condição de superioridade diante do resto do universo ao ponto de verem todas as coisas girando em torno da humanidade e em função dela, como se seres humanos não fizessem parte de um todo integrado e interdependente. Os indígenas têm muito a nos ensinar sobre esse destacamento e sobre o nosso verdadeiro lugar no mundo.

Telas. Ao acordar, a primeira coisa que fazemos é pegar a praga do telefone celular e ficar tempos inestimáveis lendo mensagens inúteis nas redes sociais. Para quem pode, na pandemia, o trabalho está sendo remoto, isso significa passar praticamente todo o dia em reuniões virtuais, grupos de WhatsApp, lives, cursos, seminários, webinars, tudo na tela. Para quem não pode, muitas vezes, depende de um telefone para trabalhar, e quando tem uma folga, passa os minutos “livres” olhando outras coisas no celular. As crianças e os adolescentes? Cada um tem um telefone (nas camadas da sociedade em que isso é possível). Despencam de aulas on-line para o computador, do computador para a TV conectada à internet. E assim se formam hábitos, perspectivas, modelos, comportamentos, e assim se desenvolve a capacidade cognitiva viciada e dependente. Sabemos que a desigualdade em nosso país impede que todos tenham o mesmo estilo de vida, que entre 10 famílias, 6 estão ameaçadas pela fome, mas é verdade também que o Brasil é o 5º maior mercado de smartphones do mundo. O telefone tornou-se uma necessidade real e, em países como a Índia, por exemplo, há mais celulares do que banheiros em casa, o que (apesar das peculiaridades culturais) demonstra qual é o valor que o aparelho, ou seja, a conexão com a internet, adquiriu, tornando-se mais valiosa do que comida e higiene.

O nosso cérebro está extremamente exposto a milhares de informações difusas e rasas;

isso nos leva à exaustão e cada vez fica mais difícil sentar-se e concentrar-se em algo específico e profundo, fazer conexões, criar; até escrever, para mim, ficou mais difícil, porque não tenho forças, energias, porque há tanta coisa sendo dita por tantos, porque ninguém quer mais ler ou escrever textos com mais de um parágrafo ou alguns caracteres no Twitter. Tudo cansa.

Nessa zumbilândia Matrix em que vivemos, não existe diferença entre realidade e virtualidade; não sabemos mais se estivemos em algum lugar ou vimos fotos, vídeos. Não sabemos também se aquela notícia, que já foi desmentida, foi mesmo desmentida, se os cientistas falam a verdade, se as instituições existem e são confiáveis, pois tudo é nebuloso, raso, fugidio, virtual, como em um sonho ou delírio de um louco. Pisamos em um chão de giz.

Preferimos ficar dentro de cavernas escuras olhando para telas, como em Platão. Sair cansa, sua, queima a pele. Interagir ao vivo é difícil, não tem como ignorar a mensagem e responder mais tarde. Ao mesmo tempo, todos estão extremamente ansiosos e esperam que suas mensagens sejam respondidas imediatamente, escravizando e enjaulando todos em seus aplicativos. Humanos ansiosos e inseguros.

Esse é o mundo. Um mundo de escravidão e de gente curvada. Um mundo de gente ansiosa por ter seus dispositivos grudados em sua mão, que não tolera o silêncio, não tolera a si mesmo. Um mundo que não tolera o outro.

Quem sou eu? Um ser humano que também já foi escravizado e luta todos os dias para deixar de ser. Eu quero sentir o cheiro das flores e ver o pôr do sol ao vivo. Eu quero sentir o aroma que distingue as cidades, eu quero ficar embaraçada e exausta de tentar interagir de vez em quando. Eu quero ficar tranquila tomando um café sem pensar que estou perdendo alguma novidade inútil. Eu quero ficar longos momentos sem me preocupar com o amanhã. Eu quero contar histórias para as crianças. Eu quero plantar e ver o desenvolvimento da planta. Eu quero ter o poder de desligar a tela e esquecer-me dela. Eu quero ter o mínimo de informação possível, mas todas as que sejam relevantes. Eu quero ser livre e, mais que tudo, eu quero ter paz. Espero conseguir, mas também espero não ficar sozinha em meio aos que já se transportaram para o mundo da agonia.

A revolução começa em casa.

A revolução começa quando todo o mundo de uma família, pais e filhos, tiverem a certeza de que são responsáveis por suas próprias vidas e assumirem os benefícios e as merdas, isso quer dizer:

Os pais não existem para servir aos filhos, satisfazer-lhes suas necessidades e vontades, tampouco, evitar de mostrar-lhes as verdades da vida. Lavar banheiro não é “nojento”, arrumar a própria bagunça não é sacrifício, lavar o que suja não é trabalho escravo, é o mínimo que um ser humano perfeito e com coordenação motora normal deve fazer.;

Cada um que lave sua cueca e sua calcinha, pois mesmo existindo máquina de lavar, ninguém é obrigado a ficar lidando com secreções de outras pessoas;

Derramou-pegou, sujou-limpou, abriu-fechou, se alguém dorme é porque precisa, espaços comunitários devem ser respeitados e necessidades individuais também;

Ninguém precisa de nada que não tenha sido lembrado ou utilizado por mais de um ano, as coisas existem para um determinado fim, não para ostentar quando bem quiser;

As tarefas não são responsabilidades de um ou outro, mas de todos que desfrutam da casa e do que ela oferece, desde a organização até a comida;

Não é empregada quem tem que resolver as coisas chatas e cuidar de nossos filhos, nossos filhos é que devem aprender a fazer o mínimo, e somos nós que temos que exigir do governo que tenhamos escolas e creches quando não pudermos cuidar deles para irmos trabalhar, nós e as que seriam nossas empregadas cuidando dos nossos filhos e deixando os delas sozinhos;

Sim, tarefas são chatas e cansam, por isso mesmo não é justo que uns se responsabilizem por tudo enquanto os outros descansam em paz;

Compartilhar os momentos de trabalho e os momentos bons, compartilhar! De vez em quando, gastar com o que dá prazer, porque a revolução não pode ser só trabalho.

Resumindo, não adianta ficarmos discutindo teorias sobre a sociedade, capitalismo, o socialismo, o diabo a quatro, se não praticamos os valores que idealizamos. De ideias, o inferno está cheio.

Então, é isso, se queremos uma verdadeira revolução em direção a uma sociedade em que todos se respeitem, respeitem as necessidades individuais e coletivas, se responsabilizem por seus atos e deveres, não cultivem valores consumistas e saibam se divertir, é em casa que devemos começar. Não sejamos hipócritas e irresponsáveis quando o assunto é uma sociedade justa!

Quase cheia²

Eu sou livre. Livrementemente complexa em minha liberdade.

A minha mente está sempre cheia demais e atada a assuntos demais, futuros, presentes e passados, que não é possível que me atenha a muitas outras coisas e pessoas que passarão ou passaram. Não que elas não me sejam importantes, sei bem quem é cada um e de seus valores, mas é que, infelizmente, ou felizmente, não mais espero de ninguém (apenas espero que também não esperem de mim), que eu seja ponto fulcral de suas vidas e que por mim estejam sempre à espera, consternados, ansiosos e saudosos. Espero apenas que todos estejam muito bem, pacificamente, em bem-aventurança, como disse Yeshua. Espero que TODOS vivam felizes. Se eu puder contribuir para a felicidade de alguns, bom também.

Mas estou cheia de minhas próprias desolações. Não é culpa minha. Sempre assim o fui. Mas, nunca me consumi de mim mesma, nunca abandonei as causas que me pertencem. Jamais deixei aos outros os fardos que a meus ombros pertencem. Embora não seja simbiótica, não nego o apoio de quem me oferece, assim como apoio a quem me solicita. Eu sou quase inteira. Faltam pedacinhos de onde ficaram extremas emoções. Talvez esse seja o problema, todo o meu apego foi concentrado em alguns itens. Talvez essa seja a minha paixão, a religião que nunca tive, o futebol que nunca apreciei.

Não temo mais, como outrora, ser quem sou. Ambígua, às vezes feia, maluca, libertária e às vezes moralista, como quiserem. Mas, não me nego e nunca farei tipo para agradar o aceitável ou o que fora imposto como belo. Não ligo para rótulos. Só os temo pelos que me importam. Nunca mais serei algo que não venha de dentro de minhas entranhas. Se me incomoda, incomoda, se gosto, gosto, se não, não. Não apoio ou exalto o que não quero para mim ou tenho medo de ensinar aos meus filhos. Isso não quer dizer que pense que todos os outros tenham que ser como eu. Que gostem e façam o que quiserem. Cada um em seu corpo, seu ser, sua existência.

² Uma das comorbidades que podem estar presentes em pessoas autistas é o TDAH, ou seja, muitos autistas possuem a mente agitada devido a propriedades relacionadas à quantidade e ao tamanho de ligações neurais. Neste texto, podemos também ver a suposta "franqueza" atribuída aos autistas, ou seja, uma espécie de falta de filtro social que leva o autista a dizer, na maioria das vezes, o que pensa. Obviamente, como ser humano, o autista também tem a capacidade de se desenvolver e de aprender a lidar com o mundo de maneiras diferentes, até mesmo mentindo; porém, as interações sociais já são grande fonte de desgaste físico e mental para a pessoa autista, assim sendo, o processo de mentir exigiria um esforço tremendo, o que foge da lógica para esses indivíduos.

Mulheres são de Marte.

Eu não sei como é ser homem, mas não é nada fácil ser uma mulher; não sei se essa agrura sempre foi como é, não saberia dizer o que teria sido ser mulher em outras épocas e culturas, se a *mulher-sapiens* também vivenciava os mesmos sentimentos, como saber? A verdade é que a mulher sempre meteu pavor nos homens, tanto pavor que lhe atribuíram toda a culpa da danação humana quando aquela filha de uma égua da Eva tentou e atentou contra Adão e a humanidade, fazendo-o comer uma fruta que Deus havia colocado lá propositadamente para testar o nível de submissão de sua criação, e, desde então, o mundo sofre tudo o que sofre, como o homem (e nesse caso me refiro ao gênero mesmo), que teve que começar a trabalhar para comer e sustentar os outros. A mulher, então, passou a ser uma bruxa, literalmente, que deveria ser queimada nas fogueiras por causa de seus poderes malignos, ou por ter olhos tortos ou qualquer outra coisa que desagradasse o poder vigente. Ah, mulher, tratada como um ser inútil, incapaz de pensar, de trabalhar, de tomar decisões, de votar. As coisas sérias, como fazer guerras e orgias, deveriam ser privilégios dos homens e apenas das mulheres mais sujas ainda, as com quem eles realmente queriam estar, mas nunca podiam estar.

Concentremo-nos, então, apenas na atualidade. A menina nasce, bem disse Simone de Beauvoir, e começa a ser feita menina. Apresentam-na o mundo feminino, as atribuições femininas, o que ela deve ser e do que deve gostar. Na verdade, eu não tenho certeza sobre até que ponto gostamos do que nos é atribuído, ou do que escolhemos por essa ou aquela razão, até mesmo a razão da atribuição. Se assim fosse, apenas atribuição, os meninos e meninas não seriam gays desde crianças, e são, porque já conheci muitos. O ser não se torna gay, ele é, e não sei dizer se ter mais afinidades com coisas do mundo ditas pertencentes ao universo feminino tem a ver com o que ele é, biologicamente, ou com o que ele sente de que fazer parte. E lá vou eu me perdendo nas reflexões de gênero e sexualidade, mas, enfim: temos um mundo criado para nós, e não é o de protagonistas.

Hoje, ainda ouço homens dizendo que mulher não sabe de nada. Jamais disse que homens e mulheres são absolutamente iguais, mas isso não é sobre a capacidade intelectual, pois, como podemos perceber, há jumentos e jumentas nesse mundo. Somos diferentes em vários outros aspectos. Primeiramente, temos essa coisa terrível que Deus criou que são as mudanças hormonais. Para que essa palhaçada? Vejamos a galinha: nós, seres humanos, vivendo nas cidades, nos esquecemos de que existe um universo ainda misterioso para nós, que é o dos animais. A galinha bota seus ovos e do nada (obviamente devem existir mecanismos biológicos que orquestram) fica choca. A galinha fica insuportável! A galinha fica agressiva, muda de personalidade e necessita de ovos para chocar. O ser fica lá, parado, durante 21 dias, se não me engano, e o seu calor faz gerar filhotes! E os pássaros? Sabem que têm que construir seus ninhos, as abelhas sabem que têm que construir suas colmeias e fabricar o mel, os peixes sabem que têm que ir correnteza acima e as tartarugas sabem que têm que ir botar na praia.

Simplesmente, sabem. As pessoas pensam. Pensam que sabem. Então, a mulher nasce e passa por esse temporal de hormônios todos os meses, se não ficar grávida. Se ficar grávida, é outra história. O corpo se transforma, estica, muda, e depois, de dentro, sai um ser humano. Tudo muda para sempre. A mulher não pode andar na rua sozinha à noite sem sentir medo, a mulher não pode cumprimentar os homens com um sorriso, porque já consideram um flerte. Quando a mulher está separada, ela não é convidada para festas, às vezes, nem as de família. Quando não tem um macho que tome conta dela e a faça ser séria, ela não é vista como confiável. Que a mulher se mate de trabalhar, normal. Se sair à noite, é vagabunda.

Lembro-me de que uma vez comentei que a mulher separada ainda era vista com maus olhos, e alguém disse: "Que é isso, as coisas não estão mais assim, mudaram". Hoje estamos assistindo ao vivo e em cores as "mudanças", a sociedade está de parabéns. E mulher é mulher.

Muitos nos veem como bibelôs, como guerreiras, como ameaças, como manipuladoras, feiticeiras e loucas. A maioria nos vê como objetos. Ainda.

Nem eu sei o que sou. Só sei que esse mundo não parece ter sido feito para mim, a Mulher Alienígena.

Esse mundo cansa.

Eu não entendo nada.

Eu não entendo como um pai pode dar laxante para os filhos e postar na internet para ganhar curtidas. Cansei de ver pessoas futricando perfis de conhecidos e criticando fotos, postagens e relacionamentos. Cansei de ver comentários maravilhosos em fotos terríveis e comentários terríveis por trás das telas. Os postadores sequer imaginam quem no universo tem acesso às imagens, mas não se importam em deixá-las públicas para que as pessoas as analisem de todas as formas. O importante é ser famoso no mundo do Facebook e do Instagram, ser popular e receber mais de 500 curtidas. Isso é o significado da vida pós-moderna. Quantas coisas você curtiu hoje, e de quais você se lembra? E das curtidas de ontem e da semana passada? Talvez se lembre da foto em que sua prima estava com uma sobancelha horrível, ou em que sua cunhada estava sensualizando para enciumar o namorado. Talvez se lembre daquela foto da amante do ex da sua amiga que foi vasculhada de cima a baixo. Talvez. Literalmente, cansa a beleza. Cansam tanta exposição, tanto ego, tanta gente sem o que fazer na realidade que se maquia para tirar 50 fotos dentro de casa, ou que fica analisando os melhores cenários de cada festa. Cansam postagens militantes, cansam mensagens religiosas de bom dia, boa noite, boa vida. Cansam correntes supersticiosas, alimentícias e políticas; cansa pedido de petição. Cansam brigas em grupos, vídeos engraçadinhos e montagens com candidatos. Cansam imagens de gente descolada. Cansa. Cansam ainda mais esses meus textos cansativos reclamando na internet sobre o que acontece na internet. Esse nosso mundo cansa.

Os vira-latas do mundo

Depois de ver pelas ruas e internets da vida algumas jovens que estão de “saco cheio” de muitas atitudes machistas, resolvi falar um pouco sobre relacionamentos, mais, especificamente, sobre pessoas que não amadureceram a ponto de saber que escolhas têm consequências, e que quando envolvemos outras pessoas em nossas escolhas, somos responsáveis pelo mal que esse envolvimento possa lhes causar. Já falei inúmeras vezes sobre isso, e, longe de ser uma *expert* em relacionamentos, posso dizer que sou apenas uma observadora reflexiva da realidade. Cada qual deveria procurar viver da maneira mais aprazível, mas o prazer é algo que pode apresentar muitas nuances. Geralmente, se não sofremos de nenhuma fobia, ou outra coisa que nos diferencie da maioria, sentimos prazer em satisfazer nossas necessidades básicas que são, por exemplo, a de saciar a fome, a sede, o sono e os impulsos sexuais; porém, podemos escolher qual a melhor maneira de satisfazer essas necessidades e cada um sabe, ou deveria querer saber de si. Há pessoas que desejam uma vida repleta de emoções, variedades e prazeres transitórios com pessoas transitórias e há outras que sentem prazer em eleger pessoas específicas para compartilhar pequenos momentos e muitas variações disso. O problema é quando as regras do jogo não estão claras e envolvemos indivíduos que não estão dispostos a participar de determinados joguinhos; o problema é quando temos a ciência de que estamos enredando alguém em nossas maquinações e esse alguém não tem ciência das reais intenções do jogador. Isso é cruel, infantil e desonesto.

Existem pessoas que pensam estar em um patamar superior e que o seu jogo é o jogo de todos, onde o vencedor é sempre o mesmo, ou seja, elas mesmas. Não respeitam laços, contratos, nem os seus, nem os dos outros, e saem pelo mundo a ferir almas quase inocentes que se enrolam nas artimanhas da jogatina. Geralmente, mas não é regra em nosso mundo contemporâneo, o grande jogador é o homem, que sai pelo mundo capturando as pobres almas, sem se dar conta ou sem se importar com as consequências. Há alguns que, mesmo quando firmam contrato com uma pobre desinformada, saem por aí atirando suas balas como se o tal contrato não existisse, ou seja, o jogador quer levar tudo, “The winner takes it all”. Para livrarem-se de suas culpas, lançam mão de frases feitas, como: “cão de raça sempre tem dono”, “segurem suas cabritas que o bode está solto”, ou outro ditado machista, demonstrando o seu sentimento de superioridade a respeito deles mesmos, que supostamente os isentaria da culpa por enganar moçoilas, pois essas já deveriam saber que tal mercadoria, tão exuberante, estaria arrematada, ou que tem direitos de nascença.

Bem, resumindo, não são apenas os homens que jogam sujo, que não respeitam contratos, que não se reconhecem a eles mesmos, que subjagam e que ferem, mas ainda em nossa cultura, eles fazem esse papel de predador insensível que precisa caçar suas presas descartáveis. É uma pena que as relações ainda estejam longe de amadurecer e que as pessoas estejam ainda longe de serem leais e verdadeiras com os outros e com elas mesmas.

Não estou aqui para agradar.³

Cansei de ser besta e tentar pertencer a grupos com os quais não me identifico. Nunca mais vou sorrir se não quero, ou vou dizer sim, se o desejo é de não. Não me importarei com os que dizem que o meu cabelo fica mais bonito quando liso, pois esse cabelo não é meu. Não vou usar algo torturante e desconfortável porque *salto é sexy*. Não vou ficar contando piadas de sexo para parecer descolada e moderninha, porque jamais entendi qual é a graça e não vejo sentido em piadas de sexo. Não vou usar maconha aos 41 anos, porque sempre fui careta e não vejo mais a necessidade dessa experiência (mas um cogumelo, quem sabe?). Não vou sair por aí com uma trupe de artistas, porque também não vejo sentido ou prazer nesse estilo de vida. Não vou sair transando com um monte de gente, porque não me apraz. Não vou me fingir de boazinha, nem ser legal, porque eu sou chata mesmo, se ser chata significa dizer *não* e *vai se ferrar* quando alguém me desrespeitar. Vou dormir até a hora que eu quiser, porque Lafargue estava certo em seu ensaio sobre a preguiça, e não quero mais carregar essa culpa cristã idiota. Não preciso ficar *noitando* nos fins de semana, ficar em casa no cobertor com um vinho e um amor me satisfaz muito mais na atualidade. Mas, não abro mão de conhecer lugares, sabores, cheiros e sensações novas. Vou escrever o que eu quiser e quando quiser, e não para encher linguiça, prateleiras academicistas empoeiradas e Lattes. Não vou a festas, se não quiser, e quem me ama me entende. Ou não. Não farei mais papel de mim mesma, a não ser quando não tiver realmente escolha, mas não ganharei nenhum Oscar. Amanhã, as cortinas se fecham, e o espetáculo da vida dura pouco tempo para desperdiçar com tudo o que não quero e não sou.

³ Este texto (como a maioria deles), escrito antes do diagnóstico, diz muito sobre o sentimento exaustivo de se praticar o “masking”, ou seja, de tentar agir de acordo com as expectativas sociais, disfarçando o que realmente se sente e se quer, para se adequar ao universo neurotípico, utilizando de habilidades decoradas ao longo da vida.

Trevas pós-modernas

Os seres deste tempo e deste lugar confundem carinho com competência e por isso fazem escolhas e julgamentos baseados em critérios subjetivos ou de acordo com o que lhes pareça “legal” e “carinhoso”. Competência? Ah, o que é isso, ele é gente boa!

Eu não preciso de carinho (não vindo de um atendente de loja, açougueiro, professor, advogado, médico ou qualquer desconhecido ou conhecido que faça parte da minha vida ocupando um papel social provisório) até que essa pessoa se torne alguém que mereça carinho, ou de quem eu queira receber. Mas, preciso muito de respeito. Preciso que me vejam como um ser humano semelhante, que atendam às minhas necessidades relativas ao contato em questão, com a mesma atenção que qualquer um deve receber, que me permitam entrar onde eu queira, que me recebam respeitosamente, que me ouçam e me falem respeitosamente, e é assim que busco tratar a todos, porque todos merecem respeito. Carinho não é para todos.

Retornando ao tema das trevas, vivo em um planeta onde as pessoas não olham mais para o céu para admirar as estrelas e pensam que já sabem tudo, que tudo fora descoberto; vivo em um mundo em que as “novas descobertas” são apenas imagens rolando infinita e insignificadamente em telas que causam miopia e atrofia social e mental. Neste mundo, as pessoas estão ficando corcundas e desatentas, não conseguem mais focar em nada que exista ao seu redor; essas pessoas têm a tarefa de registrar momentos falsos de suas vidas falsificadas para tentar arrancar atenção dos outros zumbis e gerar prazer automático. Aqui, também, as pessoas estão longe de quem está longe, e mais longe ainda de quem está perto, pois a comunicação, que antes poderia ser feita toda em dez minutos, se esfarela ao longo do dia com mensagens “pipocantes” e dispersas de tudo e de todos que não nos interessam. Para os que estão próximos sobram olhares furtivos e fingidos de atenção entrecortados por cliques.

As criaturas deste mundo estão, cada vez mais, com a capacidade cognitiva mais subdesenvolvida; a maioria não consegue se concentrar para ler um texto longo e complexo, mesmo que este tenha apenas uma página, pois tudo parece chato e parado. Contentam-se, todos, com saberes enciclopédicos sobre todas as porcarias da terra e se consideram incríveis, assim como os incríveis “influencers” que não precisaram fazer nada para saberem mais que todos, além de serem muito legais. A fama e a prosperidade nunca pareceram tão fáceis e acessíveis, agora, não é necessário nem estudar para chegar ao topo como antigamente se pregava. Parabéns às mutações do capitalismo, captando almas com seus valores cada vez mais sofisticados e transformando as bases da meritocracia.

O preço por esses valores e essa transformação, nos modos de ser e de viver, pagaremos mais tarde, mas alguns de seus efeitos já podem ser medidos hoje. Não se trata de uma projeção pessimista de uma pessoa “não alegre”, mas de mudanças que já são visíveis hoje, como ruas vazias de crianças, adolescentes com medo de sair de casa, de lidar com outros seres vivos, de problemas de saúde física e mental, problemas de relacionamento com pessoas reais, problemas

na capacidade cognitiva, dificuldade de concentração, memória, mudança nos padrões de leitura e de absorção de informação, e por aí vai. Resumindo, nosso interior está se transformando em trevas, ou seja, se existe alma, ela está morrendo por inanição absoluta porque preferimos viver na superfície que é mais fácil e “divertido”.

Por estar em mundo sem alma e sem esperanças, é que preciso de cada vez mais respeito, para ver se salvo o que restou de alma (entenda “alma” sob a teoria que lhe convier). Não preciso de nada falso, palavra falsa, carinho falso, imagem falsa, felicidade falsa. Preciso da verdade, no sentido natural do real, de estar acordada nesse mundo, enquanto eu tenho olhos e todo o meu corpo para senti-lo.

As mulheres não são amigas.⁴

O título é uma generalização, mas, o que percebo, sendo mulher, é que parece existir uma relativa rivalidade entre as mulheres, uma disputa infinita e infindável. Simone de Beauvoir disse que não se nasce mulher, que se torna mulher, mas eu não consigo precisar até onde as influências e o universo em que nascemos nos tornam o que somos, ou se existe algo biológico que nos impele a ser como somos. Eu precisaria de vidas de estudos antropológicos, sociológicos e biológicos para precisar algo, e, como não disponho de tantas vidas e muito menos de tantos estudos, posso apenas relatar algumas experiências dessa vidinha medíocre que venho levando.

Quando era criança, tinha poucas amigas. Gostava mais dos meninos, porque eles eram sempre mais claros, sinceros e falavam de coisas mais interessantes, como sobre o sentido da vida ou dos cantos das cigarras. Eu tinha uma amiguinha, um dia, ela recebeu outras amiguinhas de visita, juntou-se a elas e, juntas, se riram ironicamente por eu não saber dançar.

Eu tinha outra amiga, até nos dávamos bem. Depois de longos anos sem nos falarmos, eu a encontrei na internet, mas ela sequer respondeu às minhas mensagens. Éramos melhores amigas.

Eu tive boas amigas, fiéis, inteligentes e engraçadas. Essas são como gotas no oceano.

Na adolescência, minhas amigas disseram para não andar com elas porque iria estragar o esquema delas, elas pensavam que se eu fosse mais bonita, ou mais esquisita do que elas, os pretendentes iriam ignorá-las por minha causa. Outra amiga ficou insinuando para os meus pretendentes, competindo comigo.

No trabalho, tive algumas chefes. Aliás, penso que todas eram mulheres. Pegavam no meu pé, chamavam a minha atenção na frente dos outros, enquanto os funcionários machos dormiam na banheira do banheiro. Uma colega de trabalho vivia me julgando com aquele olhar de cobra pecaminosa, e quando eu dizia que não gostava de cozinhar, a fala dela era: “nunca vi, mulher, mãe, e não gostar de cozinhar”. Só tenho uma coisa a dizer para ela: PNC.

Vejamos as meninas nas escolas: quando uma aluna nova chega, ela é hostilizada por quase todas, especialmente se for bonita ou tiver algo que chame a atenção. A maioria das brigas entre mulheres acontecem pelos mesmos motivos: inveja ou ciúmes. Por quê?

Talvez o mundo nos tenha ensinado que precisamos estar sempre acima das demais para atrair um macho, sem o qual supostamente não poderíamos viver. A mulher tem que ser linda, prendada, carinhosa, amável, esforçada, trabalhadora, se quiser conquistar o melhor homem. Talvez seja isso. Ou, talvez, conheçamos as nossas capacidades de observação, reconhecimento

⁴ Revendo este texto, percebo como ele revela a dificuldade de me relacionar, especialmente com meninas, mais hábeis em jogos sociais; essa dificuldade de interação e a necessidade de me adequar, de aprender as regras da comunicação e da interação social me tornaram, com o tempo, uma hábil observadora dos comportamentos humanos.

e manipulação a ponto de ficarmos sempre alertas.

As mulheres precisam ser mais inteiras (inclusive eu), inteiras e unidas. A primeira coisa que deveríamos aprender é respeitar umas às outras. Talvez haja uma eterna baixa autoestima entre nós, talvez demos valor demais aos olhares dos outros. Talvez devêssemos começar a pensar sobre como nos relacionamos com as outras e com os homens. Quais são nossos valores?

Algumas reflexões:

Mulheres, não se subjuguem umas às outras. Estejam de peito aberto para ouvir e se interessar verdadeiramente pelo que as outras possam oferecer, suas experiências, seus conhecimentos, vamos compartilhar.

Mulheres, solidarizem-se! Nós sabemos como ainda é difícil e pesada a carga para as mulheres, por que não podemos nos ajudar para que todas possam ter um apoio e um caminhar mais suave?

Mulheres, não sejam hipócritas! Não sejam escravas dos padrões e das opiniões. Não faz sentido algum ser feminista, lutar por direitos iguais, por respeito e, ao mesmo tempo, implorar por atenção através dos atributos sexuais nas redes sociais.

Mulheres, não se submetam! Se não gostam de algo ou de alguma situação, não se submetam a ela e apoiem a quem faz o mesmo!

Mulheres, sejam sinceras! Não façam elogios falsos, não fofuquem, não conpirem contra as outras mulheres apenas por elas representarem uma ameaça imaginária.

Mulheres, respeitem os limites! Respeitem os relacionamentos das outras, não estamos em uma competição por machos, além do mais, o que mais tem é homem nesse mundo. Criemos um código de ética e acabemos com essa eterna disputa. Não façam com as outras o que não gostariam que fizessem com vocês, ok?

Biologia ou cultura, não sei dizer, mas o nosso comportamento explica muito sobre os motivos de nossa longa submissão.

Tudo pelo poder! O poder de ser deus

O motivo de tudo é o poder. Sempre foi e sempre será.

Em outros tempos, quem mandava mesmo eram os que possuíam o poder sobre as almas, os destinados por *deus* para cuidarem das vidas alheias, dos que já nasciam condenados. *deus* já teve muitas caras, foi uma força natural que agia castigando ou beneficiando com suas mudanças climáticas, já foi muitos seres de formas humanóides que influenciavam nos destinos dos peões de xadrez aqui embaixo, cujo ódio mortal aos seus fantoches deveria ser aplacado com a morte de alguns inocentes. Deus se unificou, se tornou o pai autoritário e vaidoso que continuava a exigir sofrimento para provar a servidão de seus devotos que pelos séculos se mutilaram, se sacrificaram e se condenaram em vida para salvar a morte. Vieram muitos para falar em nome de *deus* e aproveitar de seus poderes incontestáveis. Criaram os templos, locais onde se cultuavam deus e deuses, assim como os homens que os representavam. Esses homens eram os deuses na terra.

Os reis, a *nobraiada*, e, principalmente o clero, eram sustentados por servos que trabalhavam em troca de terras e proteção. Castas bem definidas divinamente, como na Índia, há milhares de anos, todos estavam bem em seus lugares que *deus* lhes distribuiu. De certa forma, eram donos de seus tempos, dividiam os “lucros” das colheitas, pagavam pesados impostos, mas não tinham direito a mais nada, muito menos à movimentação de status dentro da sociedade e da vida; até que vieram a burguesia e o capitalismo e destruíram essas estruturas, criaram a ideia de que todos (teoricamente) podem ser deuses também, que todos tinham direitos e que poderiam reivindicá-los. O capitalismo se desenvolveu como tal e muitas armas de dominação e de manutenção desse poder divino, trazido pelo capital, foram criadas, graças ao desenvolvimento das tecnologias e dos estudos das áreas humanas, biológicas, psicológicas e sociais (mesmo que nenhuma delas possa ter sido criada para esse fim), mas que geraram munção necessária para uma nova abordagem de dominação de desejos. Então, tá.

As massas passaram a ser moldadas e seus desejos construídos. Todo o tipo de desejo era ditado pelo mercado. A diferença é o alcance e a velocidade de se produzir novas identidades sociais e novos desejos consumistas, tudo tornou-se consumível, até mesmo os valores morais; tudo tornou-se questionável e relativo, até mesmo o conceito de verdade.

Está na história, através de documentos, que os Estados Unidos interferiram diretamente na maioria das situações políticas críticas brasileiras, financiando movimentos como o da tal “Marcha da família com Deus pela liberdade” a fim de manter o seu poder no mundo através do capitalismo, do qual são os grandes ditadores.

É muito engraçado quando as pessoas dizem que o mercado deve ser totalmente livre, que a livre concorrência trará a justiça social e toda essa patacoada. A concorrência capitalista é simplesmente uma guerra, onde os grandes capitalistas (não aqueles donos de botequim), traçam estratégias o tempo todo para permanecerem controlando o poder econômico (e principalmente

político), como todos que costumam fazer parte do topo. O objetivo desse sistema não é o de promover bem-estar social, é o de apenas se manter e de manter quem faz parte dele em seus respectivos lugares; para manter todos em seus respectivos lugares, centenas de estratégias de guerra são construídas todos os dias, especialmente as estratégias de controle das ideologias, do pensamento crítico das massas que, por incrível que pareça, aceitam os novos deuses da pós-modernidade e contentam-se com seus smartphones.

Assim, estamos em crise. Vivemos em um momento de avalanche desinformativa, e pedimos por mais e mais informações para nutrir nossas almas de fatos para os quais nunca teremos tempo (never, jamais) de checar toda a historiografia, as fontes, os perfis, os documentos, para entender os trâmites, os imbrólios, a lógica e a suposta veracidade de tudo o que é divulgado por qualquer um nas redes sociais. É impossível, hoje, ter certezas, ou, hoje, todos têm suas certezas de acordo com convicções plantadas. Estamos perdidos.

Perguntas como: será possível que alguém acredite que o aumento do uso de agrotóxicos seja benéfico para a sociedade e que haja outro interesse que não seja o de gerar mais lucros para as empresas? Será que é possível pensar que a educação não mereça investimento e que não deva ser gratuita para todos, ou, ainda, que deve servir apenas para formar trabalhadores consumidores? Será que alguém acredita que países como os Estados Unidos estão interessados na democracia e no bem-estar de países como o Brasil (ou Venezuela, uma das grandes produtoras de petróleo do mundo), mesmo depois de tudo o que já aconteceu na história e do que acontece hoje, com um presidente americano que planeja construir um muro para evitar que imigrantes entrem? Será que alguém acredita que a reforma da previdência trará algum benefício ao trabalhador? E as perdas dos direitos, do ministério do trabalho, as novas regras para a contratação terceirizada, os gastos com processos para trabalhador demitido terem que correr por eles mesmos caso percam, será que alguém acredita que isso é benéfico para a população pobre, ou que estes seriam capazes de enfrentar grandes empresas? Será que alguém acredita que o ser humano deve viver só de comer, trabalhar e consumir, sem a capacidade de pensar, de analisar e de tomar decisões conscientes ou de viver algo diferente do que lhe é imposto, tentando mudar as estruturas? Somos o quê, companheiro? São perguntas que não param de me abismar por suas respostas.

E voltamos exatamente ao passado, com deuses, os antigos e os novos, a luta pelo poder, (que é transcrita pela busca de se ter sempre lucros exorbitantes), sem nenhuma certeza, e nenhuma capacidade de nos levantarmos. As leis não funcionam, absurdos são cometidos todos os dias por representantes do povo, saúde e educação não interessam, as armas são idolatradas, os livros são queimados, as vítimas são esculachadas, as notícias são maquiavelmente montadas, os valores sociais estão um caos e não possuem nenhuma coerência, a ciência está sendo banida como as bruxas, e o senso comum está governando através de medidas que ganham visibilidade pela popularidade de queixas anteriores sem fundamento ou prioridade. É a lama. São as trevas.

E nessa lama, nesse caos, nos vemos sem energias, absorvidos por tudo e por todos.

Estamos exaustos pelas indignações diárias, pela violência e pela intolerância. Estamos petrificados, sem saber como agir e como estaremos amanhã com as novas pedradas.

Os pequenos que estão na base das estruturas encontram dificuldades incomensuráveis para interferir nessa formação estrutural, pois o poder está nas mãos dos capitalistas, isso é fato. O poder de interferir nas leis, de defini-las, criar diretrizes, controlar o tal mercado, formatar a cultura e de criar uma realidade. O poder está nas mãos desses grandes capitalistas, todo o poder. O povo só terá a chance de mudar as estruturas se a maioria dos indivíduos for capaz de criar consciência de sua condição e de abandonar seus deuses em busca de uma nova realidade, quebrando essas estruturas nas quais se assentam confortavelmente com suas migalhas. E é essa a grande arma que estão nos tirando, mais uma vez, na fogueira dos livros.

As formas de capitalismo que imperam em sociedades que se dizem socialistas possuem maior interferência do Estado que, geralmente, implementam políticas públicas com a intenção de criar um sistema considerado ideal; algumas conseguem um bom resultado de desenvolvimento econômico e social e, em muitos exemplos, o que aconteceu é que o poder do capital se concentrou nas mãos de governantes, que se tornaram ditadores ao tentar impor uma estrutura para a sociedade. Na teoria, a economia não existiria para gerar lucro, mas bem-estar social e tudo o mais. Bem, complexo para o momento e carece de dados.

Talvez esse período fique conhecido como o período Matrix, pois todos estão vivendo suas vidas virtuais enquanto as máquinas, que criaram esse modelo supostamente digerível de vida, continuam sugando todas as energias de seus hospedeiros a fim de sustentar um sistema. É. O que faremos amanhã, cérebro?

Hoje eu vi um zumbi.

Eu corri para pegar o ônibus, estava quase atrasada. Fiquei em pé no ponto juntamente com outras pessoas quando ele se aproximou mendigando. Era um rapaz moreno, camisa preta desbotada, calças de moletom furadas nos fundilhos, chinelos, cabelos sem corte, sujos, ele estava sujo inteiro. Pedia dinheiro, qualquer coisa, 50 centavos para comprar comida, segundo ele. Olhei seus dedos, todos com pontas queimadas, negros e feridos. Cacei 50 centavos e lhe dei. Uma senhora que lá também estava disse “Você vai é pra Vila daqui a pouco comprar crack, eu sei”. Ele não ouviu, não ligou, não deu a mínima e continuou pedindo. Foi até o outro lado da rua e voltou para pedir para os novos esperantes de ônibus. Dessa vez, ele pedia dez reais, insistia, dizia que a comida custava isso. Quando ele havia ido para o outro lado, pude observar uma lata de refrigerante em seu bolso e o isqueiro em suas mãos. Agora seu corpo tremia. Ele não via nada, tampouco se importava. Ele não tinha alma. Ele não era gente.

Senti um vazio na alma, se a tenho. Tenho algo que aquele zumbi não tinha, porque a ele nada importava neste mundo, a não ser a urgência que sentia em saciar a todo custo seu vício. Ele pedia, mas seria capaz de qualquer coisa. Qualquer coisa.

Para aquele indivíduo, o futuro não é algo que exista em sua mente, ou projeto. Laços, talvez não saiba mais o sentido. Aquele indivíduo ficava muito mal da inexistência. É a coisa mais triste que já vi.

Pensar que isso acontece em Ouro Preto, pensar que todos sabem o que acontece e nada é feito. Todos sabem. Todos.

Pensar que um indivíduo pode perder-se, perder a alma, assim, sem que nem se dê conta. De repente, está com amigos, ou inimigos, ou rodeado por fantasmas, e, de repente, de brincadeira, começa a trilhar o caminho da escuridão e nunca mais volta. Coisas como se limpar, comer, namoro, família, deixam de existir.

Aquele zumbi roubou um pedaço de mim. Que deus nos proteja.

Houve um tempo⁵

Houve um tempo em que meu sonho era ter uma calça jeans e uma caixa de lápis de cor de 36 cores;

Houve um tempo em que comia fubá suado, café com farinha e me sentava na horta para pensar. Naqueles tempos, lia as estrelas, um livro infinito que me colocava no lugar.

Havia um tempo em que eu sonhava com príncipes, castelos e paz mundial,
Nesse tempo, sonhava em ser uma atriz de Hollywood e emocionar as pessoas,
Esse tempo passou.

Tive um tempo em que não entrava em lugares chiques e não conhecia cappuccino,
E pensava que nunca entraria naqueles lugares e que nunca provaria camarão,
Mas em todos os tempos, nunca naturalizei minha mãe como empregada doméstica
Dizendo “sim, senhora” com boca de culpada, servindo no chão.

Tivemos tempos em que pensávamos estar andando rumo ao progresso da humanidade,
Cultivando valores fraternos de tolerância, respeito, amor e paz,
Mas, ao crescer, me vi rumando com rodas de fogo para trás.

Nos outros tempos, a minha avó beijava santo de longe, benzia tudo, temia tudo,
E eu perguntava e negava tudo, sentindo-me muito sábia;
Hoje não sei de nada, mas já vi tudo, ouvi tudo, e nada me satisfaz.

Houve um tempo em que era uma menina pobre, medrosa e sonhadora,
Agora sou uma mulher repreendida, destemida e repressora. E continuo pobre.

⁵ O texto em questão diz muito sobre a suposta “inocência” autística, muitos autistas vivem em seu próprio mundo, construído com sua própria lógica, ignorando aspectos do mundo real. A conexão com a natureza e a forte vivência em um universo imaginário também são características atribuídas às pessoas que estão dentro do espectro autista.

Os Coringas

Há algum tempo não me atrevo a discorrer sobre minhas reflexões, pois o cansaço generalizado gerado pela condição atual (a condição de descrença, desesperança, e até mesmo de ódio) me paralisa ao escancarar minha inutilidade e impotência. Mas, ontem fomos ao cinema na capital dentro de um shopping. Pois bem, fomos assistir ao Coringa. Antes, duas observações:

_ Eu odeio shoppings.

_ Eu não vi, ou li nenhuma crítica, ou crítica da crítica do filme que pipocavam por todos os lados. Fui nua e crua, sem gerar nenhuma pré-visão.

O ator é maravilhoso, como já sabia. O enredo, triste, triste, triste. Ainda estou digerindo a realidade que nos arregaça, porque fingimos acreditar naqueles contos dos tempos de criança e nas pessoas que pensamos que eram boas, mas que no fim, derramavam em nós suas inseguranças e fraquezas. Arthur, o Coringa, é um ser humano sensível, mas que carrega graves problemas psicológicos e neurológicos causados também pelo seu passado. Ele tentou de todas as formas realizar seus sonhos e ser alguém bem-sucedido que conseguisse fazer com que as pessoas sorrissem, mas as pessoas, o mundo, o jogaram na lata do lixo, o espancaram, o ridicularizaram; enquanto isso, os poderosos, donos do dinheiro e dos discursos, tiravam da grande massa popular todos os direitos, toda a assistência, inclusive o fornecimento dos remédios que o Coringa recebia gratuitamente para tratar de seus distúrbios. A sua risada frenética e incontrolável que surgia nos momentos de tensão parecia ter a ver com a imposição que existia de ser sempre feliz e de sorrir e fazer sorrir, colocada por uma mãe, que também sofria de problemas psicológicos, e por uma sociedade hipócrita. Mas, ele nunca foi feliz em sua vida. Quando perdeu absolutamente tudo, tornou-se alguém feliz dentro da própria lógica que criou, fazendo “justiça”, afastando os importunadores e recebendo os aplausos de uma sociedade caótica que precisava de um representante extremo para a resolução dos tormentos que estavam vivendo, ou seja, o filme é um retrato de uma sociedade doente, caótica e sem nenhuma esperança.

Saí com um nó na garganta e lágrimas presas. Não porque o filme seja deprimente, mas porque nos esfrega a nossa realidade que é deprimente. Saí com medo, porque vislumbrei um bando de “caras de palhaço” correndo pelas ruas, botando fogo, destruindo, matando, porque também não têm mais nada a perder nesse mundo totalmente desigual. Saí pensando nas relações sociais, sobre o que elegemos como certo e errado, como verdades, e como contribuímos para continuarmos nas estruturas em que vivemos. Talvez não queiramos mudar as estruturas, mas ascender dentro delas e ocupar o lugar dos dominadores. Mas, essa também é uma forma de escravidão gerada por certezas que foram criadas, e a única maneira de mudar isso é constituindo novas certezas.

Deixei o caos da sala de cinema e caminhei por entre a “diversidade“ de pessoas,

mulheres usando maquiagens pesadas, roupas caras, carregando sacolas finas, crianças rosadas comendo seus sanduíches, homens de ternos, ternos nas vitrines de 1700 reais, bossa nova e perfumes chiques; na livraria, sessões intermináveis de livros evangélicos, espíritas, autoajuda, não vi sessão de literatura. Em uma bancada, estavam lado a lado um livro intitulado ‘O segundo sexo’ e ‘Tudo o que você precisa saber para não ser um idiota’. Os palhaços já estão aqui.

Eu não sou obrigada.⁶

Cansam-me as pessoas. Eu não as odeio, nem as amo, não lhes desejo nenhum mal, nem mesmo às pestilências que me causaram mal em diversas ocasiões, não; ao contrário, desejo que sejam felizes, os bons e as pestilências, mas que não cruzem mais o meu caminho (as pestilências), amém.

Uma coisa que todos deveriam fazer, cedo, ou com todo o direito, depois de uma certa idade, é não ser obrigado. Eu não quero ser obrigada a nada de que eu realmente não necessite para sobreviver e levar a vida sem muitas complicações. Eu não quero ser obrigada a acordar quando quero dormir, a ir ou a ficar, a dizer que gosto quando odeio, a convidar a quem quero longe da minha vida. Eu não quero ser obrigada a socializar amigavelmente com inimigos, com quem me feriu, me magoou, com os que nada tenho mais em comum os quais não quero que saibam absolutamente nada da minha humilde rotina. Não darei armas e argumentos para que as cobras e os psicopatas os utilizem contra mim, muito menos darei a entender que quero algo que não quero, permitindo que problemas gerados por interpretações distorcidas entrem pela minha porta. Quero sorrir quando sentir sorrir e chorar quando sentir chorar.

Aqueles que quiserem entrar para espionar e maldizer, ou para infernizar, vão rolar. Aqueles que me respeitarem, vão ser bem recebidos. Eu não amo todo o mundo e nem tenho que amar. Eu não gosto de tudo e não tenho que gostar. Eu não preciso ficar sorrindo sempre e nem ser um robô perfeito e amoroso. Como eu odeio essa característica de imitação da inexistente perfeição humana! *Parla*, estátua dos infernos, tenha emoções! Eu não sou essa estátua.

Eu não acredito. Eu não acredito em John e Yoko. Eu acredito apenas na paz que escolhi para mim, ela pertence só a mim e a quem se atrever a tentar fazer parte de minha vida. Nenhum relacionamento é o meu, eu sou única. Todos são.

Eu não sou aberta. Mas eu não sou mentirosa. Eu não escondo. Quem esconde, seja lá o que for, não estará em minha vida. Não gosto de surpresas ou adivinhações. Não gosto de más explicações. Doa a quem e o que doer, quero o que seja real. Só e apenas.

Não sou obrigada a nada que me faça mal, não sou obrigada a ser legal, especialmente com quem não tem importância em minha vida, ou, de quem quero manter distância e não se importa comigo. Sou obrigada a ser educada por diversos motivos, mas não sou obrigada a “ser legal” e a confraternizar. Não ser legal não vai acabar com a minha paz; ao contrário, vai trazê-la.

Não serei vítima de gente folgada, parasita, oportunista, ninguém tem mais direito ao meu tempo e esforços do que eu mesma e os que realmente me importam. Não desperdiçarei minha vida que está em contagem regressiva fazendo o que não é relevante para mim, e fazer nada está entre essas coisas relevantes. Ajudar a quem realmente precise mais do que eu naquele

⁶ A intolerância aos jogos sociais, à obrigação de ter que representar papéis, interagir desnecessariamente e de fingir ser o que não é são visíveis neste texto; há também indícios da necessidade de controle das situações, da suposta sinceridade desmedida do autista e da indisponibilidade para gastar tempo com trivialidades.

momento, também.

Isso é ser chata? Dane-se. As mulheres sempre são chatas, infantis, bruxas, loucas, feiticeiras e precisam de um psiquiatra, de fazer análise. Eu posso ser essa mulher, sem problemas. Só não posso abrir mão de mim mesma para agradar aos parasitas e inconvenientes que deveriam cuidar de sua própria existência.

O Brasil tem o preconceito de cor, não o de origem.

Eu não sabia, mas por ter nascido com a pele um pouco mais clara, eu não pensava profundamente sobre o racismo. Na infância, eu considerava ser o cúmulo quando ouvia a vizinha dizer frases como “negro quando sobe em tijolo, acha que é palanque“, ou “preto quando não caga na entrada, caga na saída”. Ninguém que ouvia demonstrava pensar que aquilo fosse algo fora da normalidade ou que pudesse se referir a algum deles. Já adulta, fiz curso de informática em uma sala em que se encontravam pessoas de diversas origens, e lá ouvi um menino negro falar mal de negros. Ninguém o repreendeu. Uma vez, aqui em Ouro Preto, estava em um bar frequentado majoritariamente pela população local; era show de Skank na cidade e vieram forasteiros de todos os cantos, um desses forasteiros desceu as escadas e quando se deparou com a população “baronil” exclamou em alto som (mas nem tanto) ao seu colega: ”Credo, vamos embora daqui, aqui só tem preto!” Pois é.

Eu comecei a perceber mais claramente as diferenças entre ser branco e ser preto depois que me casei com um homem branco e de olhos claros. Tenho dois filhos negros e ele tem três filhos brancos. Ele pode entrar em qualquer lugar que todos sorriem para ele, ele é sempre bem tratado, todos têm paciência para falar com ele.

Uma vez, fomos a um evento, eu, meu marido, meu filho e a namorada dele. Havia revista no portão de entrada. Eu e meu marido paramos esperando para sermos revistados, o homem e a mulher, que por sinal eram negros, nos olharam com sorrisos sem graça e ficaram esperando que passássemos. Quando olhei para trás, lá estavam eles revistando meu filho Black Power e a namorada dele. Meu marido disse que nós somos velhos, mas não acho que esse seja o motivo pela não suspeitabilidade ou pelo respeito desmedido.

O meu filho mais novo diz que quer ser médico, desde pequeno. Ele estuda como louco, tira as melhores notas. Ele não gosta de sair de chinelos e de bermuda.

Os filhos do meu marido não se importam em sair de chinelos, seja para viajar, entrar em bancos ou lojas; ninguém nunca olhou para eles como se eles fossem marginais. Eles não sabem por que precisariam calçar sapatos para sair de casa. Hoje eu sei por que eu sei disso.

Um dia estávamos falando sobre alguém que se dizia médico, eu disse que o tal indivíduo não tinha cara de médico, meu filho: “Por quê? Você acha que eu vou ter cara de médico?”

Eu pensei sobre aquilo. As pessoas pretas não têm cara de médico, de gerentes, de agropecuários, de juízes, porque é raro que existam negros nesses ambientes. Quando entramos em algum local, julgamos imediatamente qual papel essa ou aquela pessoa ocupa naquela estrutura, e nosso julgamento é baseado em nossas experiências, e nossas experiências nos dizem que não há negros em níveis hierárquicos superiores. Eu disse ao meu filho: “Forme-se médico e mude o que é ter cara de médico.”

Eu não era totalmente a favor da cota para negros, por vários motivos. Eu não sabia se a cota era para justificar descendentes de pessoas que foram escravizadas e depois deixadas à

própria sorte, transmitindo seu legado de miséria e dor aos seus. Se fosse esse o caso, bastaria a cota para os pobres, porque a maioria estaria contemplada, mas não é só isso. No Brasil, existe, não o preconceito de origem, mas o de cor. Não importa se toda a sua família tem pele escura, se você tiver a pele um pouco mais clara, você não sentirá o peso do preconceito. Quanto mais escura for sua pele, mais marginal você será. Você é suspeito apenas por existir com sua pele escura, e não há nada que você possa fazer para reverter isso, ainda não. É uma dor sem fim e sem remédio.

Nessa gama de cores, poucos querem cruzar a linha tênue da negritude, a ponto de negros não aceitarem ser negros e de até mesmo odiarem negros. Quem sabe dizer a partir de qual tonalidade passa-se a ser negro, qual é o nível de encaracolamento de cabelo de preto ou que largura das narinas são de origem negra? Quais os parâmetros de negritude?

Onde ser preto significa ser marginal, naturalmente, ninguém quer ser marginal, e preto. Ninguém quer ter que andar sempre preocupado com suas roupas, seus chinelos, em não parecer suspeito tocando nas mercadorias da loja, cochichando, fazendo uma corrida na rua. Ninguém quer ser a escória da sociedade.

Dito isso, os que lutam pela consciência negra e que já se aceitaram, precisam lutar pela autoaceitação de tantos outros; precisam lutar, como vêm lutando, para que os negros tenham cara de tudo, para que possam usar o que quiser e estar em todos os lugares, para que não sejam toleradas piadas que depreciem as pessoas por sua cor, que citem a cor como argumento para qualquer característica negativa. Isso não pode ser naturalizado. Ser negro não é ruim, e é isso o que todos temos que internalizar, todos os brancos e negros que não sabem que são negros, mesmo sofrendo com o que sua cor traz.

Não há dor maior do que pensar que seu filho poderá sofrer por toda a sua vida porque sua cor é mais escura, e nada pode mudar sua cor, não que sua cor deva ser mudada; o fato é que não há o que se fazer para tirar o ódio que as pessoas poderão sentir por ele ser do jeito que é, ao menos em tão pouco tempo. Mas, podemos não aceitar mais piadas, não tolerar injustiças, não repetir expressões racistas, exigir políticas sociais que promovam a igualdade e aceitar de uma vez por todas que todos nós temos o mesmo direito de estarmos aqui e de aproveitarmos tudo o de melhor que essa existência possa nos oferecer, seja lá de onde viemos e seja lá o que nos torna o que somos. Devemos ser antirracistas, como teria dito Ângela Davis, não podemos tolerar que seres humanos sejam tratados de maneira humilhante, degradante, violenta, que sejam subjugados e animalizados por causa da cor de sua pele.

Já estávamos em quarentena.

Estou sozinha com o corona lá fora. Na minha infância, tinha a certeza de que o futuro seria exemplar, as coisas pareciam correr bem, existiam propagandas na televisão que ensinavam cidadania e aulas que ensinavam noções de higiene; as pessoas deixaram de jogar lixo nas ruas, leis de trânsito foram melhoradas, parecia que estávamos indo em direção à paz e à prosperidade. Passamos períodos difíceis na economia, faltou carne, faltou dinheiro, parei de estudar, porém, a pobreza começava a ficar menos pobre.

Tenho vergonha em dizer que eu, assim como a maioria dos brasileiros, fui criada por um canal de televisão. Ficava deitada no pequeno sofá da sala, comendo um tomate e assistindo a filmes, era esquisita, eu sei. Aliás, não é sem motivo que me autodenomino “Mulher Alienígena”. O meu sonho na adolescência era o de ter uma calça jeans. A minha casa tinha dois cômodos, sem rebocos, eu ficava na escada para que os amigos não entrassem. Parecia mal-educado, mas acho que eles compreendiam.

Apesar da pobreza, que melhorou com o tempo, o mundo era promissor, eu acreditava nas leis. Pobre coitada. Hoje, vivemos um caos parecido ao que acompanha guerras, catástrofes, tempos que levam ao fundo do poço e geram mudanças. Hoje não há leis, não há garantias, não há verdades, aliás, há verdades incrivelmente velhas e ultrapassadas. O Brasil, assim como outros países do mundo, está sendo governado por uma pessoa totalmente despreparada e que a todo o momento coloca em risco a soberania e o povo, tomando medidas baseadas em senso comum sem nenhum fundamento e que contradizem o conhecimento científico. Estamos perdendo conquistas históricas, direitos de todos os tipos e credibilidade internacional. Esse homem incita a violência e a intolerância com seu discurso de ódio e dissemina falsidades que captam os ingênuos que estão em busca de segurança e de um herói. Além de estar tudo indo ladeira abaixo, igual a mulher quando entra na menopausa, aparece essa pandemia de coronavírus.

Parece que o fim está próximo. Tudo parado, medo, violência, intolerância, desigualdade, miséria humana. Há muito não tinha forças para escrever nesse humilde diário, tão ultrapassado quanto, talvez, minhas ideias. Mas aqui estou eu, com os meus suspiros restantes.

Ficaremos em quarentena por 15 dias, por enquanto. Se não bastasse tudo o que o mundo se tornou (e creio que, nessa etapa da dialética histórica há um agravante, que é a internet), temos que ficar trancados em nossas casas (com medo de que uma doença fatal nos alcance e caiamos mortos no chão), parados, assistindo a noticiários infundáveis contando-nos sobre esse caos e aguentando os gritos das crianças jogando *Freefire*. Eu não sei o que é pior.

A destruição está em nossas casas e chegou lentamente. O *Apocalypse zumbi é now*, minha gente. A besta está no comando, a pestilência está por toda parte, o desespero, a decadência e, para completar, todos estão parados dentro de casa, sentados por 24 horas segurando um dispositivo eletrônico. O mundo começou a acabar quando começamos a pensar

que um telefone celular é parte integrante de nosso corpo e que sem ele não somos capazes de abrir a porta da geladeira. É através dele que obtemos nossas informações, opiniões, alegrias, satisfações, tudo. Não se iludam, somos todos dependentes, viciados em internet. Todos nós, tanto que fingimos que essa questão não é séria para que não precisemos tomar iniciativas em relação aos outros e a nós mesmos, para que possamos continuar sentados, olhando para uma tela. Triste.

O fim já chegou. A semente já foi plantada, a semente do ópio que envenenou tudo, brotando ódio e frutificando alienação. O ovo da serpente está prestes a se quebrar.

Você amaria um Jesus preto?⁷

Poderia o menino Jesus ser preto? Seria Jesus amado, idolatrado, reverenciado se sua pele fosse escura e seus cabelos fossem crespos?

Alguns dirão que sim, e darão o exemplo de Nossa Senhora Aparecida, que seria preta, mas as pessoas sabem que Nossa Senhora Aparecida, que é uma representação de Maria, é uma entidade negra? E o Pelé? Outros dirão, mas será que ele mesmo sabe que é preto?

Aconteceu no Brasil, de acordo com Kabengele Munanga, um processo de mestiçagem que influenciou na maneira como o racismo se desenvolveu; segundo ele, os filhos dos senhores de escravizados com mulheres escravizadas ou libertas teriam maior aceitação social, através dos benefícios financeiros que podiam receber quando esses pais os reconheciam como filhos. Essa vantagem herdada pela filiação e pelo nível de riqueza foi estendida aos descendentes brasileiros relacionando a condição de descendência bem-sucedida ao nível de branqueamento do indivíduo, ou seja, quanto mais clara é a pessoa, menos preconceito ela sofreria dentro da sociedade. Outra questão levantada pelo autor é que a percepção de negritude também depende do nível que o indivíduo ocupa dentro da hierarquia econômico social, isso significa que quanto mais rico e importante for o indivíduo em sua sociedade, menos as questões de cor possuem relevância. Parece ambíguo, mas não é, pois quanto mais escuro, mais discriminado, porém, se o indivíduo for “pica das galáxias”, ninguém vê que ele é preto.

Para compreendermos melhor a questão da cor, devemos entender que o racismo não se construiu da mesma forma em todos os locais onde ele existe; nos Estados Unidos, por exemplo, o preconceito vai além da aparência física da pessoa, o ódio e a intolerância atingem a todos os descendentes de pessoas de origem negra, mesmo que estes possuam cor de pele, cabelo e olhos claros, ou seja, o preconceito é contra a origem do indivíduo, não apenas contra a cor. Aqui no Brasil, a exclusão e o preconceito levam em conta o nível de pretitude, o nível de poder econômico e de influência que o indivíduo possui. Essa questão é complexa e gera dissensos sobre programas de inclusão, de cotas, porque não há um parâmetro adequado para diferenciar uma pessoa preta de uma branca, tampouco fica claro se a cota existe para uma reparação histórica que, se fosse o caso, deveria englobar a maioria da sociedade pobre e misturada que é descendente dessas pessoas que foram escravizadas, transformando, assim, todos os programas, em um que leve em consideração a renda.

Porém, ser preto implica em ocupar um lugar na história e na sociedade, e isso sim é intensificado de acordo com a pretitude. Com as lutas e reivindicações, a maneira como a questão do racismo é encarada na nossa sociedade está mudando. Na minha infância, porém, as únicas fotos de pessoas pretas que existiam nos livros eram as dos escravizados, então, era assim que a identidade do negro era construída e consolidada em nossa sociedade, a de um

⁷ A minha tia me deu um presépio que ela mesma fez de tecido, mas faltava o menino Jesus, então resolvi fazê-lo de biscuit, preto e lindo, como os meus filhos.

escravo, subalterno, ignorante. Quem seria o louco de querer ter a ver com tal identidade? Eu cansei de ver pessoas pretas, até mesmo da minha família, negarem a sua origem e falarem mal dos “pretos”. Ser preto era algo ruim, ninguém deseja fazer parte de algo negativo.

Eu já falei sobre essa questão outras vezes aqui e me sinto no direito de falar, embora talvez possa não ser considerada preta, porque essa linha de divisão da cor não está posta. Na minha certidão de nascimento está escrito “parda”, mas não teria coragem de me candidatar a uma vaga nesta cota por medo de não me identificarem como eu me identifico. Não sei de onde vieram meus antepassados, dizem que minha bisavó por parte de mãe tinha olhos azuis, a minha avó era branca e tinha olhos cinzentos, o meu avô, não conheci. A minha avó por parte de pai tinha expressões indígenas e olhos castanhos claros, o meu pai é preto e tem cabelos crespos, o meu avô, também não conheci, pois, assim como o outro, suicidou-se no mar de machismo e ignorância doente que cobria o mundo. Então, eu sou assim, cor de burro fugido, como diziam os antigos. Como eu sei o que é ser preto? Tenho filhos que são considerados pretos, e dói.

Doía quando os meus filhos eram crianças e não podiam andar de chinelos, ou quando entravam nos lugares e as pessoas os ficavam vigiando; doeu quando eu entrei com meu marido em um evento em que as pessoas eram revistadas e os revistadores não nos revistaram, ficaram rindo para nós, desajeitados, e, em seguida, revistaram meu filho e a namorada dele. O meu marido é branco e de olhos verdes. Doeu quando fui ao supermercado e, no caixa, percebi que a moça tinha mandado o segurança verificar alguém suspeito, mas, percebendo que o suspeito estava conosco, despistou e disse que era engano. Ele só estava comprando chocolates. Todos os funcionários eram pretos.

Os meus filhos são pessoas excelentes, inteligentíssimos. Um é um gênio do audiovisual, o outro estuda o dia todo para ser médico, porque gosta. Nunca desrespeitariam uma mulher. Queriam mudar o mundo. Não podem entrar em um supermercado sem parecerem marginais. Eles são lindos.

Tudo isso dói incomensuravelmente porque não posso, ainda, mudar nada. Não posso mudar a maneira como as pessoas os veem, nem o lugar em que eles são colocados por causa da sua linda cor e dos seus cabelos. Nesses momentos eu sinto ódio, e de tanto ódio, quase que me desanimo dessa sociedade doente. Mas, então, vejo como eles são pessoas maravilhosas e tenho esperança, e para dizer algo, faço um menino Jesus preto mesmo porque eu quero e porque é lindo.

É no supermercado que a sociedade aparece.

Supermercados são lugares que sempre me causaram sentimentos estranhos. Eu nunca fui (mesmo em alguns momentos de maior poder aquisitivo), daquelas que adoram sair para consumir. Passei por muita coisa na vida, tive momentos de muita necessidade, de falta de alimento em diversos períodos e ir ao supermercado nesses momentos é uma experiência escalavradora.

Há umas semanas, eu estava na fila de um desses grandes supermercados e notei uma senhorinha atrás de mim, acompanhada por uma adolescente; a senhorinha segurava uns pacotes de biscoitos e umas três bandejas de iogurtes, daqueles mais baratos que não passam de um composto engrossado com uma espécie de amido. As duas vestiam-se de maneira simples, notava-se que a senhora estava um pouco desconfortável e orgulhosa ao mesmo tempo. Pensei: “Que fofinha, deve estar com os netinhos em casa, tentando agradar.” Na minha observação silenciosa, ouvi a adolescente dizer: “Põe uns de volta, vó, não precisa disso tudo!” A avó insistiu: “Não, é pra vocês, é pra vocês!” Nesse momento, senti um nó na garganta e meus olhos começaram a arder, e quem me conhece sabe que não gosto de chorar, embora tenha vontade, muitas vezes. Eu tive vontade de chorar porque é muito triste querer agradar aos que amamos, mesmo não tendo condições, e porque a menina reconheceu os esforços da avó naquele intento e se preocupou com suas finanças e suas faltas. Também me emocionei porque aquela senhora, com seu pequeno dinheiro, sentiu-se bem por poder agradar aos seus netinhos, talvez, a única fonte de felicidade, quem sabe? Principalmente, senti-me triste porque a maioria das pessoas não pode comprar uma bandeja de iogurte.

Cada vez que vou ao supermercado, sinto-me mais triste porque cenas que não via há muito tempo, talvez desde os anos 80, estão voltando a acontecer. Os supermercados estão ficando cheios de seguranças para nos vigiar, desconfiando de todos. O que dói mais é ver itens que antes eram rejeitados voltarem para as principais prateleiras, e ver as pessoas revirando mercadorias, não tão em bom estado, mas com ótimos preços, a fim de encontrar algo que possa fazer jus à próxima refeição. Dói ver as pessoas de chinelos e camisa surrada desconfiadas da desconfiança de quem as olha. Dói ver o crescimento de pedintes do lado de fora. Dói ouvir na TV que o agronegócio bateu recordes de lucros em um ano de pandemia e miséria e, mesmo assim, o óleo de soja, o arroz e o feijão mais que dobraram seus preços. Qual a vantagem desse recorde para a maioria do povo sendo que, cada vez mais, menos empregos esses tais agronegócios oferecem e a comida básica fica inacessível? Algo não bate.

É no supermercado que a situação da sociedade se denuncia.

Uma vez, quando criança, fui ao supermercado com meus amiguinhos, todos pobres; nossa alimentação era baseada em fubá suado no café da manhã e arroz com feijão quando dava. Os meninos, no supermercado, roubaram umas balas, senti-me envergonhada, com medo

e delinquente. Não os censuro hoje. Mais tarde, quando o meu pai pedia ao meu irmão para ir ao supermercado, dizíamos todos em coro a lista: Tomate, banana e ovo.

A minha variedade alimentar era tão restrita que não me lembro nem de ter comido pão de queijo antes dos vinte e tantos. Na adolescência, faltou comida, alimentava-me de alguns abacates surgidos de Deus sabe lá onde. Não ter comida é a situação mais humilhante que o ser humano pode enfrentar.

Por tudo isso, não admito que reclamem da falta de comida, ou do tipo, quando se pode abrir as portas dos armários e eles não estão vazios; por isso me dói ver a situação em que a maioria dos brasileiros está não tendo a possibilidade de entrar em um supermercado para comprar comida. Muitas pessoas estão fazendo das latas e dos caminhões de lixo o seu supermercado. Enquanto isso, um bilionário está fazendo turismo no espaço. Mais do que comida, está difícil se alimentar com esperanças.

O sentido da vida e da escrita

A pandemia me tirou a vontade e o jeito de escrever. A pandemia, o mundo, a humanidade.

Escrevia sempre por esperança. Tinha esperança de que alguém lesse e se identificasse com os meus pensamentos, esperança de que as minhas reflexões pudessem adicionar algum sentido para a vida, minha ou de outro, esperança de que algo se transformasse. Escrevia também para expurgar os demônios, as dores, as rejeições, as indignações.

Eu tinha a esperança de escrever um livro, e que se concretizou, em breve; porém, parece não haver mercado para nenhum tipo de autor que não sejam aqueles que pegam velhas fórmulas para escrever alguma coisa de autoajuda, negacionismo ou outro tipo de picaretagem. Os jovens pensam que não precisam mais aprender história, ou qualquer coisa, pois o “Google tem tudo”. As pessoas têm preguiça profunda de ler algo com mais de três linhas, isso quer dizer que, se alguma alma começou a ler este texto, não chegou até aqui, infelizmente. Escrever quase perdeu o sentido para mim, quase, porque aqui estou.

Muitas coisas perderam o sentido. Caminhando pelas ruas ou andando de ônibus, vejo pessoas de todas as idades, indo para algum lugar para realizarem algum trabalho; os de pele enrugada trazem em suas expressões a carga de inúmeras decisões, caminhos errados, amores perdidos, talvez, fome, dor, perdas, queimado de sol. Os jovens caminham cheios de futuro e entusiasmo pela vida, algum brilho no olhar ao se remeterem a um amor possível, platônico, ideal. Alguns têm ódio. Muitos. Olho para toda essa gente que nada e tudo significa para mim. Nada, porque seus destinos, de todos, não estão atrelados ao meu, se morrerem, a mim, não causará espanto, assim como acontecerá se eu morrer aos outros viventes. Mas, todos me importam no sentido de que são seres humanos como eu, e que possuem sentimentos, desejos, dores, e pouco tempo de vida, como eu. Gostaria que a humanidade se respeitasse.

Caminhar pelas ruas não tem sentido. Ir para algum lugar onde se fará algo que nada signifique para ganhar dinheiro que não paga o que se precisa; tomar todo o tempo rodando como uma barata pisoteada pelos dias, à espera de algum alívio, paz, novidade, é o que se naturalizou para a humanidade. Barata pisoteada sem esperança de endireitar as asas, o mundo, a vida. O mundo parece o mesmo de milhares de anos atrás, quando as pessoas já se dominavam, se odiavam, se escravizavam, se matavam em nome de qualquer porcaria inventada. Não, Hobbes, não, Rousseau, Não, Marx, Foucault, não! Somos capazes de descrever, mas será que somos capazes de compreender o motivo pelo qual o ser humano sempre age como se estivesse em alguma dessas distopias? Alguns pensam que sim.

Eu gostaria de encontrar, de novo, algum sentido. Sentido para me levantar e me sentar aqui e dizer algo; sentido para continuar a fazer todos os dias o que devo e não o que gostaria, sentido para não ter tempo e olhar os lírios do campo. Gostaria que a humanidade não naturalizasse uma vida miserável assim como naturaliza o capitalismo, aliás, essa vida

miserável é o capitalismo. Por que naturalizamos algo tão terrível? Para viver, sobreviver. Mas isso lá é vida, ter que provar a todo o momento que somos bons, bons o bastante? Conquistar títulos para fazer uma listagem no Lattes? Comprar diamantes e expor a vida na internet? Ter vários parceiros emplastificados? Posar com armas? Xingar o outro que é diferente? Nunca ter tempo livre por que se realiza milhares de trabalhos? Cuidar da vida de todos?

Nada tem sentido nesse sistema. Espero encontrá-lo, o sentido, novamente.

Seres humanos: interesses individuais ou coletivos?

O homem, na concepção antiga de humanidade, nem sempre se viu da mesma forma, nem sempre se sentiu do mesmo modo. Se no período clássico ele se via como parte do cosmo, na idade moderna passou a se ver como centro do mundo, e isso significou grandes mudanças e desenrolares (não estou bem certa sobre a palavra “avanços”) de teorias sobre os diversos aspectos sobre a humanidade e a sociedade. Quem sou eu para ficar aqui divagando sobre questões filosóficas? Apenas uma mulher que possui rudimentos de conhecimentos e uma mente a mil por hora.

Pois bem, o homem descobriu a subjetividade de seu mundo, e o colocou aos seus pés e disposição; ele (o homem) não era mais uma parte de um todo, de uma natureza divina, mas era o ser que poderia moldar seu próprio universo. Apesar de já ter criado Deus à sua imagem há milhares de anos, ainda se via como um ser totalmente impotente diante da incontestabilidade dos desígnios desse Deus e de sua divindade. Na modernidade, passou a ser o centro das discussões sociais, políticas e filosóficas.

Surgiram então as novas definições sobre justiça e liberdade, as concepções sobre Estado também sofreram modificações. O Estado, escolhido para representar e defender as necessidades do povo, deveria cuidar da segurança desse. O homem viveria então sob o intenso medo da morte, e por esse medo viveria em constante tensão. O indivíduo passa a ser visto como anterior à sociedade, e suas necessidades individuais, a autorrealização e a experimentação pelos sentidos passam a ser a base do pensamento. Alguns pensadores, influenciados obviamente pelo seu tempo, colocavam seus argumentos sobre a convivência em sociedade, defendendo a propriedade, a manutenção da vida, a liberdade ou a igualdade. A individualidade é a base para esses pensamentos, o ser humano se volta para ele mesmo enquanto indivíduo pensante e desejante.

Pois é, depois vem o tal do Marx, do qual muitos falam, mas poucos leram suas obras inteiramente, inclusive eu. Ele vem com uma nova visão sobre a vida em sociedade, sobre as estruturas sociais e seu funcionamento. As lutas de classes seriam responsáveis pelas mudanças históricas e dessas estruturas, a história se moveria através dessas lutas, ou seja, da insatisfação das classes massacradas, desfavorecidas e subjugadas que decidiram mudar a ordem da bagaça.

Dizer que as classes são diferentes, já significa individualizar. Eu não luto por outras classes, eu luto pela classe a que pertencço, com a qual me identifico, a classe que fornece as minhas estruturas dentro da sociedade. A classe que define a minha individualidade. A classe que me diz quem eu sou.

O que interessa aqui não é como as estruturas agem sobre, ou definem o indivíduo, o que interessa nessa breve reflexão, talvez rasa, é sobre a individualidade, a subjetividade, e sobre como ela interfere nas estruturas.

Quando falamos de estruturas, nos vem à mente algo rígido. Eu imagino um armário, cheio de prateleiras e gavetas, onde as pessoas são colocadas e levam suas vidas com suas rotinas todas definidas e imutáveis. Em cada compartimento estaria uma classe, unida e separada das demais. As camadas que se concentram embaixo seriam a base (no sentido de construção civil) que sustentaria todo o resto. Uma hora, essa prateleira não suportaria mais o peso e se quebraria, dando início a uma nova estrutura. O grupo que ali estava assume, então, nova posição, levando o armário todo a se reformular e reconstruir seus compartimentos. Nessa reformulação, teriam que ser chamados novos carpinteiros que tentariam rever o funcionamento e tratariam da manutenção. Talvez essa seja uma visão um tanto simplista, mas essa é a imagem que me vem.

Pois bem, os desejos do coletivo, digamos, de uma delimitada coletividade, seriam a base das mudanças históricas, das evoluções e das revoluções, como se existisse algo inconsciente pairando no ar, inalado pelos indivíduos de uma classe que a levasse a se unir e a agir em determinado momento; seria um descontentamento geral e unificado e um “nada mais a perder” que levaria a classe a se levantar em busca de uma situação melhor, para as classes em questão, obviamente.

Ninguém quer ser oprimido. Muitos são encabrestados para se sentirem bem na opressão, para não se revoltarem com seu pertencimento a castas inferiores. Mas, voltando à questão da natureza humana, se é que existe a tal essência, seria pertencente ao ser humano, ou natural, gostar de ser subjogado? Ou a maioria não possui capacidade de desenvolver reflexão sobre sua posição e sobre as tais estruturas que os colocam em seus lugares? Ou ainda, quem prefere o pior, o menos, o menor?

Penso que o sentimento de revolta pela repressão, deva ser, antes de tudo, um sentimento individual. Quando um indivíduo luta por sua classe, ele quer melhores condições para o seu pertencimento, ele luta por seus interesses. O interesse da classe não se sobrepõe ao individual, mas faz parte deste, pois trata-se da identidade do ser individual que é também coletivo.

Podemos e, a meu ver, deveríamos, desejar uma sociedade justa para todos, com igualdade e paz. E, de acordo com o meu pensamento, a maneira de se conseguir isso, seria tentar oferecer as mesmas oportunidades a todos. Muitos devem pensar como eu, porque parece óbvio que, onde há diferenças extremas, há violência, e isso representa um perigo constante para todos os indivíduos. Todos desejam viver em paz e em bonança. São desejos individuais, mas que parecem que só poderão ser concretizados se forem realizados coletivamente. Se vivemos em uma sociedade, com tais estruturas, com oprimidos e opressores, a felicidade individual parece estar ameaçada pelas desigualdades, e os indivíduos compartilham de sua insatisfação com outros que pertencem ao mesmo lugar.

O que quero dizer com essa breve reflexão é que as classes existem, mas elas não são um ser que se move por si só. As classes são grupos formados por indivíduos com desejos e necessidades individuais equivalentes e fazem parte da identidade desses. Os indivíduos se movem por interesses próprios e das classes às quais pertencem em busca de satisfazer suas necessidades. Indivíduos é que tomam a voz, que insuflam, que convocam a coletividade.

Indivíduos é que manipulam, que usam da identidade compartilhada para realizar as movimentações, e não alguma força superior e quase sobrenatural. Indivíduos tomam decisões e se revoltam. Indivíduos desejam manter as estruturas e seus privilégios, assim como os privilégios dos que pertencem ao seu grupo.

Talvez eu esteja falando muitas besteiras, e, obviamente, preciso de muitas informações e reflexões. Mas, na minha visão, indivíduos fazem a história através de seus interesses e dos interesses dos que fazem parte de seu grupo, de sua identidade, e não algo além ou aquém deles. Tanto, que as mudanças só acontecem através desses movimentos, o das classes, dos indivíduos que agem por seus interesses, interesses de uma determinada individualidade entre outras.

Reflexão dos 40 e poucos

Meus contornos já não são tão retilíneos e quando me vejo, me assusto com a pessoa que é retratada, não sou eu! Eu ainda me sinto com dezoito anos, embora exausta, sonolenta e insone (se possível), mas com os fios que insistem em branquear. A barriga, há muito se desfigurou, assim pensava, hoje, não. A barriga é a barriga de um ser humano que já teve filhos, linda. Se é uma bola, como dizem algumas crianças sinceras, ou caída, isso quer dizer que ainda vivo e ela está lá. Em breve, muitos mais fios brancos aparecerão e terei que tomar a escolha de assumi-los ou passar por torturas periódicas (pois é assim que vejo o salão de beleza). Oh, meu Jesus, que mal eu fiz para ficar decadente?

Serei ainda amada e desejada, enquanto esqueletos esbeltos e serelepes continuam a nascer e a proliferar sobre a terra? Quantas madeixas volumosas, quantas peles de pêssego ainda virão enquanto murcho e definho. Os olhos já não veem e a mente, capenga. A postura se desconfigura e a frescura se esvai.

Por quê? Oh, existência cruel!

Caminho, achando-me adolescente e contrariando-me com a imagem refletida. Não sou aquela. Não tenho aquilo. Não sou aquilo. Ou, talvez eu não esteja enxergando direito o que vejo! Talvez, aquela imagem seja a mais bela que eu já tive, a mais rica e decidida, a mais cuidada e nobre. Talvez eu esteja míope ou cega pelas palavras alheias, pelas ideias distorcidas. Talvez eu seja a mais bela que já fui, hoje, agora, com a minha mente eternamente desejosa, e o meu corpo plenamente desperto.

Oxalá, eu me torne um vinho, ou um queijo provolone, velha, mofada e gostosa. Piadinha sem graça, eu sei, mas tem gente que gosta.

O ser humano evoluiu?

O ser humano não evoluiu, no sentido biológico e divino da evolução. Fisicamente, não poderia dizer se as características do cérebro são as mesmas que encontraríamos na época de Sócrates, por exemplo, mas pela complexidade dos pensamentos da época, não parece ter havido muita mudança. O que significaria evoluir biologicamente para os seres humanos, que necessitam basicamente dos poderes cerebrais para sobreviver nessa terra árida? Talvez o cérebro evolua, ou seja, se adapte a algumas necessidades de sobrevivência, assim sendo, umas das aptidões adquiridas seria a necessidade de convívio com os outros seres humanos, até porque quase nenhuma espécie pode sobreviver e proliferar totalmente isolada de seus pares biológicos, e essa é, especialmente, uma condição para o ser humano (salvo raras exceções de eremitas). Então, a evolução da humanidade deve consistir em nascer com mecanismos cerebrais que nos possibilitem sobreviver com os outros.

Quando se estuda a humanidade, as áreas do conhecimento se emprestam, às vezes se complementam, mas, na maioria das vezes, se ignoram. Como pensar em estruturas sociais, em sociologia macro, micro, em teorias sobre o movimento da história, se ignorarmos o indivíduo com suas características biológicas e psicológicas? Como ignorar a neurociência? Como podemos imaginar ou supor que os acontecimentos se dão por eles mesmos ou por estruturas que os organizam, originam, sequenciam ou culminam, e apenas isso? Parece mais religioso que o contrário.

Naquela época, lá, do behaviorismo, algumas experiências secretas foram realizadas culminando em catástrofe para suas cobaias, como a experiência onde um dos gêmeos foi levado a “ser” mulher, ou a dos outros três gêmeos que foram separados, colocados em famílias totalmente diferentes e monitorados secretamente. Eu não sei o que foi provado com aquilo, além de que seja muito sério tentar manipular vidas de seres humanos e de que as pessoas nem sempre são fruto de imposições ambientais, apenas. Há também o caso daquela menina que foi, supostamente, criada com cães; se ela não tivesse nenhum problema mental, seria indício de que, como afirmam alguns cientistas, se o ser humano não tem contato com a linguagem e outros tipos de conhecimento e interação social até os cinco anos, ele não será mais capaz de se desenvolver normalmente.

Não sei até onde essas “pesquisas” são verdadeiras ou não, elas apenas nos mostram como ainda sabemos pouco sobre nós mesmos, sobre nosso cérebro e sobre como nos relacionamos e desenvolvemos. Estou a dizer isso porque penso no que aconteceria se, de repente, houvesse um cataclismo e toda a fonte de conhecimento e de desconhecimento, como a internet, se fossem para sempre. Os seres humanos restantes talvez voltariam a viver como no tempo das cavernas e teriam que recriar todos os seus mitos e tecnologias, de uma maneira que não podemos imaginar; acabaria toda a suposta evolução da raça humana. Ou seja, a humanidade evolui de duas maneiras: individualmente (cada um através de sua própria vida,

com suas experiências com o mundo, e assim, contribuindo com ele), e socialmente (através da manutenção do conhecimento produzido, armazenado e disseminado). Seria, como gostam os pesquisadores de dizer, uma evolução sincrônica e outra diacrônica. Assim sendo, se não houver mais nada do que chamamos de evolução lá fora, o ser humano será apenas um animal que precisará refazer sua trajetória através de seu cérebro diferentemente preparado em relação ao dos outros animais.

Então, caríssimos, mesmo que filósofos, pensadores e cientistas notáveis, com cérebros mais preparados ainda, que tivessem acesso a grande parte do conhecimento já produzido, conseguissem desenvolver teorias riquíssimas que poderiam transformar a vida humana de maneira benéfica (porque é para isso que os grandes pensadores pensam, em sua maioria), nada disso teria valor se o conhecimento não fosse disseminado, aceito e transmitido. Muitas teorias podem ter sido destruídas em queima de livros, seja por acidente ou por livre intenção daqueles que não conhecem ou que não estão aptos a conhecer a profundidade de tais proposições ali contidas. Assim foi e sempre será. Como proteger a suposta evolução que já conseguimos através do acúmulo e da transformação de conhecimentos gerados por todos esses séculos?

Com o que vemos acontecer no mundo, com o radicalismo e o ódio, vira e mexe, tornando os seres humanos irracionais e destrutivos, competitivos e cruéis, conseguimos perceber quão frágil é a nossa existência neste planeta, e quão à mercê de nossos instintos de sobrevivência estamos. O tal instinto de preservação do eu, do qual falei aqui, e que abarca vários aspectos da vida humana e não demanda sempre de reflexões lógicas. As tais da ética e da moral, que criamos para viver socialmente, não dão conta das complexidades humanas. Ter razão deixou de ser racional.

Imaginemos um indivíduo que jamais leu um texto completo, consegue decodificar apenas manchetes de jornais e sempre teve uma vida tomada por tribulações pesadas de uma rotina exaustiva; esse indivíduo não será capaz de compreender proposições complexas, porque, para esse tipo de processamento, levam-se anos de muito consumo e processamento de informações, o que esse indivíduo não teve e agora, talvez, não queira e não seja capaz de ter. Além do próprio vocabulário, que poderá ser totalmente desconhecido para ele, todas as definições que vem com ele e as conexões intertextuais que esse indivíduo poderia fazer em relação a história e até mesmo a procedimentos práticos relacionados a esse vocabulário são algo inacessível ou inexistente. O nível de compreensão desse indivíduo será, conseqüentemente, diferente do de alguém que cursou faculdade e passou a juventude lendo tratados de economia, literatura clássica e livros sobre filosofia. Não há como as duas pessoas enxergarem as mesmas coisas, simples assim.

Outra consideração a ser feita é sobre o tipo de ideologia que essa pessoa abraçou de acordo com os princípios éticos que recebeu desde sua tenra idade. A ideologia também modifica a maneira como as proposições são apresentadas por um indivíduo e define como ele vai se portar no mundo; muitas vezes, a agressividade poderá ser tolerada quando relacionada ao que representar um inimigo, ou seja, quando o agredido abraçar ideais que para nós são

inadmissíveis, dentro da ética de nossa sociedade; mais uma vez surge o instinto de preservação do eu, das minhas ideologias, do que represento e quero representar.

Não estou aqui falando de perigos reais, ou seja, como sobre a condenação de assassinos em série que representam risco verdadeiro à sociedade, falo sobre a intolerância a tudo o que é contrário ao que abraçamos como certo para a nossa sociedade e para as nossas vidas. Nessas horas, quando talvez a parte biológica fale mais alto, podemos agir de maneira semelhante à daqueles que representam aquilo que não queremos e odiamos, nesse momento, mostramos como somos todos parecidos.

A responsabilidade pela evolução da humanidade está em quem decide se temos o direito sobre o ser do outro, ou seja, quem tem o poder de decidir sobre o que o outro deve ser, ou até mesmo, se o outro deve viver. Esse tipo de comportamento, o de se sentir responsável por realizar o julgamento em relação à individualidade alheia, e de condenar, desequilibra a sociedade porque interfere diretamente sobre o ser do indivíduo e cria parâmetros de riscos sociais baseados em ideologias. Não se trata de combater um leão capaz de acabar com a vida de outro ser humano e que deveria ser exterminado, o fato é que qualquer coisa poderia ser um leão e qualquer comportamento poderia ser uma ameaça. A subjetividade das ameaças do “eu” é criada e recriada a todo momento de acordo com o tamanho das informações que possuímos, nossas experiências e a capacidade de reflexão que foi desenvolvida.

Há muito o que se refletir... Mas eu não penso que a humanidade possa dizer que tenha evoluído. Não com o que os meus olhos veem a cada minuto.

Tecnologias - toda imaginação é uma visão do futuro

As notícias sobre as tecnologias nos lançam um olhar digital sobre nós mesmos e sobre o nosso passado e nosso futuro.

Quando eu era criança e assistia aqueles filmes futuristas, onde as pessoas ficavam conversando através de uma tela, eu pensava: *Que idiotice, como é que pode ser possível você falar com a pessoa na televisão e ela te ouvir e responder? Que coisa ridícula, isso nunca existirá!* Mas, hei que a modernidade chegou e podemos falar com pessoas do outro lado do mundo em momento real. Isso me faz pensar que tudo é possível neste mundo.

Antigamente eu tinha o sonho de ter alguns poderes, e o de me comunicar telepaticamente era um deles. Imagine que maravilha, você querer falar alguma coisa com alguma pessoa em qualquer lugar que ela esteja, sem precisar fazer nada além de pensar! Parece um sonho distante, mas nem tão distante. Como o professor de Estudos gramaticais disse, em pouco tempo existirão chips implantados em nossas mentes como se fossem pequenos computadores. Imagine que quando desejarmos é só deixar ligado para recebermos as mensagens de quem quisesse se comunicar conosco, ficaríamos com a cabeça on-line; conversas inimagináveis seriam travadas por horas, parados, deitados, ou de qualquer forma que nos sentíssemos mais confortáveis. A telepatia digital!

Quanto ao teletransporte, ainda não vejo a possibilidade próxima, mas não a descarto. Talvez possamos inventar alguma máquina que fosse capaz de transmitir o tato, imagine que loucura!

Mas, o meu grande sonho é a máquina do tempo! Como queria desvendar os mistérios de outros tempos, ver quem realmente foi Jesus e Muhammad, ver a construção das pirâmides, os dinossauros, e por que não, ver o tempo em que não viverei.

Bem, já que estão recrutando pessoas para morarem em Marte, talvez tudo o que está nos sonhos e na imaginação seja possível, afinal.

Brasil de 2015 - Idade das Trevas

Sinto que dormi e acordei em uma realidade alternativa, em um Brasil onde o *Martin* voltou no tempo e se encontrou com o seu outro *eu* mudando todo o arcabouço de espaço e tempo, criando um 2015 sinistro e inimaginável. De repente, os radicais tomaram os meios de comunicação, estão nas televisões arrolando fiéis, envolvendo, convencendo as massas, criando um batalhão, um exército de Cristo! Eles estão comprando as rádios decadentes, e o pior de tudo, estão fazendo as leis de nosso país!

Não, meu povo, eu não sou evangélico-fóbica, eu não sou cristo-fóbica, eu não tenho medo ou ódio de evangélicos e muito menos de Cristo. Aliás, quero deixar claro que não tenho religião. O problema é que tudo isso que está acontecendo, não é por acaso, e não será sem consequências; o problema é que essas igrejas e seus líderes maiores da atualidade estão construindo um império em nome de Jesus Cristo, estão tomando o poder em todas as esferas, estão até mesmo criando um exército de Cristo, que agora está em silêncio, devido a repercussão de um vídeo na internet, mas, com certeza, não está inativo. O problema é que esses líderes estão disseminando o ódio, o preconceito, a intolerância, estão lançando projetos de leis que nos fazem voltar à idade das trevas, limitando ou destruindo as conquistas e o progresso que tivemos até agora. Em nome de Deus e de Jesus, estão construindo um verdadeiro império das sombras.

Não tenho religião, mas admiro as mensagens que supostamente foram deixadas por Jesus, como:

“Deixe tudo, pertences, família, renuncie a tudo!”

O que mesmo? Deixar pertences? Essa máxima está sendo seguida, principalmente pelos líderes religiosos.

“Ame a todos como a si mesmo.”

Nunca vi tanto amor esparramado pelas igrejas e derramado pelas bocas de seus líderes... Disseminam ódio disfarçado de defesa da igreja, da família, de Jesus. Chamam os fiéis para lutarem contra o que é diferente, contra o que julgam estar errado, contra o que não pertence à “tradicional família brasileira”. O amor por todos entra onde? A tolerância? Não existe para quem não cabe nos modelos impostos pela igreja.

“Aquele que nunca pecou, que atire a primeira pedra!”

Pelo que podemos perceber, os líderes religiosos se comparam apenas a Deus, imaculados, sem pecados, pois vivem atirando para tudo quanto é lado. O engraçado é ver que eles argumentam estar usando a liberdade de expressão, dizem que estão sofrendo de heterofobia, que existe cristofobia, invertem os valores e até parecerem os injustiçados defensores das leis. A argumentação segue de tal maneira, que até eu quase me convenço de estar errada e me converto! Retórica comparável à de Hitler.

O que mais me choca é que estas pessoas estejam na política, colocando a bíblia como

verdade universal, promovendo cultos, tentando criar leis que tratem com desigualdade os direitos dos cidadãos, limitando suas escolhas, marginalizando-os, impedindo-os que vivam da maneira como bem entenderem, de constituir a família que quiserem, de amar quem desejarem, justificando a tudo com um livro que não é nada além de um livro e que não é a verdade de todos os seres humanos. O que me estarrece, é que as pessoas estejam profundamente preocupadas com o que as outras estão fazendo em sua intimidade, com quem elas estão vivendo, mais até do que com o amor e a paz entre todas as outras pessoas. Usando palavras populares, o que me espanta, é que dói mais nas pessoas saber que o outro está *dando o seu cu e gostando*, do que toda a violência e todo o resto de merda que acontece na humanidade, que são infinitamente mais importantes e definidoras.

Eu não creio que Jesus estaria se preocupando *com o cu do próximo*, com quantos homens Maria Madalena fez sexo por dinheiro, ou não, ou se a pessoa seria capaz de doar-lhe algo além de um pedaço de pão e uma cama. Mesmo não possuindo uma religião, as mensagens de Jesus, fosse ele um homem revolucionário, filho de Deus, Espírito Santo, ou seja lá o quê, São as mais bonitas que alguém poderia deixar; são mensagens de amor ao próximo, de tolerância e de respeito. AMOR!

Eu já disse e repito, Jesus, nos tempos de hoje, não seria um Cristão. Se ele chegasse ao Brasil em 2015, pensaria estar chegando na Idade Média (ignorando os preconceitos históricos). Jesus diria que a humanidade está perdida e que tudo o que ele ensinou foi distorcido pelos séculos por engenhosos líderes, religiosos e se transformou nisso, na IGREJA. Ele daria meia volta e diria, Pai, eles não sabem o que fazem! Ou melhor, sabem muito bem.

Sobre o sentido da vida

Eu nunca acreditei em santos, nunca beijei imagens, ou gostei dos sermões dominicais. Ia à igreja porque não me era permitido ir a outros lugares, e lá, eu e minha irmã ríamos sem controle de quando a vó depositava cédulas do século passado no cestinho de oferendas ou quando ela queimava cabelo de pobres penitentes nas procissões. Porém, eu já tive medo do diabo, embora nunca tenha acreditado em sua existência (vai que existisse). Adão, Eva, paraíso, céu, inferno, nunca fizeram parte de minhas convicções. Até hoje não entendo como historinhas infantis podem ser verdades absolutas, mas aceito que pessoas precisem, queiram ou não refletir sobre tais histórias. Sem crenças e totalmente contraditória, fui crescendo, em meio ao misticismo incrédulo, crendo em sentimentos e realidades inacreditáveis.

Até que criei ou absorvi uma crença, a de que Deus seja um ser incognoscível, nunca dentro das representações simplórias que conhecemos. Tudo o que conhecemos, e o que não conhecemos, o que não entendemos e que os nossos sentidos não são capazes de perceber, para mim, são Deus. Eu sou parte desse Deus e parte de tudo, que seria uma espécie de organismo. Um corpo, simplesmente imaginando o segredo de tudo. Eu e todo o resto fazemos parte de uma coisa só, somos Deus também.

Qual o sentido de uma vida? Apenas o de ser, estar e reproduzir? Qual o sentido da reprodução? Apenas existir? Qual o sentido de existir? Paradoxo infundável. Quando nos igualamos a todas as outras espécies vivas, e quando nos julgamos superiores, nenhuma resposta é satisfatória. Qual é o sentido de toda essa organização que nós, seres humanos, fazemos neste planeta? O sentido de termos horários, tarefas, coisas, relações? Qual o sentido de se ser feliz, ou triste?

Quase tudo o que nos faz felizes, assim o faz através de nossos sentidos, através de nossos corpos, de nossa materialidade. O prazer de um toque, um beijo, um abraço, o prazer do sexo, do gosto, da beleza, o prazer de um perfume, de um sol batendo numa manhã gelada, o prazer de um cobertor no sofá, de um aconchego, de todas as percepções de um lugar novo, tudo é possível porque temos nossos corpos. Quando morrermos, esse corpo se acabará e se transformará. Qual o sentido? Se nos transformarmos em espíritos, sem nossos corpos e sem os prazeres mundanos, o que restará? Qual seria o sentido da pós-vida? Se tudo o que temos, somos e sabemos se acaba, é ceifado de nós, até nós mesmos somos retirados de nós. Se deixarmos de existir, qual será o sentido de todo o sentimento que tivemos, temos e queremos ter?

Qual o sentido de sofrer por coisas que não temos, relacionamentos que não dão certo, por situações que nos atormentam, por coisas que nós mesmos escolhemos? Qual o sentido de continuar vivendo como máquinas, qual o sentido de absorvermos conhecimento, o sentido de guardarmos memórias, o sentido de fazermos coisas boas? Qual o sentido de não querer e não permitir o sofrimento alheio, se ele pertence a todos? Qual o sentido de se lutar tanto por algo

que se acaba?

Se existe a reencarnação, baseada em evolução pessoal, qual o sentido dos laços, das relações? Tudo o que somos, o que queremos e o que sentimos, é construído através das pessoas que conhecemos desde nosso nascimento. Qual o sentido de sempre renovarmos tudo isso e nunca mais termos as mesmas relações? Qual o sentido da evolução espiritual, por que o cosmo precisa de seres evoluídos, quais suas funções?

Nada faz sentido.

Se alguém conhece o sentido, indique-me o caminho para esse conhecimento.

A eterna mesmice do EU caótico em construção

O mundo nunca é o mesmo, mas o ser humano é, sempre foi e sempre será. O ser humano sempre terá os mesmos medos, os mesmos anseios, as mesmas ambições e sempre usará dos mesmos artificios para se sobressair e conseguir o que almeja. Eu sou uma *Maria Ninguém*, e não tenho legitimidade para explanar sobre qualquer assunto, nem sou filósofa consagrada para traçar esboços teóricos, muito menos socióloga para analisar relações e espaços. Eu sou apenas mais uma observadora das fraquezas humanas, alguém que aprendeu a decifrar pequenos gestos, olhares, palavras e silêncios. Sou alguém que muitos julgavam possuir algum tipo de sexto sentido, e muitos tentaram evitar. Mas, às vezes, eu sei. Muitas vezes, não sei de mim.

A história é dialética, como dizem, é cíclica, e assim o é porque os seres, que são os atores da história, podem viver em locais diferentes, assim como em épocas distintas, podem estar rodeados por tecnologias diversas, podem ter livros, conhecimento, podem ser considerados mais ou menos avançados, selvagens, primitivos ou modernos, mas todos eles possuem as mesmas fraquezas; assim é porque desde que nasce o ser humano precisa aprender do zero a como se relacionar com os seres e com o ambiente que o cerca, precisa descobrir ele mesmo no caos que o seu EU, ainda indefinido pelo escasso apoderamento dos conceitos e vivências externas, se apresenta para si e para os outros. Assim, construindo sua identidade no mundo das relações, seja lá que mundo for este, ele luta o tempo todo com tudo, todos e consigo mesmo, procurando identificar uma faceta que talvez se enquadre melhor no mundo que ele quer construir para si. Esse querer também é construído pelas experiências, pelo que lhe é direcionado como ideal de acordo com cada conceito de felicidade. Sendo assim, esse conceito de felicidade é algo fundamental para a construção da identidade do indivíduo, assim como a identidade da sociedade que adota esse conceito. Ele formará uma geração específica de indivíduos com ideologias e características semelhantes.

O conceito de felicidade parece mudar de tempos em tempos, ele molda épocas e direciona movimentos sociais; felicidade, de acordo com o dicionário, é um estado de bem-aventurança, bem-estar, bom êxito. Todos os seres humanos sempre querem se sentir bem-aventurados e ter bom êxito, mas o significado de ser bem-aventurado e ter bom êxito possui variantes.

Tempos atrás, ser feliz significava possuir alimento, em outros tempos, o ideal era ser digno de se conquistar um lugar no céu, possuir terras, ter uma boa colheita, conquistar a liberdade, ter honra, possuir bens, vivenciar prazeres ditos mundanos, ser reconhecido intelectualmente, ter paz, e a lista segue distinguindo as épocas e os locais. A felicidade almejada é individual, mas é também coletiva, pois faz parte de um contrato acordado nas relações sociais. É esse conceito social dominante em determinada época e local que direciona os indivíduos para este ou aquele lado, que os move, que os faz ser o que são, humanos sempre em luta pela felicidade almejada. Nessa luta pela tal felicidade, os seres humanos cometem

os mesmos atos, os mesmos erros, travam as mesmas lutas, de acordo com a evolução da construção do caos do seu EU, que é individual, coletivo e gradual. Possuindo diferentes níveis de “evolução”, esse EU se encontra com outros “Eus” em semelhantes níveis de aspirações e de complexidade e se unem em busca do que têm como conceito de felicidade. O “NÓS” caótico dessa união desconhece a legitimidade de todos os outros NÓS e desqualifica a mesma luta que possui o mesmo objetivo, mas não possui o mesmo objeto. Assim, as lutas, as vitórias e os erros se repetem dentro da história, esteja o indivíduo num feudo esteja ele em uma grande metrópole pós-moderna.

Eu não queria escrever nada disso, inicialmente, mas isso estava latente. É o meu EU caótico, cada vez mais caótico, me direcionando para uma direção indefinida, que no fim, deságua em algum lugar, ou lugar algum.

Odeio ser mulher.

Odeio quando o ciclo muda e a todo o momento quero chorar, e quando tudo o que irrita se torna insuportável. Odeio quando o fogo pega, mas o sinal está vermelho; odeio ter medo de sair à noite sozinha e me sentir desconfortável quando passar por entre homens. Odeio andar depressa quando um rapaz anda atrás de mim. Odeio que as pessoas sempre perguntem a mim como dou conta da casa, da comida e de tudo, mesmo morando com seis pessoas. Odeio ferir os outros por não controlar meus hormônios. Odeio que as chefes sempre tratem melhor os funcionários do que as funcionárias. Odeio que nunca convidem uma mulher separada para as festas; odeio que as qualidades exaltadas ainda sejam a beleza e a “gostosura” da mulher. Odeio que o lugar da mulher seja na cozinha, com avental e com um sorriso retardado no rosto; odeio nudistas que participam de concurso para saber qual é a ativista mais sexy; odeio que médicos, advogados, líderes religiosos e outros se aproveitem do meu momento de fragilidade. Odeio que subjuguem a minha inteligência. Odeio ser revistada por viajar sozinha para outro país. Odeio ser acusada de abandono por realizar um sonho, uma vez na vida. Odeio ser julgada antes de cometer uma falta. Odeio trabalhar, estudar, criar filhos, cuidar da casa, de tudo, e ainda ser chamada de louca. Odeio ingratidão. Odeio que digam que a minha roupa parece de velha. Odeio os que pensavam que eu deveria continuar em um casamento falido. Odeio que me digam que o meu cabelo fica melhor liso do que anelado. Odeio que me perguntem se eu não faço unha. Odeio que putas me chamem de puta. Odeio que me chamem de “linguiça que vai atrás do cachorro”. Odeio chorar no banheiro. Odeio ter que checar se a minha blusa está fechada quando notar olhares. Odeio que digam que estou “comprando jornal para os outros lerem”. Odeio usar salto. Odeio desperdiçar horas num salão. Odeio pensar que terei que pintar os cabelos.

Odeio tudo isso porque eu me amo.

Mulher, “te ame”!

O ser tem que ter brio!

De acordo com o dicionário on-line_Aulete, brio quer dizer: “Sentimento da própria dignidade e valor; AMOR-PRÓPRIO”.

O ser tem que ter brio! Ter brio significa ter consciência de seu próprio valor, é não aceitar ou fingir aceitar pessoas ou situações que digam o contrário. Ter brio quer dizer ter o poder de dizer que não aceita determinadas coisas que fazem mal, ter a dignidade de se valorizar. Para ter brio, não é necessário ser mal-educado, mas é necessário ter coragem para exigir a dignidade que lhe pertence.

Quem tem brio não finge que nada aconteceu, como se o seu ser não tivesse sido usurpado, estuprado, roubado, arrastado pela lama; quem tem brio não permanece em uma situação que lhe causa negatividade. Quem tem brio não mantém relações com quem lhe prejudicou ou traz más lembranças e sentimentos. Quem tem brio não se deixa passar por quem não tem.

Quem tem brio é dono de sua vida, de seu destino, de sua dignidade. Quem tem brio não precisa se submeter por educação. Quem tem brio é dono de si.

Quem tem brio não vai se confraternizar com demônios, nem vai sorrir para salafrários. Quem tem brio não finge. Quem tem brio sabe que ninguém pode se sobrepor a si mesmo. Quem tem brio *taca o foda-se* quando preciso e quando deve.

Desapego⁸

Gostaria de me desapegar, ser livre e deixar livre, não pensar, não sofrer pela ausência, não necessitar da exclusividade; gostaria de simplesmente viver os momentos, sem me preocupar se amanhã terei mais, ou se o que tenho será de outro. Gostaria de ficar relaxada e dar a todas as coisas o mesmo peso e valor, aceitar que os outros têm o direito de não estarem apegados a mim. Gostaria de me sentar e meditar, ver, ou não ver o tempo passar, transcender... Gostaria de dizer aos que amo, vá! Volte se quiser, e não precisa olhar para trás. Caso assim fosse, não haveria amargura em meu peito a cada ausência, não haveria rugas entre os olhos ou dores pelo que poderá ser; seria totalmente livre e sem sofrimento, bebendo da vida e de seus momentos transitórios. Mas não sou.

Eu sou esse fogo que arde de desejo e de falta, essa vontade do infinito, essa ânsia por exclusividade. Eu sou essa ordem que desenha o futuro, sou essa desordem que anseia o imprevisível. Eu sou aquela que se perde nos momentos e no tempo, aquela que se afunda em pensamentos e delírios, a que está dolorosamente viva e que deseja vorazmente. Sou a que depende, a que sofre, a que ruma, a que entra em desespero e em nirvana. Eu sou essa não evoluída, que ama primitivamente e quer tudo.

⁸ O desejo ardente, a fixação por um par romântico, muitas vezes, atormentou-me por me deixar vulnerável; o que foi descrito acima, o sentimento de falta, a dor, a fixação, os desejos desmedidos, nesse caso, fazem parte apenas de relacionamentos amorosos, não se aplicam a outros tipos de relacionamentos, como o materno ou o de amizade. Talvez, esse seja o hiperfoco de muitas mulheres autistas (o parceiro ou o próprio relacionamento amoroso, que passa a ocupar o centro da atenção dessas mulheres), geralmente mais interessadas em questões humanas e sociais; esse tipo de hiperfoco pode confundir-se (mesmo também incluir), características causadas por experiências familiares e sociais e que geram parâmetros comportamentais e psicológicos típicos do “complexo de Cinderela”, como no caso das pessoas que se identificam como Mulheres que Amam Demais Anônimas (MADA).

Amar é decisão.

Amar é decisão. Decisão difícil, porque amar não é aquilo que acontece logo no início, mas aquilo que continua a acontecer depois que a paixão ardente das certezas se desvanece e as incertezas das revelações começam a chegar. Decidir amar acontece naquele momento em que a idealização termina e nos deparamos com a realidade de todo e qualquer ser humano, com as coisinhas irritantes do dia a dia, com as grandes coisas que foram escamoteadas pela intensidade da paixão primeira. Decidir amar é pesar o bom e o ruim e escolher que o bom vença, pois é mais significativo; decidir amar é tentar ver com os olhos do outro e tentar minimizar a dor do outro sem que isso nos prejudique. Decidir amar é decidir por uma nova vida, com todos os ganhos e as perdas, como em qualquer situação que escolhamos. Decidir amar é abrir mão de sonhos que eram individualizantes e construir novos sonhos. Decidir amar é ter a capacidade de, ao menos, perceber que às vezes é preciso tentar mudar a si mesmo e abrir mão de coisas que não são tão importantes. Decidir amar é priorizar o amado, porque sem a prioridade é melhor seguir sozinho e fazer todas as escolhas sem consequências aos outros, deixando que o outro seja amado como deseja. Decidir amar é decidir entrar em um compromisso e se comprometer. Não se trata aqui de amor à humanidade, mas o amor que resolvemos dedicar a alguém que nos acompanhará por um determinado período.

Não creio em poliamores, mas isso é crença e cada um define a melhor maneira de levar a vida. Mas, quando alguém decide amar o outro, e esse alguém também decide amar de volta, há de haver um compromisso entre ambos. Para aqueles que acreditam em amores únicos e exclusivos, isso leva a uma escolha e a uma decisão, a decisão de amar e de enfrentar as benesses e as consequências de se amar uma pessoa, de corpo e de alma.

Que diabo é a ética?

Ética.

Primeiramente, não existe uma ética universal (a filósofa formada em *Harvard* falando). Supor que exista uma ética universal é corroborar o naturalismo, dizer que o ser humano nasce assim ou assado. Por outro lado, supor que não somos naturais e ignorar que ainda não sabemos quase nada sobre nossa natureza é negar a obviedade que explode sob nossos olhos e que está presente em perguntas infantis das quais nos esquecemos quando crescemos. Como o João-de-Barro constrói sua casa sem nenhuma aula de arquitetura? Como as abelhas sabem produzir o mel e organizar suas colmeias? Como os animais sabem o que é e como é reproduzir, e sabem cuidar de seus filhos? Não é por observar e copiar a ação do outro, mesmo que isolado, saberá o que fazer. Há algo, chamemos, como chamaram, de instinto. Não, não nascemos sabendo o que é bom ou ruim, nascemos sabendo o que devemos fazer para sobreviver e procriar, grosseiramente. Porém, a humanidade se complexificou e o que precisamos saber/fazer para sobreviver, mais ainda. Inventamos desejos que vão além das necessidades básicas, as comunidades cresceram e as dificuldades em viver nelas, mais ainda. Normas, leis, esquemas, estruturas foram criados. A ética também.

Escolhemos a ética e ela nos escolhe. Ela nos escolhe quando nascemos em uma sociedade em que ela está inserida. Nós a escolhemos quando analisamos um determinado conjunto de preceitos morais e preferimos um universo a outro. É o que acontece quando um jovem ocidental decide que matar pessoas e se matar por uma causa oriental e distante é algo legítimo. Ética é escolha e hábito.

Até onde cheguei, percebi que alguns teóricos definem ética com base na sociologia, em Marx; para esses, a ética deveria se basear no bem comum da sociedade, na aceitação de que devemos tratar a todos como a nós mesmos, pois, só dessa forma, haverá harmonia e igualdade dentro da sociedade. Não digo que isso seja correto ou errado, concordo com essa afirmação, digo apenas que é um ponto de vista, como tudo. Considerando que o objetivo individual seja que a sociedade viva em paz, e que essa paz seja benéfica para o indivíduo e para a humanidade, definimos certas regras que poderiam levar a esse estágio de sociedade ideal. É uma escolha baseada em uma lógica. Quando falamos de lógica, não queremos dizer que as considerações sejam inquestionáveis como o resultado de uma equação matemática, mas que o ponto em questão possui um concatenamento de ideias que leva a uma certa conclusão aparentemente lógica. Cada teoria possui sua lógica, até mesmo a de Hitler, que convenceu milhares.

A lógica é construída através de argumentos que movem e comovem, já diria Sócrates com seu *pathos*, *logos* e *ethos* que, no fim não se dividem, mas trabalham conjuntamente.

Deixando essa discussão sobre o que seja ética de lado, o que me levou a escrever mais essa postagem, que ninguém lerá, é o enjoamento crescente que sinto com a hipocrisia e a falta de ética (a corrente em nossa sociedade) de alguns seres viventes.

A mentira é algo exclusivamente humano, obviamente, por depender da linguagem. A mentira consiste em criar fatos, situações, identidades, sentimentos, que não existem e nunca existiram. O mentiroso encena, finge, engana, com a intenção de levar alguma vantagem, seja de espécie material ou social. Para mim, o mentiroso fede e é antiético, dentro da ética que escolhi.

Em alguns casos, a mentira pode ser considerada ética, como quando contada para salvar uma vida. Esse também é o papel da ética, ponderar em que situações é permitido um determinado comportamento. Porém, como podemos perceber no mundo real, a ética serve muito mais para teatro do que para regra a ser cumprida.

Talvez um psicopata que tenha vendido o seu filho para o amante e depois escrito em redes sociais o quanto ama esse filho (mais que tudo nesse mundo), tenha a sua lógica que faz parte de sua ética. Uma pessoa que engana a própria mãe, que a rouba, explora, e tira fotos com ela no hospital, acha que está correta dentro de sua ética individualista; outra que carrega bandeiras de lutas sociais e dentro de casa humilha seus entes, usa da lógica de manter o seu próprio bem-estar. Aquele que fura fila quando encontra amigos, aquele que faz e aceita suborno em autoescolas, aquele que quer pegar mais docinhos nas festas, aquele que pensa que os outros são obrigados a manter seus luxos, trabalham sob uma ética, uma lógica. A ética do individualismo, do *foda-se* todo o mundo.

Ética é escolha. Escolha social e pessoal. Eu escolho ser eu mesma, não ser escrava da opinião alheia, não ter ídolos. Eu escolho não ferir e não enganar. Eu escolho tentar fazer com que a ética de minha família leve em consideração esses pontos; que sejamos pessoas naturais, reais e humanas. Que respeitemos o outro exatamente da mesma forma que desejamos ser respeitados. Que cada um vá e lute por sua sobrevivência e não vá se escorar no outro; que escolham a ética da realidade e da liberdade.

As crianças que matamos.

Gente é um troço engraçado. Nascemos e começamos a interagir com os que nos rodeiam. Crianças pegam no seu cabelo se tiverem vontade, mesmo que seja a primeira vez que o vejam. Crianças correm e abraçam seus amiguinhos quando estão com saudades, crianças choram quando magoadas, crianças demonstram admiração quando uma pessoa bonita se aproxima, e até pedem colo; crianças dançam quando ouvem música, mesmo que estejam dentro de um supermercado, e dançam com a alma, não apenas remexem os membros. Os seres humanos em seu estágio primário de desenvolvimento não sabem o que é adequado, educado, polido. Apenas são quem são.

Um dia alguém vem e diz: *Não pode dançar na rua, que ridículo! Não é educado falar da aparência das pessoas! Você tem que parecer forte, não chore por nada! Endireite esse corpo! Você não sabe dançar, nem tem corpo para isso! Não demonstre tanto que está apaixonado, se valorize! Não pareça ridículo!* Então, você cresce.

Para viver adequadamente, precisamos conhecer as regras que nos tornam seres toleráveis dentro da sociedade. Se quisermos ser tolerados, não devemos fazer ou dizer tudo o que pensamos, se assim fizermos, o mundo se transformará em caos. Para nos adequarmos, vestimos máscaras frias e sorridentes e vamos também tolerando os intoleráveis da vida, desmanchando nossas vontades e reescrevendo as verdades.

Nesse reescrever, nos inscrevemos nos moldes rígidos e afastamo-nos do que nascemos para ser, é a sociedade. Não sabemos mais se sentimos e contemos tudo o que possamos desejar genuinamente, e isso se reflete em nossa maneira de agir e sentir. Tornamo-nos robôs movidos pelas necessidades criadas e programados pelas regras sociais da aceitação.

Chega um momento em que começamos a sentir falta de algo, de nós mesmos, e isso vai crescendo até que não possamos ignorar. Essa falta de nós vai nos incomodando, nos cutucando, até que se torna uma ferida aberta impossível de não ser vista. Quando não mais a suportamos, vamos em busca de remédios que aliviem essa ferida de contenção do ser, pensando que há algo fora de nós que vai nos resgatar a nós mesmos. Alguns viajam até a Índia em busca do sagrado, outros vão ser possuídos em terreiros de umbanda, alguns caem nas igrejas através dos gritos de seus pastores, uns se entregam ao samba, muitos se acabam no funk, ou na *biodanza*. Há também os que escolhem o teatro como maneira de se libertar das amarras sociais, a música, ou qualquer outro tipo de arte. Há quem caia no encanto de drogas alucinógenas, algumas sacralizadas como o Santo Daime. Cada uma dessas pessoas encontra esse momento para liberar o que não pode ser liberado cotidianamente e ser o que falta. Ser humano, com impulsos, desejos, carências e expressão. Reaprender a sentir, movimentar, tocar, se expressar acima de tudo. As pessoas precisam reinventar técnicas para ser de novo crianças e rever o mundo com olhos virgens e interessados, por alguns instantes, ou para o resto da vida.

Há muito sobre nós que não sabemos e talvez, nunca saberemos. Sabemos que existem

coisas que os nossos sentidos ainda não estão aptos a captar, como as ondas de rádio e tantas outras coisas das quais nem podemos saber da existência. Há mistérios não desvendados e que passaram a ser ignorados, e há perguntas das quais nos esquecemos. Esquecemo-nos de notar o milagre que é um ser vivo emitir luz ou mudar a cor de sua pele, ou até mesmo, produzir eletricidade. Esquecemos de observar que uma abelha já nasce sabendo construir sua colmeia, e uma tartaruga, que tem que correr para o mar. Animais nascem sabendo, e nós ainda somos animais. Mas, sabemos apenas que o pouco que podemos captar através de nossos sentidos é capaz de causar alterações em nosso cérebro e nos levar para outro estágio de consciência, como os sons e as imagens. Sabemos que as palavras possuem poderes, pois elas são a representação do real e torna real suas representações. Sabemos que a fé transforma, qualquer tipo de fé, pois ela move e comove. Dessa forma, artifícios sociais que fogem das rotinas sociais (antagônico?), servem bem aos seus propósitos, ajudando-nos e permitindo-nos a ser e a transcender com suas teorias, promessas ou perguntas. Nesse espaço permitem-nos e permitimo-nos a ser tudo e a liberar tudo, para depois re-vestir a máscara dura, boazinha, profissional e sorridente, sem toda a tensão causada pela ferida aberta.

Quem dera pudéssemos ser, apenas. Mas a sociedade nos distorce e depois precisamos de artifícios para lembrar quem éramos.

Ignorando os charlatanismos, o moralismo, os supostos efeitos nocivos que alguns elementos possam causar, os modismos e tudo o que possa parecer negativo, é bom que existam estratégias para que nossas armaduras de robôs não se explodam e para que sejamos capazes de tolerar o teatro que criamos para nós mesmos.

Fogachos: anúncio da decadência?

Eu gostaria de entender quais são os motivos que levaram “Deus”, ou a natureza, a criar e desenvolver a mulher da maneira como que ela foi criada. Por que colocou em nós esses malditos hormônios mutantes que nos martirizam durante toda a existência? Não poderíamos ter um organismo equilibrado como o dos homens e viver tranquilamente, já que somos as responsáveis por gerar a humanidade dentro de nossos corpos?

Começa o tormento na tenra idade, quando chega a primeira menstruação. O incômodo do sangramento é terrível, mas se fosse apenas isso, seria aceitável; a partir daí, transformamos em seres de dor e tormento, alguns dias por mês. Cólicas infernais, desconforto, mudanças de humor. E assim vamos vivendo durante a nossa vida reprodutiva. Será castigo por não ficarmos mais o tempo todo grávidas como antes? Deve ser por isso que a mulher tem sempre sido um enigma para os homens, carregando adjetivos como *bruxa*, *feiticeira*, *maluca*, *histórica*, *frígida*, e por aí descendo ladeira abaixo. Então, quando você pensa que já está quase se acostumando a ser mulher, vem os fogachos.

Quando fiz 30 anos, vivenciei uma pequena crise. A crise dos 30 para as mulheres é real, pois quando você atinge essa idade, você não é mais considerada jovem, pelo menos era o que pensava. Significava que os sonhos já não poderiam mais ser realizados e que eu teria que replanejar a minha vida e aceitar as limitações. Não ia mais dar para ser atriz de cinema internacional. Era hora de encarar a realidade. Foi dureza, mas passou.

Os primeiros fios brancos começaram a aparecer há uns três anos. Por quê, Jesus? Nem comecei a viver ainda. O meu consolo é que as pessoas sempre me davam muitos anos a menos, isso era reconfortante. Até que senti um calor infernal no Natal.

Hoje estou com 41 anos, não era para ser época de pré-menopausa (ao menos na minha cabeça). Ainda não tenho certeza de que estou, mas há indícios sólidos. Estava quente no Natal, mas o calor que senti no peito parecia que ia me queimar inteira, nunca havia sentido como naquele dia. Grandes mudanças de humor, diminuição do período e por aí vai. Os sintomas descritos são terríveis, será que existe vida depois da menopausa? Não é em vão que culparam Eva pela danação humana, tinham que justificar tanto sofrimento.

Segundo as informações, a situação da mulher decai vertiginosamente após a menopausa, a pele fica flácida e seca, aliás, tudo fica seco, muda a libido, cai cabelo, acaba o viço, as unhas descamam, enfim, pode deitar-se e enterrar. Eu digo aos meus filhos que tenho para sempre 18, será que a minha aparência irá se deteriorar na velocidade da luz agora? Será que conseguirei manter a sanidade e controlar todas essas mudanças físicas e psíquicas, logo nesse momento tão difícil em minha vida? Serei velha agora?

Vamos aguardar.

O mundo só vai mudar quando cada um lavar o seu próprio banheiro.

As coisas só vão mudar quando cada um lavar o seu próprio banheiro; isso quer dizer que enquanto houver alguém que pense que outro precise limpar o local onde ele faz suas necessidades naturais, considerando tal trabalho algo indigno de sua santidade, o papo de igualdade não vai deixar de ser papo. Ave, as revoluções e seu legado, mas a revolução verdadeira é mais embaixo.

Igualdade, fraternidade e liberdade, palavras que serviram bem para redesenhar o mundo e acabar com privilégios eternos e divinos, mas, financiando a “igualdade”, havia interesses dos burgueses capitalistas. Mudou? Claro. Mas a igualdade, cadê?

Podemos dizer que em alguns países europeus há outras políticas e culturas que promovem a melhor distribuição de renda, e que muitas pessoas lavam o seu próprio banheiro, obrigada, Jesus! Mas cultura é um troço complexo. Na Índia, por exemplo, as indianas não gostam que outra pessoa cozinhe seu alimento, não por pensar que todos devam cozinhar, mas por não confiarem nos empregados que, geralmente, são de castas inferiores e a estas, são reservadas as fezes da Índia. A metáfora de lavar banheiro significa que as pessoas precisam se ver como iguais, e que não deveria haver níveis ou castas, ou seja, que ninguém deveria ter privilégios a ponto de pensar que limpar a própria merda é algo que apenas pessoas indignas, pobres, ignorantes e amaldiçoadas devem fazer. A questão é o lugar a que cada um pensa pertencer na hierarquia da raça humana; é uma questão de hierarquia social que engloba diversos fatores. Assim, como os velhos reis e sua sociedade pensavam, políticos, burgueses, médicos, advogados, professores, comerciantes, grandes empresários e líderes religiosos, podem julgar pertencerem a uma classe superior dentro da raça humana e que possuem o direito de ter privilégios. Vão lavar seus banheiros, cambada!

A questão não é a de poder pagar por um serviço que eu não quero realizar, pois qualquer trabalho tem o mesmo valor no equilíbrio social, a questão é pensar que eu não posso lavar o banheiro porque simplesmente não posso, pois, o trabalho não é digno de quem eu sou, a ponto de possuir a certeza de que outra pessoa deveria limpar toda a minha sujeira. A questão é essa, a certeza de que somos diferentes e de que alguém nasceu para limpar as merdas que eu fiz.

Enquanto isso não mudar, não creio que haverá igualdade, se é que isso seja possível, apesar e além de todas as revoluções.

Mundo de gente falsa

Existem pessoas que são a falsidade em carne, ossos e apliques. As sobrancelhas são pintadas com hena e transformam-se em duas lesmas pretas, muitas vezes, totalmente destoantes do resto do rosto e, algumas vezes, dão à expressão um ar carregado e carrancudo; para *empoderar-se*, os cabelos são tingidos de louro, também para disfarçar os brancos. Aos naturais tingidos são ainda adicionadas algumas camadas de cabelo comprado, o que se percebe ao se conviver mais intimamente com a pessoa, quando são acariciadas placas ao invés de couro cabeludo. Seios normais são desvalorizados, o belo são duas bolas enormes e descoladas dentro da pele. Algumas ainda passam por cirurgias para retirada das costelas, outras, cortam e esticam a barriga, aspiram as gorduras, colocam mais bolas nas nádegas e nas coxas e, muitas, tomam substâncias para que o corpo se transforme naquilo que se diz ser harmonioso, o que o corpo não parece ser naturalmente. Os lábios são preenchidos, tornam-se proeminentes e, às vezes, até mesmo as bochechas fofinhas são retiradas! Artifícios de beleza, como sempre.

A beleza é cada vez mais necessária e exposta para a apreciação universal dos dedos para cima. Temos que ser belos, legais e falsos. Temos que dizer o que parece ser legal, vestir o que é descolado, ir para onde está em alta, todos os dias, para que invejem nossas fotos de viagem. Temos que parecer insanamente felizes e ativos, recebendo rajadas de ódio e inveja disfarçados de elogios amáveis e extremados; assim, vamos estabelecendo o que é real e relevante em nossa existência.

Debaixo da loiridão e do botox, a falsidade ainda é maior do que a que se é perceptível. O ativismo, a preocupação, a prontidão, a piedade, a inteligência, a ira e principalmente a felicidade são representações das representações representadas. Tudo falso. A falsidade é tão gritante e universalmente endêmica que me contamina e em seguida vomito. Enjo-me com as dissimulações e enjo-me por estar presa nesse pandemônio. Morri e fui para o inferno.

Ser madrasta

Sempre que pesquisava sobre as dificuldades de se ser uma madrasta, eu me deparava com textos e depoimentos dos mais diversos, a maioria deles falava dos pontos negativos de se envolver com homens que já tinham filhos. O problema é que o tipo de relacionamento entre mulheres e filhos do companheiro parece ser mais complicado do que o relacionamento que o homem desenvolve com os filhos de sua parceira.

Eu sempre leio em textos as pessoas dizendo que a madrasta não é a mãe e nunca será, que precisa se comportar como amiga e ganhar a confiança das crianças, precisa entender as dificuldades delas e compreender que elas tenham ciúmes em relação ao pai. Concordo plenamente, mas as coisas são mais complicadas quando as crianças moram com o pai e a madrasta, e esta, tem sim, não que tomar o lugar, mas, que fazer o papel de mãe.

Os primeiros conflitos podem ser os que se relacionam com as diferenças nas visões educacionais que os pais possuem. Se uma madrasta for muito liberal e o pai mais rígido, isso poderá gerar grandes embates na relação dos dois e da família em geral; ciúmes que os enteados venham a sentir dos pais e dos filhos dos cônjuges dos pais, descontentamento pela mudança de vida, da rotina e do ambiente, saudades da antiga situação, e tantas outras coisas, podem ser pedras infernais nos sapatos da nova família que se forma. Ser uma madrasta dentro desse turbilhão não é nada fácil. Mas, uma frase que li em algumas dessas reportagens dizia: Não dá para consertar o que você não quebrou. Concordo. Mas precisamos criar estratégias para viver com os cacos que restaram, e isso é “osso”.

Sempre haverá referências às situações passadas, palavras mal ditas, explosões de vez em quando; mas haverá também a criação de algo novo, algo que vai se transformando com o tempo, com as palavras e as ações. A madrasta que mora com os enteados não pode ser tratada como mera companheira do pai; e não pode aceitar ser uma mera peça dentro de sua própria casa. A casa, o lar, é governada pelos adultos que resolveram se unir e juntos tomam decisões para o bem deles e dos filhos de ambos. Os filhos tomarão decisões quando forem capazes financeira e mentalmente. E pronto.

Ninguém é obrigado a cuidar nem dos próprios filhos se não quiser, basta dá-los à adoção. Talvez seja obrigado a lhes dar dinheiro para se manterem, nada além. Se alguém está disposto a acordar, lhes preparar o café, saber se fizeram as lições, se as unhas estão grandes, se os cabelos estão enebados, penteados, os dentes escovados, se estão andando descalços, deitando-se sujos, se estão com fome, se estão doentes, se os dentinhos caíram e a fada do dente trará uma moedinha, esse alguém não é uma mera peça; se ainda esse alguém está menos preocupado em ser chato do que ensinar-lhes que não devem comer com as mãos, falar de boca cheia, que devem repartir com educação, lavar o que sujar, fazer as coisas por eles mesmos, agradecer, aceitar que nem tudo pode e que deve se comer de maneira adequada, esse alguém não é apenas o companheiro do responsável. Esse alguém é aquele que vai construir maquetes

e bonequinhas de festa junina, que vai comprar o presente baratinho, mas que sabe que vai agradar; é o alguém que ficou porque quis. Esse alguém não é só a companheira do pai.

Eu já disse, não sou madrasta, sou *madre*. Não tem nada relacionado com madres religiosas, mas com a origem da palavra mãe. Sou mãe dos meus de sangue, a quem muito amo e dediquei minha vida, e sou madre de meus enteados, que também estou aprendendo a amar. Não faço nada em troca de respostas, nem retribuições futuras, apenas exijo o respeito que mereço. E que haja muitas pessoas que estejam dispostas a lhes ensinar coisas que os tornarão capazes de serem pessoas dignas e felizes.

Eu sei o meu lugar, e não desejo mais que isso.

Sobre o direito à preguiça e a sociedade do cansaço

A moral capitalista, lamentavelmente paródia da moral cristã, fulmina com o anátema o corpo do trabalhador; toma como ideal reduzir o produtor ao mínimo mais restrito de necessidades, suprimir as suas alegrias e as suas paixões e condená-lo ao papel de máquina entregando trabalho sem trégua nem piedade. Já dizia Paul Lafargue, genro do tal do Marx em O direito à preguiça.

Não me considero marxista, socialista, ou comunista, na verdade ainda não compreendi totalmente e profundamente essas teorias que falam sobre a maneira que o capital deveria ser gerido e o papel do Estado em tudo isso. O que eu sei é que hoje, e desde há muito, nós estamos nos tornando escravos de nós mesmos, de nosso medo da imperfeição e da nossa vontade de ser sempre estimado e superestimado. Temos medo de não sermos bons o bastante, de que a nossa reputação se destrua rapidamente, com a mesma velocidade que recebemos informações inúteis de todos os lados.

Mesmo que, teoricamente, a igreja não interfira no Estado (apenas teoricamente, porque, aff, já sabemos), a ideologia cristã que nos impõe a culpa pelo ócio e trata a preguiça como um dos sete pecados capitais, é um discurso que está entranhado em nossa cultura, em nosso ser, em nossa maneira de viver. É um dizer que fala antes de nós e em nós, e que o tal do capitalismo se apropriou exultantemente para nos convencer de que o trabalho é o objetivo e o que dá sentido à vida. “Deus ajuda a quem cedo madruga”.

Amigos, não digo que devemos ficar deitados na calçada à espera de esmolas de transeuntes ou do governo, o que eu digo é que não deveríamos nos sentir mal em apenas aproveitar os momentos, desligados dos trabalhos que se dizem produtivos, mas que não acrescentam nada além de estresse. Jesus disse “Olhai os lírios do campo”. Jesus destruiu o comércio no templo. Contemplemos os lírios!

Imaginemos que agora, depois de ter lido isso, saíamos para comprar algo no mercado e nos aconteça algo que nos leve à morte, será que estaremos satisfeitos com a vida que vivemos? Será que o tempo foi suficiente e as atenções foram bem divididas? Será que valeu a pena todos os “nãos” que deixamos de falar? O que é desperdiçar tempo, afinal?

Há um ensaio que fala sobre essa questão, *A sociedade do cansaço*. Vale a pena refletir sobre essas questões, pois são nelas que nossas vidas estão baseadas, são elas o que dizem o que é importante.

E os gêneros?

Está só um pouquinho complicado viver nesse mundo de hoje, mas eu penso que isso não é de agora. Essas invencionices humanas, desde que a linguagem se criou, se formatou ou se liberou, essas invencionices de nomear e significar, de fazer sentido, discursar, são o que fazem de nós o que somos, seres humanos. Uma palavra não se descola de seu tempo, mas, saindo de seu tempo, pode ser reinventada, ressignificada, por diversos motivos e circunstâncias, e é por isso que é tão difícil decifrar, traduzir textos que não são contemporâneos. A memória discursiva despertada por uma palavra, o que ela invoca em nosso cérebro e o que ela liga em nossa memória semântica, as conexões e as operações cognitivas que ela permite operar, são, às vezes, indescritíveis.

Para não discriminar, inventaram a moda de trocar por “x” (ou @, e, entre outros) a letra que designa gênero no português, que são o “o” e o “a”. Até mesmo em palavras comuns de dois gêneros, como estudantes, tacaram um x e ficou estudantxs. Em nossa língua, que, segundo esse raciocínio sobre as maneiras de designar, é machista, é regra colocar no masculino a palavra que se encontrar no plural (como “alunos”) quando esta estiver se referindo a apenas homens, ou a homens e mulheres. Em algumas línguas, há desinências que diferenciam plural só de mulheres, só de homens e de ambos, assim como nomes específicos para cada membro da família e por aí vai, mas não em português. Em outras, o plural não é marcado pelo “s”, mas por outra letra. Em inglês, até onde sei, geralmente, não há essas desinências de gênero, mas palavras femininas, masculinas e neutras.

Quando dizemos “a cobra”, a palavra cobra é um substantivo epiceno, mas a palavra pode ser considerada como pertencente ao gênero feminino porque ela solicita o artigo definido ou indefinido feminino, e termina em “a”; isso não quer dizer que ela, a cobra, seja uma fêmea. É possível dizer “o cobra”, mas a expressão já carrega outro sentido. O mesmo acontece com janela, folha, tartaruga e tudo o mais.

Pois então, gênero, na gramática, não quer dizer sexo, tem a ver com as desinências, concordâncias e esses parangolés gramaticais. Agora, gênero, no cotidiano, quer dizer muitíssima coisa, e como tudo faz parte dos discursos, ou, os discursos fazem parte de tudo, ou, os discursos nos mostram quem somos e onde estamos, as palavras fogem da gramática e clamam por ressignificar, ou, por significar o que não pareciam significar até então. A maior discussão recai sobre as pessoas que não se sentem pertencentes ao gênero sexual que seu corpo pareceu ser ao nascer, de acordo com as definições de feminino e masculino que temos (ou seja, ter pênis ou vagina) e assim sendo, reivindicam o direito de serem o que elas sentem ser, e de serem nominadas de acordo. Isso, na prática, se torna complexo.

Confesso que me perdi nas classificações dos grupos que não se denominam apenas como homem ou mulher, de acordo com as condições de nascimento. Além da questão de não se sentirem pertencentes ao sexo escrito na certidão de nascimento, há a questão da

sexualidade, ou seja, a pessoa pode ou não se sentir homem ou mulher, de acordo ou não com o gênero sexual original, mas ainda assim, pode querer, desejar, ou ter nascido para se relacionar com pessoas de gênero diferente, mesmo gênero, ou com todos eles, ou, ainda, com nenhum deles e dezenas de possibilidades. Então, a questão primordial não é sobre as desinências, é sobre a identidade e sobre a sexualidade, é sobre como a sociedade encara, trata, respeita ou desrespeita as diferenças, é sobre o peso que se é dado a essas questões e sobre o sentimento de dor, exclusão e impotência de quem possa ser considerado diferente.

Essa ideia de colocar o "x" como desinência pode ser interessante para a militância, mas não é nada prática. Primeiramente, não há como pronunciar essa bagaça; outra coisa, impede a leitura eficiente para os programas de acessibilidade para pessoas com deficiência visual. É, no entanto, simbólico e evidencia a posição ideológica de quem escreve a mensagem.

Considerando tudo, como, nomear, chamar por alguém sem ofender, como identificar a identidade? Devemos clamar por *Allah*, para que nos mostre as designações, as desinências e os substantivos apropriados? Como saber se a pessoa que está entrando no banheiro feminino, mas que possui traços, corte e trejeitos considerados socialmente como masculinos, ou vice-versa, está "apta" a utilizar aquele banheiro ou não, ou se a pessoa gostaria de ser tratada como "a" ou "o"? Deveria existir um banheiro "x"? (Eu, particularmente, acho que é preciso acabar com banheiro comunitário identificado por gênero, em nossa casa, não vamos em grupos ao banheiro e nem há um banheiro para cada gênero).

Alguns nos dizem para evitarmos usar palavras que precisem de designações de gênero, que usemos palavras genéricas, ou substantivos sobrecomuns, como "pessoa"; outros dizem para perguntarmos diretamente para a pessoa como ela gostaria de ser tratada, mas sabemos que isso não é um troço fácil de se fazer em nossos dias, sem nunca ter visto antes a pessoa em questão. Só por eu estar questionando esse uso do "x" poderia ser acusada e apedrejada por intolerância, quando o meu intuito é refletir sobre a intolerância e as ações atuais. Não está fácil saber como lidar com as peculiaridades, como nunca foi.

Um dia, em um seminário, um rapaz apresentava o seu projeto que iria falar sobre pessoas transexuais que possuíam canais no YouTube; quando me atrevi a comentar que um rapaz da pós-graduação da minha universidade faria um trabalho sobre a travesti Pablló Vittar, ele quase me fuzilou com suas palavras artificialmente polidas, dizendo que Pablló Vittar era travesti e uma coisa não tinha nada a ver com a outra. Obrigada por me informar.

Então, meu povo, a discussão é essa: o que faremos para tratar dessa questão de designações, desinências e intolerâncias? Não faço a menor ideia.

Família normal

O caçula começou a contar as histórias tristes de um coleguinha, falou sobre as brigas que o menino havia presenciado entre os pais, que não moram juntos, sobre o hábito da mãe de beber e todas aquelas coisas capazes de estilhaçar uma infância. Contando essa história, olhou para mim e disse: “Coitado, ele queria tanto ter uma família normal igual a nossa...” Estranhamente eu me senti surpresa e feliz por ele considerar que a nossa família seja normal. Isso demonstra que o conceito de família normal está mudando, felizmente.

Ser mulher, separada, trabalhadora, mãe de dois filhos, tentando terminar o curso de Letras e cuidando de todas as contas e serviços da casa não é tarefa muito fácil. Algumas vezes sinto que vou explodir e tenho vontade de ficar sozinha, sem fazer absolutamente nada, de não me preocupar com o almoço ou se o uniforme do menino está lavado; gostaria de poder dizer que não irei trabalhar e ficar o dia todo assistindo a filmes românticos na televisão, ou sair sem rumo, observando as coisas e as pessoas. Gostaria de me sentir livre.

Depois que virei “mulher”, a minha criatividade desapareceu quase que totalmente. A teoria sobre o ócio produtivo é corretíssima, não existe criatividade se a mente não tem espaço e liberdade para devanear, e se o corpo clama por descanso; não existe criatividade quando a rotina e as obrigações não nos deixam respirar. Se os grandes artistas renascentistas não tivessem os seus mecenas, nunca veríamos as magníficas obras que existem até hoje.

Enquanto isso, eu fico aqui, pela quarta vez matriculada na disciplina *Projeto de Monografia* e com o coeficiente de 5,8 pontos por zerar na mesma disciplina por três vezes consecutivas. A minha mente simplesmente não consegue produzir nada intelectualmente proveitoso, talvez por eu não conseguir encontrar nada de proveitoso em se discutir estilos e *blábláblás*.

Mas estou aqui, caminhando, sozinha levando apenas a minha cara e a minha coragem. Ao menos, sinto-me realizada por saber que o meu filho considera que nossa família seja normal, algo inimaginável algum tempo atrás.

A decadência da educação no Brasil: existem soluções?

A minha história com a escola é um pouco traumatizante, tanto que quando vou até um ambiente escolar chego a me sentir mal. Nunca aconteceram eventos além dos que ocorrem nas escolas todos os dias, talvez eu sempre tenha sido muito sensível e estranha, uma alienígena. Mas o fato é que o ambiente escolar é realmente traumatizante para muitas pessoas e, dependendo das vivências que um aluno ou um professor tenha, talvez vejam as suas vidas transformadas para sempre.

A razão pela qual estou expondo a minha relação com a escola é para servir de exemplo de motivos pelos quais a escola está em decadência no Brasil; tantas mudanças ocorreram nas últimas décadas e é gritante a necessidade de uma reforma geral em todos os métodos de ensino, convívio e, principalmente, no esclarecimento dos papéis de cada um dentro desta instituição. A meu ver, alguns fatores são os responsáveis pela escola ter se transformado nesse local repulsivo e incontrolável, uma bomba prestes a explodir:

Desvalorização e inferiorização do professor

Antigamente, o professor era sinônimo de sabedoria e merecia respeito, era um dos mais importantes profissionais, pois através dele, as portas do conhecimento e do trabalho se abriam. Lentamente, essa imagem foi sendo transformada e ao invés de serem tratados com respeito máximo, os professores, hoje em dia, são chamados de “vagabundos”, “folgados”, “sem o que fazer”, como ouvi inúmeras vezes mães falarem nas portas das escolas. Os pais se queixam de que eles trabalham “meio horário”, de que têm duas férias por ano, e que não fazem o papel deles que é o de educar os filhos dos outros. Esses pais foram influenciados pelas propagandas negativas dos governos que foram se sucedendo, gerando essa imagem que vem sendo perpetuada. Se uma criança ouve do pai essas palavras, como poderá respeitar aquele que lhe ensina? Que valor dará ao seu professor?

A questão do tempo é totalmente distorcida, pois o professor vive sufocado com turmas numerosas, dezenas de provas, trabalhos para corrigir e elaborar, planejamento de aula e aperfeiçoamento. Se um professor quer ser um bom profissional, ele deve planejar e continuar estudando e, com certeza, o tempo nunca será suficiente.

Enquanto a sociedade mantiver esse estereótipo do professor, será difícil que as coisas mudem dentro da escola.

Desvalorização da profissão

É difícil entender por que todos os profissionais que possuem nível superior recebem salário muito maior do que do professor, se a ele é exigido o mesmo nível. Quanto à

importância da profissão, embora eu seja contra classificar trabalho por importância, o que será mais importante que formar cidadão? Quanto aos professores do Ensino Fundamental, estes deveriam ser os mais valorizados, pois possuem a tarefa mais difícil que é a de ajudar a construir os conceitos e as bases éticas de uma pessoa. São coisas óbvias, mas, que a sociedade se recusa a ver, pois, para o governo, com certeza, não é interessante que a maioria das pessoas tenha um pensamento crítico e consiga tratar as coisas com mais clareza.

As interpretações do Estatuto da Criança e do Adolescente

Não critico os direitos das crianças e dos adolescentes, mas as interpretações e o que veio depois deles. Hoje em dia, um aluno não pode ser expulso da escola, mesmo que ele atire fogo ao professor. Inventaram o slogan de que “lugar de criança é na escola” e a interpretação que fizeram disso foi: as crianças e os adolescentes têm que ficar dentro da escola até os dezoito anos, mesmo que sejam marginais, traficantes, estupradores e assassinos. Para o governo e a sociedade é melhor e mais fácil que a criança fique dentro da escola do que nas ruas; a escola se tornou não um lugar de sabedoria e instrução, mas um lugar para guardar as crianças. O professor agora tem que ser psicólogo, policial, ator e palhaço, o papel que mais é obrigado a fazer. Nada nem ninguém está lá para ajudá-lo.

As crianças que querem estudar e aquelas que têm questões familiares e sociais complicadas, mas que ainda enxergam algum sentido na escola, são obrigadas a conviver com marginais de todos os tipos e com os que estão na escola por serem forçados a estar, e nada, nem ninguém irá convencê-los a se comportarem ou a se interessarem seja lá pelo que for. Obviamente, o professor não terá nada a fazer, porque ele é apenas um professor, não o salvador da pátria.

O buraco nos lares

De alma feminista, uma vez me indignei com um professor que disse que a causa dos males foi a mulher ter saído para o mercado de trabalho. Depois, analisei bem a fala dele e concluí que, de certa forma, ele tem razão. Não há nada mais difícil no mundo do que educar um outro ser, isso requer tempo, afeto, disposição, disponibilidade, laços e muita paciência. A mulher conquistou o seu lugar no mercado de trabalho, mas o que ficou no lugar dela? Antes, elas viviam para as suas famílias, educando os seus filhos, acompanhando, conhecendo os seus filhos; hoje, não há ninguém fazendo esse trabalho, mais uma vez, sobrou para as instituições. Não que seja o papel da mulher, esse papel é da família. O pai, a mãe, algum outro familiar precisaria estar assumindo esse papel de educação e de amor para com os seus filhos. Não é a escola que tem que educar, a escola é um local de instrução, de conhecimento, e isso deveria estar bem esclarecido.

Distorção dos direitos e dos deveres

Hoje, as crianças e adolescentes sabem dos seus direitos e lutam por eles, mas não sabem dos seus deveres. Sabem que nada lhes acontecerá se cometerem algum delito, que não serão punidos, que a vida continuará como sempre fora (mais uma vez, a culpa não é do Estatuto da Criança e do Adolescente, pois ele prevê medidas socioeducativas para menores infratores, o problema é que não há uma estrutura apropriada para a aplicação do Estatuto). Estamos criando monstros insensíveis e que não conhecem os valores básicos de convivência, como o respeito aos mais velhos, às normas sociais, às hierarquias (porque há uma hierarquia quando falamos de direitos, deveres e maturidade para se tomar decisões). Respeito não quer dizer silêncio ou não questionamento, mas tratar o outro como se quer ser tratado e obedecer às regras de convivência. Infelizmente, sem as noções básicas que deveriam ter recebido da família, de como conviver com outras pessoas, tratar, e obedecer às regras sociais, o que temos hoje, muitas vezes, são crianças e adolescentes incontroláveis, pensando que conhecem toda a razão do mundo e possuem todos os direitos, sem precisar respeitar nada.

Instituição capenga

A escola como é hoje está em ruínas. É um ambiente sombrio, repressor, quase um presídio. Muitos profissionais parecem ter saído de um filme de terror sobre quartéis gerais, gritam como loucos e travam uma luta fria de poder com os próprios colegas de trabalho. Em muitas escolas, o professor não tem a liberdade de criar e de propor novos projetos, trabalham como a décadas. Porém, para uma renovação da escola, deveria haver uma renovação da sociedade, pois de nada adianta um ambiente renovador para uma sociedade que não está pronta para usufruir deste.

Logicamente esse assunto é muito complexo e há muitos pontos além desses, mas penso que se faz urgente uma mudança nas estruturas de nossa sociedade, sobretudo, é preciso pensar sobre os conceitos da palavra “educar”, redirecionando os deveres e os direitos a quem se deve.

O que é Deus?

Um dia, perguntei quem era Deus, ninguém soube me responder. Mandaram-me calar, coisas divinas não deviam ser questionadas; por que eu deveria continuar sem saber sobre o que todos tinham certeza? Se todos tinham certeza, por que era proibido que me explicassem?

Outro dia percebi que não existia só um Deus. Como assim, cada um tinha um Deus, isso pode? Como podem existir tantas regras e maneiras de se viver e de se sentir o mundo, as pessoas e o próprio Deus, ou Deuses? Se havia essa multiplicidade, será que, na verdade, ninguém tinha certeza de quem era Deus, ou será ainda que, não existia Deus?

Um dia questionei Deus. Se você é o pai, o poderoso, por que permite a crueldade, a fome, as guerras, o sofrimento dos inocentes? Afinal, por que nos deixa neste mundo a “Deus dará”, se iremos morrer e nem temos certeza se existe vida após a morte? Nenhuma religião tem provas, ninguém tem nada além de fé, por que eu deveria crer, ter essa fé, ter esperanças? Se tantas pessoas tão mais necessitadas e bondosas do que eu, pedem e recebem apenas sofrimento, por que ouviria as minhas preces? E se existe mesmo um Deus, por que ele ouviria qualquer prece, seria ele o nosso escravo realizador de desejos? Que diacho é isso tudo que chamamos de vida?

Na escola, aprendi que cada um vê Deus de uma maneira diferente. Os deuses para os gregos eram como humanos portadores de poderes especiais, manipulavam os destinos, eram cruéis, gostavam dos prazeres carnis e se misturavam às pessoas; para os indígenas, os deuses eram representados pela força da natureza. Para os cristãos, Deus é onipresente, onisciente, onitudo, poderoso, pai bondoso, mas castigador, um ser que está lá para reger a humanidade, podendo também ser representado por seu filho humano, Jesus. São tantas concepções que nem imagino, mas Deus sempre está presente na história.

Um dia perdi a fé. Na verdade, ninguém tinha certeza de nada e eu nem sabia mais se rezar fazia sentido. Talvez a vida fosse mesmo esse “filme cheio de som e fúria e significando nada”, talvez eu devesse apenas seguir em frente até a morte, sem nada esperar. Talvez não devesse sonhar.

Outro dia tive esperança. Eu estava dentro do buraco e não sabia direito o que queria, mas tinha certeza do que não queria. Resolvi enfrentar os meus medos e lutar por mudança, mesmo não enxergando nada pela frente. Coloquei o meu pé adiante, mesmo sem nada enxergar e notei que o caminho se abriu no momento exato! Percebi que tive fé. Nesse momento, tive a certeza de que quando andamos no caminho da verdade, quando não temos medo de ir em busca do que queremos, quando sabemos que temos que caminhar e não tememos, “Deus” nos dá a mão. Sim! Eu ainda não sei quem é esse Deus, na verdade eu acredito que Deus é tudo, como se tudo fosse um corpo e talvez Deus fosse o cérebro. Acho que tudo se conecta nesse universo, tudo conspira, como já diriam a lei da atração, os livros de autoajuda (nem creio que estou dizendo isso) e por aí vai. Todas as formas que Deus toma e que nos ajudam a caminhar,

todas elas são Deus. Seja Jesus, Nossa Senhora, Ganesh, Buda, Lua, tudo é Deus.

Hoje eu creio. Tenho visto boas pessoas, que andam em caminhos retos e que não têm carga negativa ou desejo de prejudicar os outros, quando estas precisam, têm coragem e andam em frente, as portas se abrem. Não adianta ficar dentro de uma igreja orando, parado, implorando, com medo de seus próprios desejos. Temos que nos aceitar, aceitar nossos desejos e acreditar. Deus estará lá. Ainda não sei por que estamos aqui, se iremos para algum lugar, se a vida tem sentido. O que sei é que estou aqui agora e o que quero agora, depois é depois.

Hoje Deus está em tudo e todos, eu estou em Deus e Deus está em mim.

Considerações sobre o aprendizado de línguas

Aprender uma língua estrangeira é algo extremamente complicado, principalmente depois que passamos da infância. Enquanto ainda estamos frescos, além do cérebro e do corpo estarem mais abertos para receberem novos conhecimentos, ainda estão sendo formados os conceitos e as ligações que fazemos no processo de aquisição da linguagem, por isso se torna mais fácil aprender novas línguas. Isso não quer dizer que seja impossível aprender uma nova língua depois que saímos da puberdade; há pessoas que nascem com a maior facilidade para aprender novas línguas, mas, mesmo para os “cabeças-duras”, essa não é uma tarefa impossível.

Quando aprendemos uma língua nova, temos que aprender, ao mesmo tempo, cinco coisas:

Vocabulário novo;

Gramática nova;

Fonemas novos;

Prosódia nova;

Dependendo da língua, caracteres novos.

O vocabulário, obviamente, vai ser totalmente desconhecido, a não ser por algumas palavras ou sentenças que podem estar disseminadas em nossa própria língua. Como não conhecemos nem mesmo todo o vocabulário de nossa língua materna, a dificuldade de se acumular um arsenal *palavrórico* que nos permita comunicar leva tempo e dedicação.

Uma das maiores dificuldades, a meu ver, é o conhecimento da gramática. Em algumas línguas existem diferentes flexões e declinações, assim como a ordem estrutural é modificada, coisas que só podem ser apreendidas também através do tempo e da dedicação.

Além de sons que talvez nunca tenhamos ouvido e que dificilmente saberemos pronunciar como os falantes nativos, ainda temos que aprender qual som cada letra de nosso alfabeto vai assumir em cada língua. Como adivinhar, por exemplo, que o “J” em espanhol vai assumir o som de nosso “R” aspirado do início das palavras, e que o “H” vai ter o mesmo som em inglês e hindi? Como saber que o “R” sempre será pronunciado como o tepe de baRata em hindi, mesmo no início da palavra e que em inglês nem existe esse som? E por que diacho em francês *Je parle (párle)*, *Tu parles (párle)*, *Il/Elle parle (párle)*, *Vous parlez (parlê)*, *Ils/Elles parlent (párle)* se escreve diferente, mas a pronúncia é praticamente a mesma?

Bem, imagine então que você vai aprender japonês, chinês, ou alguma outra língua que não seja alfabética e os símbolos são totalmente alienígenas para você! Haja amor nessa empreitada! Sem falar que a ordem da leitura pode variar tornando tudo muito mais árduo.

São características particulares de cada língua que deveriam ser expostas e explicadas desde o início da aprendizagem da língua; alguns métodos excluem da sala de aula o idioma

materno, o aluno tem que deduzir, sentir, *osmosear* o idioma novo, tornando tudo mais difícil e às vezes nos levando a cometer erros. Detalhes que não nos são familiares ou facilmente dedutíveis devem ser claramente explicitados, isso economizaria tempo e neurônios.

Não disse tudo isso para desanimar os pretendentes à corte das línguas, ao contrário! É um desafio maravilhoso e gratificante. Não, eu não sei falar outras línguas, sou apenas uma apaixonada pelas humanidades. Mas, um dia, se Deus quiser, vencerei os desafios e estarei apta a me comunicar de uma maneira que nunca havia imaginado.

Entrevista com algumas mulheres que receberam o diagnóstico tardio.

A maior reclamação de mulheres que foram diagnosticadas tardiamente como autistas, ou com “síndrome de Asperger”⁹, é sobre o despreparo de outros profissionais que não conseguiram identificar os sinais do transtorno do espectro autista (TEA) quando elas foram buscar respostas para perguntas que as atormentaram a vida toda.

O autismo é diagnosticado quatro vezes mais em meninos do que em meninas, esse fato colocou o autismo, por muito tempo, como uma condição que pertencia majoritariamente ao gênero masculino, mas estudos recentes estão demonstrando que os sinais buscados para o diagnóstico são diferentes em cada gênero.

Pesquisas demonstram¹⁰ que meninas costumam “camuflar” as características do autismo, pois elas parecem ter maior facilidade de “aprender” certas regras de comportamentos e de tentar aplicar essas regras para se adequarem ao que parece ser necessário nas interações sociais; além disso, o comportamento quieto e tímido é preferível socialmente para as meninas, o que impede que uma menina que fique isolada e evite interações sociais seja vista como “esquisita”.

O espectro autista varia em graus que vai do mais severo ao mais leve, onde foram colocados aqueles que antes eram chamados de Asperger, classificação que ainda é usada por alguns especialistas devido às especificidades.

O diagnóstico do autismo necessita ser feito por profissionais adequados e, preferencialmente, especializados no assunto, pois não existem exames físicos¹¹ que atestem a condição; as características encontradas naqueles que estão dentro do espectro, são, em graus diferentes: dificuldades de comunicação e interação social, padrões repetitivos, restritos e estereotipados de comportamento, atividades ou interesses, hiper ou hipossensibilidade, entre outras.

O diagnóstico adequado, para algumas pessoas, pode representar uma resposta para questões que ficaram sem retorno por toda uma vida, ou seja, saber mais sobre sua condição e compreender suas especificidades, traz o conforto do autoconhecimento e do reconhecimento nos outros que também estão na mesma condição de neuroatípicos; assim sendo, abre-se a possibilidade de inserção em um mundo do qual sentia-se não fazer parte e no qual sempre se parecia inadequado.

9 De acordo com o DSM-5 (Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais), houve a fusão do Transtorno Autista, do Transtorno de Asperger e do Transtorno Global do Desenvolvimento no Transtorno do Espectro Autista, embora essa fusão não seja unânime para alguns membros da comunidade científica que vêem diferenças significativas em quem era diagnosticado como portador da Síndrome de Asperger em relação ao autista.

10 <https://progene.ib.usp.br/autismo-em-mulheres-os-custos-da-camuflagem-do-autismo/>

11 Atualmente estão sendo desenvolvidos alguns exames que podem ajudar no levantamento de possíveis características autísticas, como o exame de rastreamento ocular e o genético.

Quatro mulheres foram convidadas para falar sobre suas condições, sobre o processo do diagnóstico tardio e sobre o que isso representou em suas vidas.

Thaís Fernanda, 41 anos, é formada em psicologia, mas conseguiu atuar pouco e diz que no momento não se considera psicóloga. Ela nos conta que recebeu o diagnóstico há três semanas e relata sobre seu sentimento de estranhamento:

“Eu sempre me senti estranha, diferente em relação às outras pessoas. Eu percebia como as outras pessoas mantinham a amizade, conseguiam conversar sobre diversos assuntos e eu não percebia questões sensoriais que me atrapalhavam muito de conviver em família, fazer viagens com os amigos. Comecei a perceber que o tempo estava passando e eu não conseguia me encaixar em nenhum emprego, sentia muito cansaço em estar no meio das pessoas, também passava muito mal só de ir ao banco. Essas e mais outras questões me fizeram desconfiar de que havia algo mais que o transtorno bipolar do qual fui diagnosticada desde adolescência. Diziam que a bipolaridade era refratária e que não melhorava com remédio, isso me parecia muito injusto, então comecei a ler muito sobre o transtorno de espectro autista e tudo ia fazendo sentido, foi então que eu resolvi procurar um neurologista especializado em autista e andei 300 km para receber meu diagnóstico”.

Roselene Alves, 39 anos, é servidora pública e foi diagnosticada em março de 2020. Segundo ela, foi a desconfiança da irmã que a levou a procurar o diagnóstico:

“Tenho interesse em assuntos restritos (hiperfoco), prefiro vestir roupas extremamente confortáveis, tenho sensibilidade à luz e ao barulho, tenho dificuldade de ter amizades, dificuldade para mostrar afetividade, dificuldade para abstrair, entre outras coisas. Então, meus sintomas da bipolaridade estavam estáveis, minha irmã percebeu essas e outras características e sugeriu que eu procurasse um psiquiatra para fazer o diagnóstico. Fui lá e realmente as características batem. Na infância, eu só comecei a falar aos cinco anos de idade e eu tinha fixação por um gato de plástico, em geral, os autistas têm fixação por objetos. Entretanto, meu hiperfoco era desenhar mapas do mundo inteiro, decorando capitais e cidades. Eu comecei a ler a partir dos dois ou três anos de idade. Eu fui para a escola, sabendo ler e escrever. Fui ao psicólogo aos cinco anos e fui identificada como uma criança de altas habilidades.”

Desirée Andreza, 31 anos, diz que não consegue trabalhar:

“Procurei um profissional, pois sempre me senti um alien, sempre sozinha, sempre pensando diferente das outras pessoas. Minha infância foi bem difícil, ficava sozinha, só tinha meu cachorro que sempre estava comigo, que sempre foi muito carinhoso. Meus pais brigavam muito comigo por eu ser estranha, sofri abuso na infância, bullying.”

Thais também fala sobre a solidão e o bullying na infância:

“Minha infância foi marcada de muita solidão, muito bullying na escola e dentro de casa, muita incompreensão, muito choro, pois ninguém compreendia que as mudanças de comportamento, as minhas crises, eram em decorrência da mudança repentina da rotina e sobrecarga sensorial. Analisando hoje, vejo que se tivessem olhado minhas questões com mais carinho, com mais profissionalismo, teriam evitado muitos problemas que eu enfrentei

na adolescência; na fase adulta fui rotulada de carrancuda, assexuada, preguiçosa, mandona e fresca, a maioria dos rótulos vinham de dentro da minha própria casa. Como eu até conseguia, mais ou menos, ter um amigo, mesmo que durasse pouco, as pessoas achavam que eu não tinha problema nenhum, mas, na verdade, fui muito sozinha. Eu não ia bem na escola e era taxada de preguiçosa, mas eu não conseguia prestar atenção, não fazia as tarefas em casa e ficava andando sozinha pelo quintal conversando com pessoas que não existiam. ”

Sobre a vida adulta, Roselene diz que a condição acaba interferindo:

“Afeta bastante porque eu não sou uma pessoa muito sociável e eu não tenho muitos amigos. No meu trabalho, sou uma pessoa muito sincera e não me adapto bem ao código de conduta. Com isso, não sou muito querida no ambiente de trabalho. Eu tenho que contar sempre com a compreensão da chefia sobre as minhas limitações. Com o meu chefe, eu tenho tido respaldo nas minhas atividades.” Desirée também conta sobre suas dificuldades:

“Trabalho, não consigo, já tentei, mas como sou muito quieta, os patrões acabam mandando embora. Na vida pessoal é complicado também, pois não é todo mundo que entende como enxergamos e sentimos o mundo. ”

Os problemas gerados pela incompreensão ou pelo desconhecimento interferem em todos os setores da vida, como nos diz Thaís:

“Tenho família hoje, sou casada, tenho dois filhos; por mais dificuldade que meu marido tem em entender (até pela falta de estudo dele), ele é o que mais entende meus rituais de sono. Porém, há a dificuldade de sair à noite ou de ir ao almoço em família. Eu sei o quanto é difícil conviver com um Asperger mas também é muito difícil para mim conviver com o resto da família, pois eles não se interessam em fazer menos barulho para não desencadear uma crise, não se interessam em estudar o que é transtorno do espectro autista, eles vivem no mundinho deles e eu não tenho apoio nenhum da família. Esses dias meu irmão disse que eu não tenho cara de autista, que o neuro deve ter errado no diagnóstico, o que me deixou muito chateada porque já sei o que vem pela frente. Toda essa falta de empatia que dizem que o autista tem, eu não consigo enxergar em mim. Todas as vezes que eu tento me forçar a ter um comportamento neurotípico, eu passo muito mal depois, demoro uns dois, três dias sentindo muito cansaço e muito deprimida. Para mim seria muito importante pelo menos que a minha família se interessasse pelo assunto.”

Thaís fala também sobre as dificuldades diárias:

“Eu sinto muito cansaço, eu preciso me programar um dia inteiro antes de sair de casa, por exemplo, escolher qual roupa vou vestir, como vou prender meu cabelo, qual o horário que eu vou começar a me trocar para não chegar atrasada, porque eu sou muito pontual. Essa rigidez de pensamento me faz sofrer demais, eu não consigo fazer de outra forma porque se sair do previsto eu tenho uma crise eu me descontrolo, eu choro, grito, parece que o mundo acabou. Outra questão que me atrapalha muito no trabalho é ter que lidar com a demanda dos outros, eu fico muito cansada, eu preciso sempre descansar uma hora entre um atendimento e outro, isso quando eu estava na clínica, lá e eu não conseguia atender muitos pacientes por dia, e depois

que eu chegava em casa, precisava descansar por uns dois dias seguidos, então eu percebi que estava na profissão errada.”

Uma das maiores dificuldades que o autista enfrenta é a socialização e a manutenção das relações, pois muitos dos que estão dentro do espectro podem ser considerados estranhos, inapropriados ou arrogantes, por não conseguirem seguir regras sociais ou por não se interessarem por assuntos que não tenham ligação com seu hiperfoco, além de não se sentirem confortáveis em situações em que tenham que “socializar”. Thaís também fala sobre essas questões:

“No convívio com outras pessoas, a minha rigidez de pensamento, meu hiperfoco, sempre com os mesmos assuntos, faz com que eu perca o interesse de estar com as pessoas porque eu já comecei a perceber que minha conversa é desinteressante. Eu só sei falar sobre meia dúzia de assuntos e as pessoas se cansam, eu entendo. Quando estou com minhas amigas e elas ligam o som para ouvir alguma música, com o passar do tempo, começo a ficar irritada; eu não demonstro, mas começo a passar mal, meus pensamentos embaralham e eu preciso ir embora, por isso sempre sou taxada de chata.”

Receber o diagnóstico pode ser um alívio para algumas pessoas, relata Desirée:

“Quando recebi o diagnóstico, foi de certa forma um alívio, pois me senti um pouquinho desse mundo, comecei a me entender melhor, entender por que não gosto das coisas que a maioria das pessoas gostam, entender por que sou tão quieta e às vezes não consigo falar, fiquei feliz em saber quem eu sou. As maiores dificuldades em receber o diagnóstico foram meus pais, não moro com eles, mas tinha certeza de que iriam brigar, e, acho, o preconceito de algumas pessoas.”

Roselene disse que o diagnóstico já era esperado:

“Para mim, era o esperado. Eu estava pesquisando em jornais e revistas científicas sobre o autismo e muitas das características eram bastante semelhantes ao meu comportamento em geral. Então, eu já esperava.”

Já, para Thaís, que recebeu seu diagnóstico recentemente, os sentimentos ainda são confusos:

“Receber o diagnóstico foi muito ambivalente; ao explicar tantas coisas difíceis que eu passei a minha vida inteira, me ajudou a tirar uma tonelada das costas, mas, ao mesmo tempo, tenho que formular o luto de não ser uma pessoa neurotípica. Eu sempre fiquei pensando que uma hora iriam inventar um medicamento novo para bipolaridade e eu iria me estabilizar, mas hoje, com diagnóstico, eu sei que eu tenho muita coisa pela frente e eu sei que eu me canso fácil e perco interesse e o foco, então isso me dá muito medo porque eu sou uma mulher de 41 anos, com 2 filhos, sem profissão, sem renda, sem aposentadoria e sem saber o que eu preciso fazer daqui para frente.”

Sobre os pontos positivos e negativos de se conhecer o diagnóstico, Roselene nos diz:

“Tem pontos positivos sim, a gente tem um gama de direitos, como as filas preferenciais, desconto em passagens aéreas, a questão do IPVA, a minha chefia me ajuda bastante, minha

família tem me ajudado muito também, existe um gama de direitos. Tem pontos negativos também, eu não tenho muitos amigos, conto nos dedos os que eu tenho, fora os que eu pego emprestado da minha irmã. Queria reagir melhor às emoções, não é muito fácil. Não sou muito sociável e detesto multidões. Sem contar que eu não consigo abstrair o contexto de algumas frases ou expressões. Tudo isso me impacta como autista.”

“Pontos positivos em ser TEA, conseguir não se expor por ser muito quieta. Consigo as vezes ficar no meu mundo, como se fosse um mundo de fantasia, ali me sinto bem. Não ver maldade nas coisas, porém isso também é algo negativo, pois acredito em tudo e pode ser uma mentira; ponto negativo, o preconceito”, conclui Desirée.

Depoimentos

Ser feliz é uma questão de escolha.

Esse texto não é catequético, muito menos um manual para encontrar a felicidade. Ele é um relato de alguém que poderia ter tudo para ser a pessoa mais infeliz do mundo, mas prefere seguir um caminho mais harmonioso para a felicidade.

Pode parecer que eu seja alguém muito leve, mas muito pelo contrário. Eu sou daquelas pessoas que preferem ser felizes e ter razão ao mesmo tempo. Eu tenho convicções bem firmes. Não foi à toa que escolhi ser pesquisadora e prosseguir meus estudos. Não posso me dobrar diante de situações que impliquem o enfraquecimento da Ciência. Ainda mais porque estamos em tempos ainda difíceis, em que as pessoas não respeitam mais a pesquisa como fonte de informação.

Tudo isso significa que ser feliz é uma questão de escolha. E não precisa de muita coisa para encontrarmos a felicidade. Para mim, basta estar em uma pequena casa de um sítio, longe da tribulação da cidade grande e respirando o ar puro. E eu nem toquei no assunto “dinheiro”, porque eu acredito que o dinheiro não traz felicidade.

“Ela é muito diferente.”

Eu sou a quarta dos nove irmãos. Meu pai casou-se duas vezes e sou a mais velha do segundo casamento dele. Quando eu nasci, minha mãe disse que foi um dos dias mais frios do ano. E que a gravidez era esperada.

Eu nasci no dia 24 de junho de 1981, depois de quase 44 semanas de gestação. Minha mãe me contou que eu era um bebê que chorou muito alto ao nascer e que chorava muito. Tinha situações que ela não sabia o que fazer para conter o choro. Uma vez, ela me levou para a rua, para me acalmar. A tática deu certo.

Sempre fui uma criança com uma sensibilidade fora do comum. Eu chorava muito e isso começava do nada. Minha família achava que eu era chorona mesmo. Só depois de adulta, com o diagnóstico, é que fui perceber que o meu quadro sensorial era muito bagunçado e que era uma das características do autismo.

Comecei a falar aos cinco anos de idade, após um tratamento com um psicólogo. Minha mãe me levou até a ele, pois eu não falava nada. A minha irmã de três anos foi uma espécie de coadjuvante no tratamento e nas dinâmicas, pois ela falava tudo. Nesse tratamento, fui identificada como “altas habilidades” e o psicólogo pediu que minha mãe me matriculasse em uma escola particular, pois o ensino é mais puxado; só que minha mãe falou que não tinha condições financeiras de fazer isso.

Aprendi a ler sozinha aos dois anos. Esses são os sinais da hiperlexia, em que a criança

não tem a fala bem desenvolvida, mas podia ler com mais desenvoltura. Eu estava brincando na sala, quando meu pai estava lendo o jornal. Eu não falava nada, mas eu li a manchete do jornal e o meu pai ficou impressionado. Ele chamou minha mãe, que acabou não acreditando. Ele leu o jornal, li a manchete novamente e ele chamou minha mãe de novo, que acabou acreditando no fato.

Minha mãe sempre me achou muito diferente das minhas irmãs. Eu ficava mais quieta, não conseguia me socializar nas brincadeiras. Eu conseguia brincar com uma irmã, mas não com duas irmãs. Eu acabava desistindo da brincadeira. Gostava muito de ficar assistindo a televisão e tinha apego aos objetos. Eu gostava de um gato amarelo de plástico e, quando ele sumia, eu sentia aflição.

Com as minhas características, minha mãe tentou me levar ao médico, para tentar respostas sobre o meu quadro. Ela me levou a um neurologista, para saber o que eu tinha, mas o médico não me deu uma resposta, a não ser um calmante nos casos de nervosismo. Quanto mais eu tomava o calmante, mais nervosa eu ficava, e minha mãe interrompeu o uso. Foram feitos exames e nada de uma resposta a respeito. As informações sobre autismo em meninas eram algo muito incipientes. Até hoje, os médicos não possuem tantas informações a respeito.

Meu diagnóstico surgiu muitos anos depois, aos 38 anos, quando eu estava na cozinha. Minha mãe pediu que eu fosse jogar fora uma vasilha com uma manteiga, porque minha sobrinha tinha usado bórax nela. Eu tinha entendido que era para jogar apenas a manteiga, do jeito que minha mãe tinha falado. Por causa da minha literalidade, minha irmã me observou e depois conversou comigo, dizendo que eu poderia ser autista. Isso me pegou de surpresa, pois não imaginava isso, ainda mais com a idade que eu tinha.

Conversei com minha psiquiatra (eu tenho uma condição associada ao autismo), e ela fez duas sessões para elaborar o diagnóstico, uma comigo e outra com minha mãe. O diagnóstico saiu após quatro meses da suspeita. Foi um peso que tirei das minhas costas, porque eu fazia muito *masking* e tinha muitos problemas de autoestima. Depois do diagnóstico, tornei-me ativista da causa, pois percebi muitos obstáculos que a pessoa com deficiência possui na sociedade, que é capacitista.

Além de ser autista, sou “altas habilidades”. Lembrei-me de todas as dificuldades que eu passei na infância e na adolescência. Todas elas relacionadas à minha tentativa de ter um círculo fixo de amizades, de ser aceita como eu sou, de não ser lembrada somente na hora de explicar uma matéria na escola e todas as outras que me marcaram de forma profunda. Eu fui ter amizades somente na universidade e, mesmo assim, tinha gente que me enxergava como se eu fosse uma pessoa esquisita. Passei por inúmeros sofrimentos, até que o diagnóstico mostrou que eu posso me amar intensamente, do jeito que eu sou.

Graças ao diagnóstico, consegui me identificar com a área acadêmica. Estou fazendo doutorado e dedico-me à pesquisa na minha área de atuação, que é Arquivologia. Porém, pretendo fazer pesquisas na área de Antropologia da Deficiência, porque é uma área que precisa ser desbravada. Existe muita coisa a ser escrita e pesquisada. Tenho melhorado bastante na

parte psicológica: sei exatamente o que eu quero e tenho me cuidado mais, para não ter crises. Tenho sessões com a psiquiatra e a psicóloga, que têm me auxiliado na minha autonomia.

A minha família tem sido muito importante. Minha autonomia tem sido respeitada. Minha mãe é uma grande amiga, tem me ajudado muito. Quando eu atuo como ativista, eu converso com as pessoas a respeito da autonomia do autista e dos lugares em que ele pode ocupar na sociedade. São tópicos importantes, porque se eu sou concursada, doutoranda e tenho minha autonomia respeitada na minha família, eu acredito que os demais autistas também podem ter isso.

Roselene Cândida Alves, arquivista, 41 anos de idade, doutoranda

Queria ser invisível.

Sou uma mulher autista, tenho 33 anos, sou mãe, nerd, tenho depressão, lúpus, asma e outras comorbidades. Cresci sem diagnóstico, sem tratamento, isolada. Minha infância e adolescência foram muito difíceis, sempre me senti estranha, esquisita, muitos me machucaram e me maltrataram fisicamente e psicologicamente, fui abusada quando criança.

Nunca quis fazer coisas que adolescentes faziam, como passear com os amigos, namorar. Preferia ficar no meu quarto com meu ursinho e potinhos de leite fermentado. Cresci. Com 20 me casei para fugir, fugir do sofrimento. Acabei me casando com um abusador e agressor, mesmo quando eu estava grávida, ele me maltratava. Tive que fugir mais uma vez.

Durante todo esse tempo, vivi sem tratamento adequado, sem terapias. O que os outros faziam era apenas me colocar em clínicas psiquiátricas (após tentativas de suicídio), que me dopavam de remédios. Pelo menos dopada, não sentia a dor de todo sofrimento que passei e estava passando.

Quando fugi do meu ex-marido para outra cidade, consegui ajuda, me levaram a um psiquiatra que me deu o laudo correto de autismo, nível de suporte dois, esquizofrenia, depressão, anorexia. Não faço terapia ainda, pois não consigo, me sobrecarrega emocionalmente ter que falar, prefiro escrever. Ainda tenho muita dificuldade em falar e conversar.

Mas, depois do laudo, me senti aliviada, comecei a me entender, a me aceitar um pouco, pois sempre me culpei de todas essas maldades que fizeram comigo. Ainda não me sinto desse mundo, não sinto que faço parte daqui, mas agora eu me entendo melhor, agora pelo menos sei quem eu sou.

Não é fácil sobreviver em um mundo típico, ir ao mercado, farmácia, qualquer lugar é muito difícil, são muitos estímulos, muita pressão para que sejamos “normais”, muita crítica por sermos nós mesmos. Muitas vezes queria muito, muito mesmo ser muda e invisível.

Desirée, 33 anos, graduação incompleta

Diagnóstico tardio

Meu nome é Sharon Oliveira, tenho trinta e cinco anos e possuo dois cursos superiores, sendo um concluído (Gestão de processos gerenciais) e um trancado no quarto período (serviço social); iniciei recentemente o curso de pedagogia com a intenção de apoiar e alfabetizar crianças com dificuldade de aprendizagem, assim como eu tive, e, posteriormente, meu filho teve, pois não obtive auxílio na fase de alfabetização, acarretando muito sofrimento e traumas nessa fase da infância. Como 85% da população autista do nosso país, ainda não me adaptei ao mercado de trabalho formal (ou ele não se adaptou a mim) então, trabalho por conta própria com estética.

Recebi o diagnóstico aos 35 anos, após perceber em meu filho (diagnosticado em 2017) traços parecidos com os meus; perguntei a psiquiatra dele, na época (CAPS), como eu deveria agir, então fui seguir os passos que me foram indicados: avaliação neuropsicológica e consulta com psiquiatra, posteriormente.

Na minha infância, percebia que era mais quieta e calada, não gostava de expor meus sentimentos, não entendia o mundo ao meu redor de forma sentimental, mas, sim, racional. Eu me sentia muito deprimida ao sair de casa e ficar em um ambiente movimentado ou com muito barulho e era considerada uma menina triste pelos familiares, andava sempre nas pontas dos pés e não era meu costume olhar diretamente nos olhos; não tinha interesse nas conversas dos meus pares da mesma idade, mas era muito aficionada em desenhos animados e séries de TV, repetia suas falas. A dificuldade de aprendizado era algo marcante que acarretou muito sofrimento e prejuízos; sem o apoio adequado, repeti o segundo ano do fundamental, sofria bullying e violência dos outros alunos incessantemente, o que gerou baixa autoestima e comprometimento na relação com a escola. Pedi aos meus pais para me trocarem de escola, onde fui mais bem acolhida, e a aprendizagem foi mais fluida e menos sofrida, sem “matar” aula por não saber fazer o dever de casa e ter medo de ir à escola e não entregar.

Minha família são meus filhos, meus pais e meus três irmãos; a relação é próxima com minha mãe por aceitar minha condição e me dar apoio em minhas dificuldades, meu filho mais velho é Asperger e minha filha neurotípica, eles são a realização da minha vida.

A minha condição é desconhecida pela maioria dos meus familiares, estou contando aos poucos e quando começo a falar e perguntar como eu era quando criança, começa a fazer sentido para eles o motivo de eu ser como era, mas não contei nem para meus irmãos devido à falta de compreensão, desconhecimento e evidente julgamento que virá. Apesar de serem irrelevantes as opiniões, o foco é superar diariamente as minhas dificuldades e conquistar a minha tão sonhada independência financeira e profissional.

Minha condição afeta, sim, a minha vida pessoal e profissional. Nos relacionamentos afetivos, sempre houve problema de comunicação pela literalidade, sempre levando pro lado

negativo qualquer comentário feito sobre mim e minhas atitudes, perdendo o interesse por completo na pessoa; para a outra parte do relacionamento, a intolerância sempre houve com minha falta de filtro e minha ingenuidade por não compreender linguagem não verbal, por não conseguir fazer a leitura facial, e é muito difícil saber as intenções das pessoas, muitas vezes prefiro me isolar do que receber julgamentos e má interpretação.

Gostaria de dizer a quem comete capacitismo no meu convívio todos os dias, que não espere acontecer com você para ter empatia com o próximo, não espere acontecer que um filho seu nasça em uma condição semelhante para respeitar e tentar compreender, mas, se não puder, apenas respeite e nos deixe conquistar com nossos passos, às vezes lentos, nossas pequenas vitórias diárias.

Receber o diagnóstico foi muito difícil pelo processo e tempo que levou, mas quando finalmente consegui, senti uma falta de esperança em saber que talvez não conseguiria realizar tudo aquilo que eu sonhava, saber que meu cérebro demora cinco vezes mais para aprender me deixou chocada, exatamente por QI médio superior, sempre entendi o que era esperado de mim e sofri por não conseguir alcançar o que de mim era esperado; desenvolvi uma depressão de grau severo com ideias suicidas durante oito meses em 2017, mas com terapia e medicamento, consegui melhorar, medicamentos que ainda tomo. Libertadora também é uma palavra que descreve a sensação de receber o diagnóstico, porém, mesmo com todo o esforço empregado nas minhas atividades, não obtive o sucesso esperado para os pares da minha idade, não me encontrava nem no mundo dos autistas, nem no mundo neurotípico, então recebi o diagnóstico de TANV (que está dentro do TEA devido as semelhanças das dificuldades com habilidades sociais, literalidade, linguagem não verbal), além de outras dificuldades persistentes em matemática, prejuízo na cognição visuoespacial, coordenação motora e percepção sensorial.

A maior dificuldade para se receber o diagnóstico correto é a falta de profissionais especializados no SUS, tornando as consultas e as avaliações muito onerosas para famílias com o poder aquisitivo mais baixo. Devido à depressão, os médicos do CAPS sempre falavam que eram traços de personalidade e que se eu fosse autista, jamais olharia nos olhos e seria inteligente, o que me causou muita dor por eu já ter um filho diagnosticado, ter estudado sobre assunto há quase três anos e já possua mais conhecimento do que alguns profissionais da saúde devido ao hiperfoco como traço forte no autismo (TANV); é como você fazer uma pós-graduação no assunto por estudar o dia, porque não conseguia parar.

Os pontos positivos em ter TANV são o de ser mais racional e não sofrer por motivos fúteis, ser objetiva e obstinada, ser disciplinada e não fugir das regras de comportamento aprendido. Os pontos negativos são as dificuldades de socialização, devido ao mercado de trabalho ser baseado nas relações e não somente no esforço e dedicação, assim como a falta de apoio para alcançar as potencialidades que podemos alcançar, sabendo do nosso potencial e dedicação. Outro problema é a disfunção executiva para realizar tarefas normais e cotidianas para outras pessoas, como ir a lugares novos, por exemplo, conviver em novos ambientes e compreender o que é esperado na vida profissional e familiar.

O TANV (Transtorno de aprendizagem não verbal) é um transtorno do desenvolvimento, caracterizado por deficiências visuoespaciais, embora o indivíduo apresente habilidades verbais e inteligência dentro dos parâmetros normais ou acima da média; o TANV é semelhante à Síndrome de Asperger e é uma condição complexa e refere-se a uma condição diferente do mesmo tipo de desordem.

Minha vida mudou muito depois do diagnóstico devido à autoaceitação e à compreensão do meu tempo e das minhas habilidades, o que me fez entender minhas qualidades depois de ser excluída e julgada por toda minha vida, eu pude reconhecer que ser diferente não é um defeito e que ser sincero e honesto não é a parte defeituosa da sociedade e sim a falsidade exigida nas relações profissionais e pessoais. Não quero e não preciso mais me encaixar, só preciso de respeito e de aceitação.

Sharon Paola dos Santos Oliveira é estudante de psicologia em tempo integral na UFMG, mãe e esposa

Para saber mais

YouTube:

Canal Luna ABA : <https://www.youtube.com/@lunaaba/featured>

Asperger ou autismo: <https://www.youtube.com/watch?v=qLlISxT9Pcc&t=88ss://www.youtube.com/watch?v=veGSIaZ3M6Q&t=167s>

Lygia psicopedagoga : <https://www.youtube.com/@lygia.pereira>

Dr. Thiago Lopes Desenvolvimento Infantil |Autismo: <https://www.youtube.com/@DrThiagoLopes>

Sites:

Autismo e realidade : <https://autismoerealidade.org.br/>

Leis: <https://autismoerealidade.org.br/convivendo-com-o-tea/leis-e-direitos/>

Pesquisa sobre as causas do autismo: <https://www.youtube.com/watch?v=IMqrt...>

Site sobre os genes ligados ao autismo: <https://gene.sfari.org/>

DSM 5: <http://www.institutopebioetica.com.br/documentos/manual-diagnostico-e-estatistico-de-transtornos-mentais-dsm-5.pdf>

Maior metanálise da história sobre autismo: <https://nationalautismcenter.org/national-standards/>

Leituras:

A diferença invisível - Mademoiselle Caroline

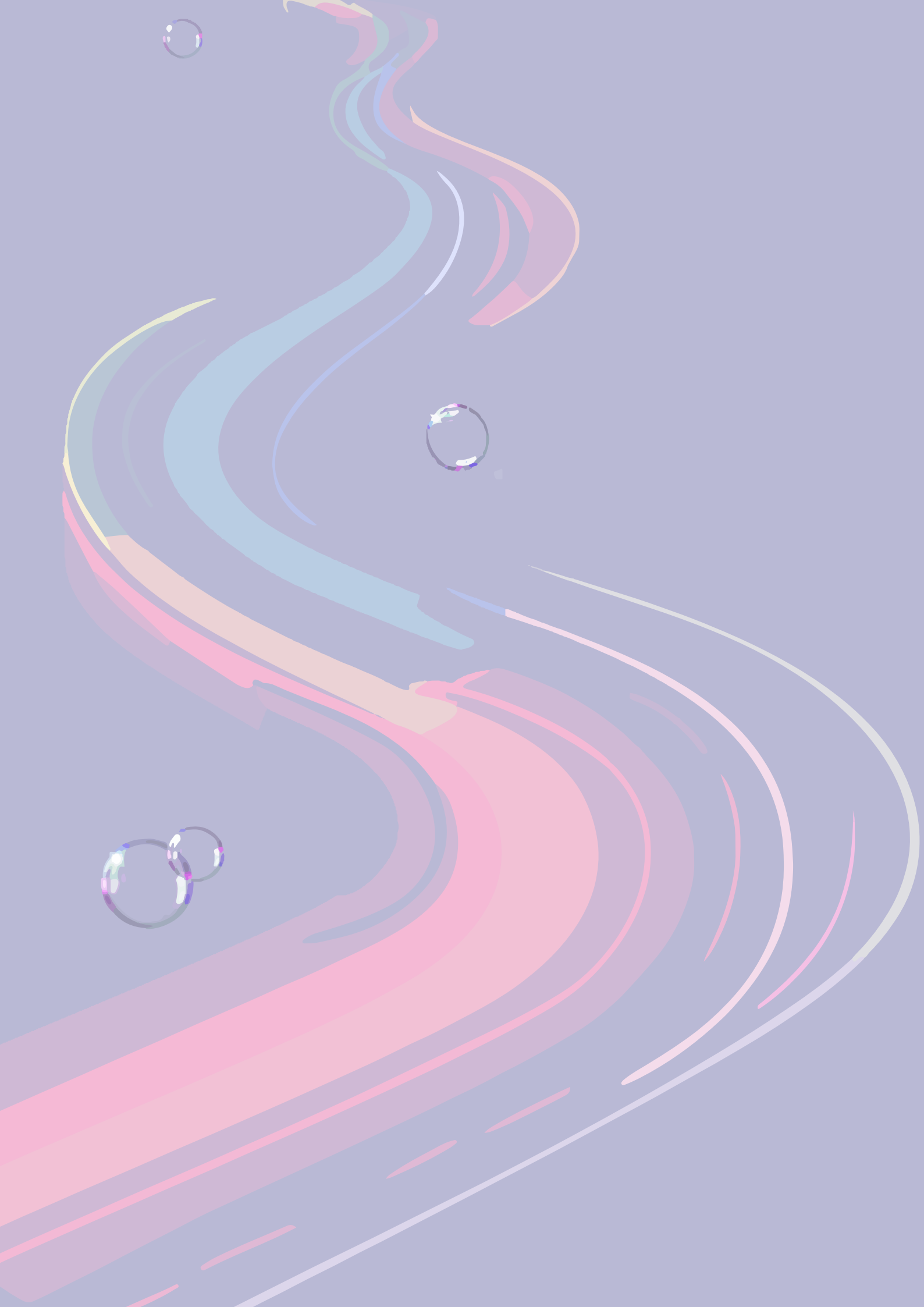
O cérebro autista: Pensando através do espectro - Temple Grandin

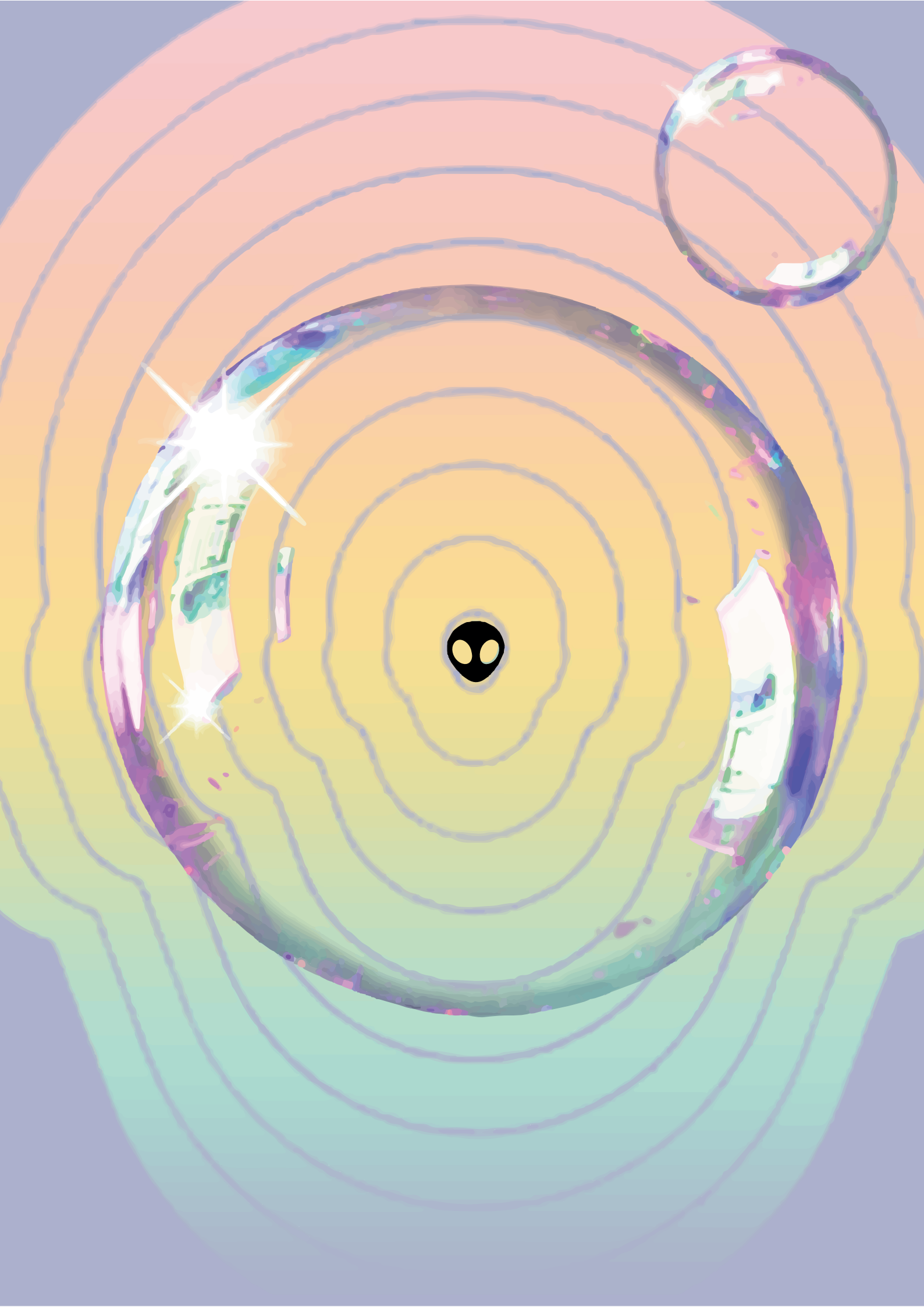
As crianças de Asperger - Edith Sheffer

Revisões Sistemáticas sobre a Integração Sensorial:

SCHOEN, Sarah A. et al. A systematic review of ayres sensory integration intervention for children with autism. *Autism Research*, v. 12, n. 1, p. 6-19, 2019.

SCHAAF, Roseann C. et al. Efficacy of occupational therapy using Ayres Sensory Integration®: A systematic review. *American Journal of Occupational Therapy*, v. 72, n. 1, p. 7201190010p1-7201190010p10, 2018.







Luciana Ferreira é graduada e mestra em Letras pela Universidade Federal de Ouro Preto, especialista em docência pelo Instituto Federal de Minas Gerais – campus Arcos, e assistente de biblioteca no Instituto Federal de Minas Gerais – campus Ouro Preto. Em sua trajetória, participou de diversas atividades como teatro (Companhia Teatral *As Medéias*) e Coral do IFMG – Ouro Preto, assim como trabalhou em comissões, projetos de extensão e atuou como membro do NAPNEE (Núcleo de Assistência à pessoa com Necessidade Especial Específica) na Instituição em que trabalha. A autora teve uma coletânea de contos e crônicas aprovada para publicação pelo edital comemorativo dos 50 anos da UFOP, em 2019.





Este livro foi editorado com as fontes:
Times New Roman (Bold e Regular), Arial (Regular), Ohno Softie Variable (Medium).

Versão digital (e-book), em acesso aberto, disponível em:
<https://www.ifmg.edu.br/portal/pesquisa-e-pos-graduacao/editora-ifmg>

